



UNIVERSIDADE DA BEIRA INTERIOR

Artes e Letras

Programação Infantil na Rádio Malanje: estudo de caso do programa “Recreio Infantil”

(Versão final após defesa)

João Leandro Funete Fernandes

Dissertação para obtenção do Grau de Mestre em

Jornalismo

(2º ciclo de estudos)

Orientador: Prof. Doutor João Manuel Messias Canavilhas

Covilhã, julho de 2019

Epígrafe

Para fazer uma criança crescer feliz são necessárias duas coisas: Amor e educação.

Anónimo

Dedicatória

À minha família, em especial aos meus filhos Antoniel Morilo, Leandra Clara e Vilma Caputo. Aos meus sobrinhos Domilde Júnior, Ayla Patrícia, Kerene, Milker e Adinalte. À equipa do Recreio Infantil da Rádio Malanje e de forma geral do Rádio Piô da Rádio Nacional de Angola por abraçarem o compromisso de formar, informar, educar, instruir e entreter as crianças.

Agradecimentos

Antes de tudo agradeço a Deus, Pai todo-poderoso pelo dom da vida e o fôlego de viver.

Agradeço ao meu orientador, professor Doutor João Manuel Messias Canavilhas pelo empenho e acompanhamento que dedicou a este trabalho, pois, sem os quais não teria sido possível levar esta pesquisa a bom porto. Agradeço também aos meus entrevistados pela disponibilidade.

Agradeço aos meus pais, António Manuel da Cruz Fernandes, Cecília Funete e Maria Teresa Joaquim, por me terem feito homem, pelo suporte em tudo que precisei, pelas palavras de encorajamento e esperança que sempre me deram, mesmo a distância entre continentes que nos separava, foram fundamentais para que eu pudesse trilhar este caminho de aventura que com certeza jamais irei esquecer.

Aproveito, igualmente, para demonstrar o meu apreço à minha esposa Esperança Caputo por toda a atenção, apoio, carinho e, sobretudo, compreensão, pois apesar da distância sempre me deu o apoio e palavras de consolo que foram úteis para a conclusão do meu mestrado. Aos meus irmãos, obrigado.

À Angelina Canjengo, Dinis Sebastião Paulo, Maria Massunga levar-vos-ei pelo resto da minha vida. À Jéssica Rodrigues, ao João Amaro, ao Maf, ao Dr Marco Luís o meu muito obrigado.

Uma palavra de apreço também à Universidade da Beira Interior (Portugal), ao coordenador do curso de mestrado em Jornalismo, Dr. José Ricardo Pinto Carvalheiro, ao professor Ricardo Morais, professor João Correia, enfim a todos os professores do curso de Jornalismo, obrigado. Aos amigos portugueses e angolanos que ganhei nas terras lusas, aos colegas da (UBI), o meu muito obrigado pelas ajudas e momentos que me proporcionaram, pois, com certeza levarei na memória. Uma palavra de apreço vai, igualmente, à direção da Rádio Nacional de Angola, à Rádio Malanje e ao conjunto de trabalhadores. Ao Instituto Nacional de Gestão de Bolsas de Estudo (INAGBE) o meu muito obrigado. Endereço aos colegas que integraram o projeto de Língua Portuguesa com vista a sua ratificação, um abraço fraterno, foi bom ter feito parte do grupo e espero vos encontrar novamente nesta estrada da vida.

Aos colegas do Rádio Piô, da RNA nomeadamente: Rui de Assunção e Suzana Ângelo, a equipa de produção do Recreio Infantil da Rádio Malanje, António Sony, o meu muito obrigado. Os meus agradecimentos estendem-se ao Osvaldo da Paixão, diretor da Rádio Malanje, Vitória da Graça, José Jamona, João Jamona e António de Jesus Correia, pela colaboração. Um abraço a todos aqueles que trabalham em prol da criança.

Um agradecimento muito especial aos membros do júri da defesa deste trabalho, aos quais contribuíram, com as suas sugestões e considerações, para a melhoria do mesmo.

Resumo

A presente dissertação tem como objetivo principal refletir sobre a programação infantil na Lusofonia. Configurando-se como um estudo de caso, o trabalho analisa em particular o programa “Recreio Infantil”, da Rádio Malanje, em Angola, e procura perceber se este segue o modelo de programação infantil identificado em quatro países lusófonos: Brasil, Cabo-Verde, Moçambique e Portugal.

O problema de investigação está assim diretamente ligado à identificação das características dos programas infantis emitidos nos países da lusofonia. Considerando o horário, a periodicidade e a tipologia de conteúdos como variáveis, indagamos em que medida o programa “Recreio Infantil” segue o modelo de programação infantil da Lusofonia?

Para responder à problemática deste trabalho, começamos por fazer uma revisão teórica centrada na evolução da rádio e da programação infantil neste meio de comunicação. No enquadramento teórico exploramos conceitos relacionados com a tipologia de programas, a diversidade de conteúdos, mas também os gostos e preferências da audiência infantil.

Na segunda parte do trabalho procuramos, através de uma análise da programação infantil no Brasil, em Cabo-verde, em Moçambique e em Portugal, identificar aspetos que nos permitem falar de um modelo de programação para a Lusofonia. O trabalho empírico apoiou-se na pesquisa documental, mas também na etnografia, com observação participante nos estúdios da Rádio Malanje, e ainda entrevistas semiestruturadas com a equipa de realização do programa “Recreio Infantil”.

Os dados recolhidos permitiram não apenas dar resposta à pergunta de investigação, uma vez que concluímos que a Rádio Malanje não segue o modelo de programação infantil dos países lusófonos analisados, mas também ajudou a recolher dados sobre as potencialidades da rádio como instrumento de educomunicação, de apoio e suporte ao ensino, particularmente através da modalidade de Ensino à Distância (EaD).

Palavras-chave: Rádio, Programação Infantil, Lusofonia

Abstract

The present dissertation has as main objective to reflect on the children's programming in lusophony. Configuring itself as a case study, the dissertation analyzes in particular the program "Recreio Infantil", by Radio Malanje, in Angola, and tries to understand if it follows the model of children programming identified in four Lusophony countries: Brazil, Cape Verde, Mozambique and Portugal.

The research problem is directly linked to the identification of the characteristics of children's programs issued in Lusophony countries. Considering as variables the time, periodicity and typology of contents, we ask to what extent the program "Recreio Infantil" follows the Lusophony children's programming model.

To answer the problem of this work, we began by making a theoretical review focused on the evolution of radio and children's programming in this medium. In the theoretical framework we explore concepts related to the typology of programs, the diversity of content, but also the tastes and preferences of the children's audience.

In the second part of the work we sought out, through an analysis of children's programming in Brazil, Cape Verde, Mozambique and Portugal, to identify aspects that allow us to talk about a programming model for Lusophony. The empirical work was based on documentary research, but also on ethnography, with participant observation in the studios of Rádio Malanje, as well as semi-structured interviews with the "Recreio Infantil" program realization team.

The collected data not only allowed us to answer the research question, as we concluded that Radio Malanje does not follow the children's programming model of the Lusophony countries analyzed, but also helped to collect data on the potential of radio as a tool for educommunication and support for teaching, particularly through the Distance Learning modality.

Keywords: Radio, children's programming, lusophony

Índice

Epígrafe.....	iii
Introdução.....	21
Justificação da escolha do tema	22
Parte I- Fundamentação Teórica	23
Capítulo 1. A rádio: breve história	25
1.1 A rádio no mundo	25
1.2 A rádio em Angola.....	28
1.3 Radio Provincial de Malanje	31
Capítulo 2. Grelhas e Programas: definições e conceitos	33
2.1 Grelhas e segmentação de públicos	33
2.2 Programa de rádio: definição.....	34
2.3 Tipologias de programas	36
2.3.1 Programa Infantil	41
2.3.2 O valor da canção para a criança.....	44
2.2.3 Valor do conto para criança	46
2.2.4 O valor do concurso ao vivo na rádio	48
Capítulo 3. Educomunicação: o papel da rádio.....	53
3.1 Rádio como instrumento de educação	53
3.2 Potencialidades da rádio no ensino da criança	56
3.3 A mensagem da rádio para a criança	57
3.4 Linguagem de rádio na programação infantil	60
Capítulo 4. A Programação Infantil na Lusofonia	63
4.1 Radio Nacional de Angola.....	63
4.1.1 Radio Provincial de Malanje	65
4.2. Brasil	70
4.3 Portugal.....	72
4.4 Moçambique.....	74
4.5 Cabo-Verde.....	75
Parte II - Trabalho Empírico	79
Capítulo 5. Metodologia	81
5.1 Objeto de Estudo.....	82
5.1.1 Estrutura Orgânica	83
5.1.2 Programação	86
5.2 Variáveis.....	89
5.3 Pergunta de investigação e hipóteses	90
Capítulo 6. Resultados e Discussão	91
6.1 Análise do programa Recreio Infantil.....	91

6.2 Análise das entrevistas.....	95
Conclusões	99
Sugestões e Propostas.....	101
Bibliografia.....	103
Webgrafia	110
Os anexos estão disponíveis na versão CD.....	111

Lista de Figuras

Figura 1-Estrutura orgânica da Rádio Malanje

84

Lista de Tabelas

Tabela 1 Programas Generalistas	39
Tabela 2 Programas Especializados	40
Tabela 3 Programas/Especialização por Idade ou Género	40
Tabela 4 classificação das rubricas de entretenimento Rádio Piô (Rádio Nacional de Angola)	50
Tabela 5 Classificação das rubricas especializadas Rádio Piô (Rádio Nacional de Angola)	50
Tabela 6 Classificação das rubricas de entretenimento Recreio Infantil (Rádio Malanje)	51
Tabela 7 Classificação das rubricas especializadas Recreio Infantil (Rádio Malanje)	51
Tabela 8 análise do programa Recreio Infantil	91

Lista de Acrónimos

ARC: Antiga Rádio Clube

ARCM: Antiga Rádio Clube de Malanje

CADBEC: Carta Africana dos Direitos e Bem-Estar da Criança

CADC: Carta Africana dos Direitos da Criança

CDC: Convenção dos Direitos da Criança

CIC: Convenção Internacional da Criança

CRA: Constituição da República de Angola

EAD: Ensino à distância

OPA: Organização dos Pioneiros Angolanos

PI: Programa Infantil

RCV: Radiotelevisão Cabo-Verde

RI: Recreio Infantil

RM: Rádio Malanje

RNA: Rádio Nacional de Angola

RP: Rádio Piô

RM: Rádio Miúdos

TICs: Tecnologias de Informação e Comunicação

UBI: Universidade da Beira Interior

Introdução

Este trabalho de investigação tem no seu centro de reflexão a programação infantil de rádio. A intenção é contextualizar o programa “Recreio Infantil”, da autoria da Rádio Malanje, no panorama lusófono da oferta de conteúdos radiofónicos dirigidos a crianças e adolescentes. Por outro lado, também se pretendeu aferir as possibilidades educativas da rádio junto das crianças, especialmente no grupo que frequenta o ensino primário, compreendendo desde a iniciação até à 6ª classe (dos 5 aos 11 anos) e primeiro ciclo, que compreende as 7ª, 8ª e 9ª classes (12 aos 14 anos).

O programa Recreio Infantil existe há cerca de 20 anos. A forma como estes programas infantis são realizados, o processo de recolha de conteúdos, a edição e posterior emissão, são entre outros, aspetos abordados nesta dissertação.

A dissertação está dividida em seis capítulos, mais a introdução e as conclusões.

O primeiro capítulo a rádio: breve história é dedicado à revisão da literatura com uma abordagem geral sobre a rádio no mundo, posteriormente restringida a Angola e à província de Malanje.

O segundo capítulo - Grelhas e programas: definições e conceitos - refere-se à definição de conceitos fundamentais na rádio, como grelha, programação, programas e as suas tipologias.

O terceiro capítulo - Educomunicação: O papel da Rádio - é um olhar sobre as potencialidades do rádio no ensino da criança, mensagem e linguagem do mesmo na programação infantil.

O quarto capítulo - A programação na Lusofonia é reservado à análise de programas infantis na Rádio Malanje, comparando-a com programas de quatro países lusófonos: Brasil, Cabo-verde, Moçambique e Portugal.

O quinto capítulo - A metodologia é a fundamentação metodológica, apresentando-se o conjunto de técnicas usadas para a obtenção de resultados, a identificação da problemática e a caracterização do objeto de estudo, a Rádio Malanje, e a sua estrutura orgânica.

O sexto capítulo - A estrutura orgânica tem os resultados obtidos e a discussão.

O trabalho encerra com as conclusões e com sugestões e propostas feitas à luz da realização do presente estudo.

Justificação da escolha do tema

A escolha do tema é muito pertinente atendendo à realidade da sociedade angolana. Não obstante existirem escolas, urge que a rádio retome o seu lugar dos tempos áureos em que cumpria o seu papel nos vários domínios da educação.

Apesar das chamadas TICs (Tecnologias de Informação e Comunicação) disponíveis para todos, principalmente nas sedes capitais e em algumas sedes municipais, existe ainda uma grande lacuna no âmbito da educação infantil. Como quadro de uma rádio angolana, considero urgente orientar-se o modo como devem ser construídos e veiculados os conteúdos informativos para a infância, uma vez que a sua inocência, fragilidade, sensibilidade e vulnerabilidade, implicam o recurso a mensagens simplificadas e uma linguagem que facilite a compreensão da criança.

Assim, com este trabalho pretendemos chamar a atenção para a responsabilidade que a rádio e as equipas de programas infantis têm na instrução da criança. Em muitos casos, a conjuntura socioeconómica de Angola, impede as famílias de colocar os filhos em programas de tempos livres ou de apoio ao estudo, sendo até difícil enviar as crianças à escola todos os dias. Deste modo, a rádio poderá ajudar a mitigar este problema, ao complementar as matérias ensinadas na escola. A rádio pode ser uma parceira privilegiada, do Ministério da Educação e do Ministério do Ensino Superior, Ciência, Tecnologia e Inovação.

Parte I- Fundamentação Teórica

Capítulo 1. A rádio: breve história

Comunicar foi, é e será sempre, uma das necessidades comuns a todos os seres humanos. Consubstanciado ou não pelo ato da fala, o Homem desde as suas origens, busca socializar-se e interagir com os outros seres. É nessa busca pela comunicação com o outro que vários artefactos foram e continuam a ser criados sob pretexto de aproximar cada vez mais as pessoas, desde a pré-história, com as pinturas rupestres, até à escrita e aos seus avanços tecnológicos (Pedro, 2017).

Hoje, à constante evolução tecnológica experimentada diariamente pelo homem tem provocado mudanças no seu comportamento e relacionamento. Tais são os casos da impressora de Gutemberg que acelerou a alfabetização do Homem, e o motor a vapor ajudou a transportar cargas e a aproximar as pessoas. A rádio é dessas tecnologias, contribui para a formação de opiniões dos seus ouvintes com informações precisas e imediatas. Nunca um meio de comunicação esteve tão próximo do Homem: desde o fácil transporte, graças ao pequeno peso e tamanho dos aparelhos atuais, até a dispensa de cultura (Taparelli, 2003).

1.1 A rádio no mundo

A história da rádio começa antes da sua invenção propriamente dita através do desenvolvimento de teorias e dispositivos técnicos que acabariam por ser a base de todo um processo do futuro meio de comunicação.

Em 1864, o cientista escocês James Clerck Maxwell desenvolveu uma teoria científica para explicar as ondas eletromagnéticas que resultavam do efeito combinado da eletricidade e do magnetismo que propagava vibrações com a velocidade da luz. Mais tarde, em 1887 Heinrich Rudolf Hertz, físico alemão aprofundou a teoria de Maxwell o que lhe valeu a atribuição do seu nome à medida das frequências de rádio.

“O nome mais associado à invenção da rádio é o do físico italiano Guglielmo Marconi, o qual obteve em 1896, na Inglaterra, a patente de um “transmissor de sinais sem fio” (Romancini & Horta (s/a, p.47)).

Após esta fase, seguem-se outros contributos de cientistas como o inglês Oliver Lodge (1851-1940) e o francês Édouard Branly (1846-1940), que inventaram o coesor, equipamento que permitiu a transmissão de mensagens faladas através do espaço.

O telégrafo inventado por Samuel Morse, em 1844, e o telefone de Alexander Graham Bell, em 1876, são outros antecessores tecnológicos do que mais tarde seria a rádio.

Segundo Costella (2001), a guerra impediu qualquer utilização do rádio para transmissões abertas ao público, mas, indiretamente, as pesquisas por ela incentivadas acabaram por se revelar úteis à radiodifusão, porque a soma dos conhecimentos armazenados

facilitou o progresso das estações radiofônicas no pós-guerra. A radiodifusão conquistou, em apenas uma década, todas as regiões civilizadas do globo terrestre (Santos, 2005).

Nos Estados Unidos, a primeira tentativa de transmissão radiofônica aconteceu no Natal de 1906, realizada por Reginald Fessenden, quando os operadores de um navio da United Fruit Company relataram terem escutado a voz do inventor lendo o St. Luke's Gospel a desejar feliz Natal a todos (Moreira, 2002).

Dois anos depois, em 1908, as primeiras transmissões da voz humana tiveram início em Paris a partir da Torre Eiffel, ao passo que nos Estados Unidos o mesmo processo deu-se a partir da Metropolitan Opera em Nova Iorque. Em todo este processo realça-se o contributo de Lee de Forest, que se dedicou a criar um dispositivo denominado Triodo, um amplificador que permitiu a captação da voz humana através da rádio.

Já quanto à Alemanha, tudo começou como uma atividade amadora e experimental, com grande vitalidade pouco depois de 1910. As primeiras experiências de transmissões datam de antes da Guerra Mundial (1914-18), mas o seu desenvolvimento foi retardado pelo conflito (Albert & Tudesq, 1981 citado em Meditsch, 2005).

Inicialmente, a rádio constituiu-se apenas como um sistema para comunicação dos militares, com os navios em alto mar e para outras aplicações civis (Rodrigues, 1999). Apercebendo-se da capacidade de propagação da mensagem, Raymond Brillard, em 1912, propôs a utilização da rádio para comunicação com um público vasto e heterogéneo. De acordo com Sousa, só após a I guerra mundial é que a escuta da rádio cresceu, tendo o meio vivido os seus anos de ouro na década de 30 a 40 (Sousa, 2006, p. 572).

Apesar dos anos de ouro da rádio se situarem nos anos 20, 30 e 40, existem dois fatores importantes que marcaram a história da radiodifusão e o mercado de recetores, “a modulação de frequência (FM), a partir de 1940 e os transístores na década de 60”(Lopes, 1982, p.66). Mesmo assim, calcula-se que, nos Estados Unidos e na Grã-Bretanha, a concorrência da televisão fez descer para a metade a audiência da rádio, relativamente à sua época de ouro.

É neste período que se regista igualmente, um ritmo de desenvolvimento dos sistemas de comunicação, estimulados pelos governos, para se interessarem pela atividade. Criaram-se assim condições para a proliferação de emissoras, na Europa, nos Estados Unidos, na Austrália e na Índia, com isso, o fenómeno progressivamente, se estendeu ao resto do mundo. Num outro estudo, Sousa salienta que a proliferação descontrolada de emissoras acabou por saturar o espectro radioelétrico e por dificultar a receção, levou os governos a intervirem, através da concessão de licenças de radiodifusão, até porque, legalmente, o espectro radioelétrico é do domínio público (Sousa, 2008, p. 223).

No entanto, a indústria norte-americana Westinghouse Electric Co., sediada na cidade norte-americana de Pittsburgh, deu neste período uma das mais significativas contribuições para o surgimento do processo de transmissão radiofônica da forma como conhecemos hoje. Ao tentar viabilizar o obstáculo do excedente da produção de rádios, a Westinghouse instalou uma

antena de rádio no pátio da fábrica para transmitir música. “Com essa estratégia de marketing, a indústria conseguiu comercializar os aparelhos parados em estoque” (Rodrigues, 2006, p. 15).

Nesta época existiam duas realidades distintas no sistema de radiodifusão. Nos Estados Unidos, o sistema manteve-se nas mãos dos privados, sendo essencialmente concebido como um sistema comercial, regulado pelo estado através da FCC (Federal Commission on Communications), na Europa os governos procuraram controlar o novo meio, cientes do potencial propagandístico da rádio numa época em que os regimes fascistas, nazista e comunista regulavam todo um processo que envolvesse a tentativa de comunicação (Sousa, 2008).

Entretanto, instalar uma rede de radiodifusão representa um grande investimento financeiro, o que talvez justifique uma parte da concentração de capitais. Assim, a RCA The Radio Corporation of America, fundada pela General Electric, passou a utilizar patentes da firma britânica Marconi. Anos depois, a NBC The National Broadcasting Company, veio a ser a primeira empresa organizada para as emissões de rádio. Também a CBS The Columbia Broadcasting System, acabaria por se tornar uma poderosa empresa da indústria de comunicação, ao lado da ABC American Broadcasting Company. Na Inglaterra, data de 1922 a criação da BBC-British Broadcasting Company que, em 1936, passou a dedicar-se também à televisão (Lopes, 1982, p.65).

E à medida que o tempo passava, o meio identificado pelo som conhecia progressos nas várias dimensões. Nos anos 40, a concorrência levou as emissoras a uma disputa inédita: a audiência.

Mas, apesar deste quadro, pode dizer-se que quase desde as origens que a atividade de radiodifusão foi controlada, não tendo beneficiado da mesma liberdade concedida à imprensa ao longo da instauração dos regimes liberais-democráticos. Por tanto, a rádio, para se impor, não teve apenas de desafiar as restrições à atividade de radiodifusão. Teve também de enfrentar as empresas dos meios jornalísticos impressos quando começou a difundir notícias. Nos primeiros anos em que funcionaram, as estações pioneiras de rádio não difundiam informação jornalística como hoje a entendemos, embora pudessem ocasionalmente “dar notícias”, geralmente locais (Sousa, 2008, p. 224).

Com isso, podemos afirmar que os pioneiros da radiodifusão cedo se aperceberam das potencialidades informativas do novo meio, nomeadamente da sua agilidade e rapidez, que lhe permitiam noticiar os acontecimentos à medida que estes evoluíam. Segundo Sousa, a programação das primeiras emissoras de rádio reflete bastante aquilo que a rádio ainda é hoje em dia: fornecedora de música, informação e entretenimento. Mas, nos primeiros tempos, a informação tinha pouco espaço na programação, era transmitida num único bloco, no final da programação, e centrava-se na meteorologia (Sousa, 2008, p. 224).

1.2 A rádio em Angola

O percurso histórico da radiodifusão em Angola é muitas vezes confundido com a história da então colónia, uma vez que os seus primeiros passos são dados por altura da presença dos portugueses no território. Tudo começou com a fusão das rádios clube na Rádio Oficial e, mais tarde, na Radio Nacional de Angola.

Segundo Lopo (1964), citado por Pedro (2017), “a radiodifusão nasceu em 28 de fevereiro de 1930, em Benguela e, em função da diversidade etnocultural e da extensão territorial de Angola, mantém-se como o meio de comunicação mais efetivo e afetivo do país” (Pedro, 2017, p. 10).

Foi seis anos mais tarde que a Rádio em Angola tomou o seu rumo, com a criação de associações radiofónicas, os Rádios Clubes.

No âmbito do processo da radiodifusão, uma comissão encabeçada pelo então comandante Manuel de Albuquerque e Castro reúne-se a 8 de setembro de 1936 para fundar o primeiro Rádio Clube.

Em 1936 chegavam de Lisboa até Luanda com certa regularidade às emissões da CT1-AA e com isso chegavam as primeiras notícias que davam conta da recente criação da estação oficial portuguesa, que viria a chamar-se Emissora Nacional de Radiodifusão. Estava em curso assim a primeira experiência do CR6-AA, primeiro em Benguela, onde estavam instalados apenas alguns watts, e mais tarde no Lobito. Em 1957 esta rádio ainda operava, mas já não se sabe ao certo a data exata da sua interrupção.

Em 1950, iniciaram-se as primeiras diligências para o nascimento da Radiofusão Oficial em Angola.

As emissões experimentais limitavam-se aos fins de semana com programação mais ou menos regular, de que sobressaíam os “Serões para Trabalhadores”. A sua audiência justificou o aluguer de um emissor de 10 KW à Rádio Marconi. As emissões do Serviço Oficial de Radiodifusão só começaram a ser diárias, dois anos depois. Em 1953, ainda em fase experimental, foi apresentada uma proposta para admitir pessoal, adquirir discos, fixar verbas para pagar a colaboradores eventuais, e para adaptação de um edifício ao quilómetro 7, que se destinava a uma escola, para funcionamento dos serviços (Santos, 2002, p. 563).

A 11 de abril de 1953, o Governo-geral nomeia em despacho o primeiro e único administrador da Radiodifusão Oficial, engenheiro José Rui de Matos Pereira, técnico superior dos CTT, e, ao mesmo tempo, é projetado o primeiro quadro de pessoal. O mesmo despacho tentava definir critérios quanto à contratação de pessoal para a Rádio Oficial de Angola, como se pode ler no documento (...)

Dada a diversidade de posição entre o pessoal das emissoras privadas e o da Radiodifusão Oficial, é aconselhável, por mais produtivo formar pessoal desde o início da carreira, educando desde o princípio no espírito do serviço, do que aproveitar pessoal já formado nas emissoras privadas, pessoal que, se traz já o

treino e a experiência, tem também em si os correlativos vícios e prejuízos (Santos, 2002, p.565).

Em 16 de fevereiro de 1961, é reforçado com 15.000 contos o Segundo Plano de Fomento Nacional sobre Comunicações e Transportes - Telecomunicações.

Um mês mais tarde, a 27 de março, é criada a Comissão Coordenadora do Plano de Radiodifusão (CCPRA) com o carácter temporário. Segundo Santos (2002), esta comissão tinha entre outras finalidades a elaboração do plano geral da radiodifusão de Angola; preparação e conclusão dos processos de concurso de materiais e aparelhos necessários ao referido plano; execução, em regime de tarefa ou por administração direta, das obras e outros trabalhos que por essa forma tivessem que ser executados; instalação e entrega no Centro de Informação e Turismo de Angola (CITA) de tudo que resultasse do mesmo plano geral de radiodifusão uma vez terminados os seus objetivos. Previa-se que a radiodifusão ficasse integrada no CITA, como veio realmente a acontecer (Santos, 2002, pp. 556-557).

Conforme Monteiro (s/a), a aprovação do Plano Geral de Radiodifusão de Angola era da competência do Ministro do Ultramar, mas o Governo-Geral da Província, podia aprovar as alterações e complementos de execução que, no decorrer dos trabalhos, se verificassem necessários e não colidissem com a finalidade pretendida aprovada no plano geral. Estava assim criado o instrumento de realização de infraestruturas.

O Plano de Radiodifusão de Angola, o instrumento regulador de toda a atividade radiofónica, veio a ser iniciado em 16 de fevereiro de 1961 com a publicação da Portaria no Boletim Oficial de Angola que nomeava a respetiva comissão. A aprovação do Plano foi assinada pelo então Ministro do Ultramar, Adriano Moreira, em 23 de junho desse mesmo ano (Monteiro s/a, p. 2).

A Rádio Nacional de Angola é um órgão de comunicação social que é ouvida em toda a República de Angola por milhares de ouvintes que pretendem ter informações sobre o seu país mas também sobre o mundo (RNA, 2011)¹. Para Carvalho (2002) a Rádio Nacional de Angola é a única rádio pública com um raio de ação que abrange todo o país, até aos locais do meio rural.

Com esta característica e extraordinária capacidade, a rádio torna-se no principal atrativo das famílias do meio rural, oferecendo um serviço público, gratuito, bastante diversificado, desde a música, informação noticiosa, política, desporto e outros conteúdos. A rádio tem, igualmente, a missão de levar mensagens de paz, de reconciliação, amor, solidariedade e fraternidade; nunca o contrário (Carvalho, 2002, p. 48).

Para Dala (2013), foi exatamente a dimensão social e filantrópica da rádio, que permitiu afirmar a radiodifusão em Angola, podendo ser considerada como uma instituição coletiva, dotada de elevado valor de promoção das variadas manifestações que acontecem na sociedade, intra e além-fronteiras. Pelas características da sociedade angolana, a rádio ocupa um lugar de

¹ Disponível <http://agolaradio.webs.com> acessado aos 17.03.2018

destaque no processo de socialização, pelo que a abordagem de questões relacionadas com esta é um exercício que deve ser encorajado a todos os níveis (Dala, 2013).

Pedro (2017) considera que a Emissora Oficial, mais tarde designada Rádio Nacional de Angola, foi o primeiro órgão do Estado português que antes da independência já prestava serviço público à causa da revolução. Portanto, foi a primeira instituição cuja atividade fez a transição da colonização para a independência, constituindo o veículo mais importante na divulgação do discurso oficial das autoridades do novo Estado, que nascia em Angola. A Rádio Nacional de Angola é nestas circunstâncias a primeira Empresa Pública da República Popular de Angola.

Assim, com a proclamação da independência de Angola, estes e outros documentos perdem os efeitos pelos quais tinham sido criados, sendo que a então (EOA) Emissora Oficial de Angola passa a ter o estatuto de Rádio Nacional de Angola.

Atualmente, a Rádio Nacional de Angola, propriedade do Estado, tem uma estação emissora em cada uma das 18 províncias de Angola. Segundo Mateus (2001) em Luanda, a RNA opera cinco estações: o Canal A (a emissão nacional); o Canal N'Gola Yetu (emissão em línguas nacionais); o Canal C (música erudita); a Rádio Luanda (a rádio local FM para a capital); a Rádio 5 (o canal desportivo), constituindo o maior grupo informativo do país. Para um melhor serviço, a RNA integrou na sua rede de transmissão os centros de produção, como são os casos das rádios Cazenga, Cacucaco e Viana, isto ao nível da capital do país, que à luz da nova orgânica do Conselho de Administração da RNA podem passar à rádios comunitárias.

O Ministério da Comunicação Social, através da nova Lei de Imprensa, Lei nº 7/06, datada de 15 de maio de 2006, torna mais democrático o exercício da liberdade de imprensa e, no que respeita à radiodifusão, prevê um novo regime de licenciamento e a existência de rádios comunitárias que desempenham um papel social ativo e dinâmico na educação cívica dos cidadãos.

Têm surgido em grande ritmo várias rádios privadas, entre as quais a LAC-Luanda Antena Comercial, que opera desde 1992 só em Luanda, mas também as Radio Mais, MFM, Radio UNIA, Rádio Romântica, Rádio Despertar, Radio 2000 na Huila, Radio Catumbela em Benguela e Radio Lobito e outras de responsabilidade das igrejas: Emissora Católica de Angola-Radio Eclésia, reaberta em 1997 e Radio Kairós- Rádio Metodista.

1.3 Radio Provincial de Malanje

A rádio Malanje, objeto de estudo neste trabalho, está localizada no município da província com o mesmo nome. Enquadrada nas associações radiofónicas denominadas “Rádio-Clube”, a primeira foi justamente a Rádio Clube de Malanje, que surgiu em 1944, iniciando as emissões com um pequeno² emissor, feito por António Lisboa Araújo, técnico dos CTT e radioamador de grande prestígio a partir de peças recuperadas de outros recetores. Esse primeiro emissor, de 50W, trabalhava na frequência de 7.245 quilociclos por segundo.

Em dezembro de 1944, o governador da Província assinou um despacho que criou a Comissão Administrativa com o fim de utilizar os 86.862,50 contos que uma comissão de senhoras angariou em Malanje, e assim concretizar uma ideia de há muito tempo: a criação de uma estação emissora em Malanje. Uma ideia mantida à custa de sacrifícios, principalmente, de dois técnicos dedicados com uma grande simpatia pelo fenómeno de rádio que, no seu desejo de dotar a província com um bom posto de radiodifusão, mantiveram em funcionamento, ainda que em condições precárias, o pequeno posto CR6RE. Foram eles José Henriques de Carvalho e José Barreiros Pina do Amaral.

No dia 8 de janeiro de 1945, reuniram em Assembleia Geral os sócios fundadores do Rádio Clube de Malanje, a fim de elegerem a Comissão Organizadora, que ficou assim constituída por: José Barreiros Pina do Amaral; José Antunes Barata; Manuel Madureira, Armando Silva e José Bernardo, ficando o primeiro como presidente da Comissão e com poderes para representar o Rádio Clube de Malanje na Comissão Administrativa nomeada pelo Governo da Província.

Em 1964 foi assim instalado um emissor de Onda Média de 1 KW de potência na antiga Rádio Clube de Malanje. Nessa altura estava à frente dos Serviços de Produção o profissional Joaquim Berenguel e um dos locutores era Alexandre Lemos.

Alguns anos depois, a Rádio Malanje interrompeu as suas emissões em resultado da situação política que o país, e a província em particular, enfrentavam. Só em 1976, após a independência nacional, a antiga Rádio Clube de Angola-Rádio Malanje reatou a sua emissão, tendo sido denominada, então, por Rádio Regional de Malanje. Como refere o antigo funcionário da Rádio Malanje, António Fernandes, “a maior parte dos seus funcionários, na altura, eram pessoas que pertenciam a pequenos conjuntos musicais e outros ainda eram amigos ou familiares dos trabalhadores que, quando os fossem visitar, acabavam por nutrir alguma simpatia pelo fenómeno e acabavam por trabalhar lá”(Mazunga, 2013, p. 77).

²Disponível em <http://angolaradio.webs.com/> _Acedido aos 07.06.2019

Ao longo da sua história, já foram diretores da Estação, Alcides Quitumba, Pedro Lima, Roberto da Silva Fernandes, João Batista Maria, João Rosa dos Santos, Carlos Matari Quiriri, Francisco Gaspar Pedro e Osvaldo da Paixão, o atual diretor.

Na década de 90, o nome da rádio mudou para Rádio Provincial de Malanje do grupo Rádio Nacional de Angola. Nesta altura perderam-se muitos quadros devido ao redimensionamento empresarial (Massunga, 2014).

A Rádio Malanje começou com uma limitação em termos de condições de trabalho e equipamentos pouco sofisticados. Mas, em 2010 foi efetuada uma reestruturação das suas instalações, com a compra de novos equipamentos. Em 11 de fevereiro de 2012, foi reinaugurada pela então ministra da Comunicação Social, Carolina Cerqueira, tendo permanecido até hoje a sua denominação “Rádio Malanje”.

Capítulo 2. Grelhas e Programas: definições e conceitos

As grelhas e os programas numa estação de rádio traduzem a estrutura física de emissão que em regra é composta por uma variedade de conteúdos.

Fundamentado em conteúdos selecionados para a sociedade, a programação da rádio é multifacetada e abrangente. Tudo isto, graças às características como a sensorialidade, que é a capacidade que a rádio tem em despertar a imaginação do ouvinte, dando-lhe a liberdade de criar, com base no que está a ser dito, a imagem do assunto/pessoa/facto. De acordo com Mcleish (2001), por se tratar de um meio “cego”, a sua linguagem estimula a imaginação, envolve o ouvinte, convidando-o a participar da mensagem por meio de um “diálogo mental” (p. 15). O imediatismo, como sendo a velocidade que a rádio possui, possibilita que o ouvinte se inteire dos factos no momento em que acontecem, Mcleish (2001, p. 16) acrescenta ainda a que a rádio é um meio de comunicação flexível e, em geral, funciona numa situação imediata, “ao vivo”. E a instantaneidade, refere a capacidade da rádio na disseminação das informações num curto espaço de tempo, pelo que Mcleish (2001) chama atenção para a necessidade de se reforçar a ideia principal da informação para melhor situar o ouvinte.

2.1 Grelhas e segmentação de públicos

No mundo da comunicação, o termo grelha significa o quadro em que se apresenta a programação de um canal de televisão ou de rádio (Correia, 2012).

Ela diferencia uma emissora ou estação da outra, e é organizada de acordo com a linha editorial da empresa. Para elaborar a programação na rádio é preciso considerar os interesses dos ouvintes, uma vez que estes estão cada vez mais exigentes e procuram conteúdos relacionados com o seu dia a dia. Por este facto, é necessário valorizar os interesses e a diferenciação segmentada de públicos tendo em conta as suas preferências e gostos. (Avrella & Zuculoto, 2013, p.54).

Ao valorizar o impacto da segmentação da audiência, Ortriwano (1985) refere que as empresas radiofónicas já perceberam a necessidade de direccionar mensagens para pessoas diferentes. De acordo com a autora, nasceu assim a ideia de segmentação de públicos e mercados a partir dos anos 60. Ferrareto (2000) concorda, realçando que a estratégia da segmentação deveu-se ao facto da rádio ter perdido a hegemonia para televisão, em termos de entretenimento, e por isso ser necessário experimentar novos formatos com abordagens por segmentos sociais.

Na rádio e também em outros domínios da comunicação, os jovens são segmentos aos quais se devem dirigir formas e conteúdos específicos. Uma das tendências da rádio é a da

“segmentação dos ouvintes por escalões etários e classes sociais, mais do que grupos de interesses, resultando na especialização das rádios em torno de géneros musicais” (Cordeiro, 2003, p.1).

Referindo-se aos estratos sociais, Meditsch (1999) realça que uma parcela das elites sociais procura programas segmentados que tragam assuntos do seu interesse. Do ponto de vista da programação, pode-se dizer que a segmentação sempre existiu, mas que se acentuou com a chegada das transmissões em FM, tendo desta forma mostrado uma fórmula eficaz para que a rádio se pudesse expandir novamente (Ortriwano, 1985).

2.2 Programa de rádio: definição

Programação é o conjunto de espaços, habitualmente chamados programas, onde a estruturação de objetivos e imperativos de desenvolvimento da cultura e do meio de comunicação estão aliados às motivações dos públicos-alvo (Silva, 2010). A programação de qualquer meio de comunicação deve ter em consideração a audiência, procurando “responder aos seus hábitos, gostos, contexto cultural e condições de escuta de emissão” (Silva, 2010, p.30).

No entanto, o programa também pode ser entendido como a previsão dos programas que serão transmitidos durante um determinado período através de um transmissor de rádio (Muñoz & Gil, 1988).

Cebrián (2001) divide a programação em dois grandes eixos: cobertura da atualidade temática e o acompanhamento musical. A primeira é a espécie de programação que tem como objetivo o compromisso em oferecer informação contínua, de vinte e quatro horas, que é a informação especializada; a segunda está ligada ao valor que a rádio atribui à música através da sua função de difusão, por se constituir em conteúdo que define grande parte da programação do meio. Isto, segundo Cebrián (2001), faz com que seja organizada uma grade, nem tanto pelo próprio impulso, quanto pela relação competitiva entre as cadeias e as emissoras. Segundo o autor, o resultado é o nascimento de programações generalistas e de programas temáticos muito similares e que poderiam repercutir de algumas cadeias a outras sem que se percebesse a diferença. Num outro estudo, Cebrián (2004) salienta que a programação procura responder às expectativas dos ouvintes.

Adapta os conteúdos às suas necessidades e situações laborais e de lazer. As rádios têm de universalizar a sua oferta para chegar ao maior número de ouvintes e sem discriminá-los o menos possível, esquecer das minorias para dirigir-se às maiorias; E isso ocorre tanto na rádio pública quanto na privada (Cebrián, 2004, p.2 [Tradução nossa])³.

³ “Adapta los contenidos a sus necesidades y situaciones laborales y de ocio. Tiene que universalizar su oferta para llegar al mayor número de oyentes y discriminar a los menos posibles, olvidarse de las minorías para dirigirse a las mayorías. Y esto ocurre tanto en la radio pública como en la privada” (Cebrián, 2004, p.2).

A programação constitui o conjunto de programas que uma rádio oferece para a sua audiência, seja num espaço de transmissão diária ou semanal, estruturado numa determinada unidade de tempo e com conteúdos que refletem o estilo da emissora e a sua ideologia (Prieto, 2001).

Gallardo, Puig e Arsensio (1996), apresenta três perspetivas que norteiam a definição do conceito de programa:

1ª Perspetiva, físico: Programa de rádio é um conjunto de palavras, música, efeitos e silêncios ambientadores de um tema comum ou semelhante, que é oferecido a um público, através das ondas radiofónicas, em forma de unidade de criação;

2ª Perspetiva, utilitário: programa de rádio é uma unidade informativa formada por um espaço de tempo, um conteúdo de emissão e um meio radiofónico de transmissão, que permite fazer chegar uma mensagem idêntica a uma imensidão de ouvintes;

3ª Perspetiva conceptual: um programa de rádio pode ser definido como um conjunto de conteúdos diferenciados pelo discurso radiofónico, dotado de uma estrutura própria e diferenciada, com uma duração concreta (p. 34 [Tradução nossa])⁴.

Estas definições não se podem separar do conceito de géneros radiofónicos, enquanto programas que se caracterizam por uma série de regras de produção. Mas existem sempre regras que “identificam o género a que pertence o programa, o que facilita caracterizar a sua tipologia” (Gallardo et al, 1996, pp. 34-35).

As empresas de radiodifusão procuram atualizar a sua programação com periodicidade, se não totalmente, ao menos parte dela. Em muitos casos, isso ocorre para atender o interesse da audiência, noutros, a troca de comunicador ou questões financeiras também se tornam motivos para mudanças na estrutura (Avrella & Zuculoto, 2013).

Os relatos históricos sobre programação radiofónica mostram que a palavra do locutor e as músicas sempre estiveram presentes nas grelhas de programas, tendo em atenção o interesse dos ouvintes. Ao analisar Moreira (2002) é possível constatar que até ao ano de 1932 predominavam na programação radiofónica americana atrações musicais e cómicas.

⁴ “Perspetiva física: Un programa radiofónico es una conjunción de palabras, músicas, efectos y silêncios que, portadora y ambientadora de un tema común o similar, se ofrecen al público, a través de las ondas, en forma de una unidad de creación. Perspectiva Utilitaria: Un programa es una unidad informativa formada por un espacio de tiempo, un contenido de emisión y un medio radiofónico de transmisión, que permiten hacer llegar un mensaje idêntico a infinidad de oyentes. Perspetiva conceptual: Un programa es un conjunto de contenidos diferenciados del discurso radiofónico, dotado de una estructura propia y diferenciada, así como de una duración concreta” (Gallardo, Puig e Arsensio, 1996, p. 34).

Os acontecimentos da Segunda Guerra Mundial aumentaram a parcela da programação destinada à informação, que ganhou nova roupagem. Os correspondentes estrangeiros transmitiam as notícias à frente do combate, o governo federal mantinha ligação com os cidadãos via rádio e as redes de emissoras interrompiam frequentemente a programação para atualizar as últimas novidades (Moreira, 2002).

2.3 Tipologias de programas

Prieto (2001) apresenta dois grandes modelos de programas com base no conteúdo: o generalista, que tem a ver com uma audiência variada, disponibilizando diferentes géneros ou formatos dentro de uma programação diária ou semanal; e o modelo especializado, que é aquele que oferece aos segmentos específicos da audiência uma programação que se caracteriza por conteúdos monotemáticos, que podem ser musicais, informativos, desportivos ou, de qualquer outro tipo.

As estações apresentam nas suas grelhas uma variedade de programas, desde os informativos, noticiosos, musicais, de entretenimento e culturais. Gallardo et al, (1996) classifica-os da seguinte forma em função dos assuntos tratados:

- Programas Informativos: São os de maior importância em qualquer estação radiofónica por privilegiarem os principais factos noticiosos e outras temáticas de interesse público relativos a um determinado país ou região. Têm notícias de hora em hora, síntese informativa para atualização dos factos noticiosos a cada meia hora, além dos principais serviços noticiosos. O programa é marcado pela realização de debates, comentários e entrevistas sobre os diferentes temas da atualidade.
- Programas de Variedades: músicas, passatempos, humor e outros;
- Programas Desportivos: programas essencialmente dinâmicos que tem como finalidade a divulgação de matérias que dizem respeito as várias modalidades desportivas e que promovem e incentivam a prática de desporto na sociedade;
- Culturais: programas cuja atenção especial recai no retrato dos hábitos e costumes dos povos. O programa valoriza igualmente as componentes musicais, artísticas e literárias.
- Especializados: são programas que destacam assuntos de áreas específicas, nomeadamente, científica, saúde, tecnologia, economia, direito, cultura, etc. Geralmente são programas em formato de magazine.

Ao contrário de Gallardo et al (1996), Muñoz e Gil (1988, p. 47) classificam os programas não apenas em função do tema, mas também de outras características.

- Pelo período ou época do ano: tratam-se de programas específicos para uma determinada época do ano, nomeadamente (verão, inverno, primavera e outono)
- Pelo horário: diferenciam-se pelo período: manhã, tarde ou noite.
- Pelos seus conteúdos: programas de variedades, temáticos, etc.

- Pelos géneros: informativos ou musical, etc.
- Pelo público-alvo: infantil, juvenil, mulheres, homens, idosos, etc.
- Pela sua frequência de emissão: diária, semanal, quinzenal, mensal ou trimestral, casual, etc.
- Pela urgência de conteúdo: são espaços voltados para a utilidade pública cujo objetivo principal passa pela divulgação de convocatórias, comunicados sobre diversos fins (procura de paradeiros de cidadão; meios encontrados na via pública; agradecimentos, mensagens ou anúncios fúnebres, etc.) e anúncios de última hora;
- Pela sua estrutura: são programas isolados, emitidos por blocos e podem ser de longa duração;
- Pela adequação: são programas cujos perfis se adaptam à audiência, mas também podem ser marcados pela anarquia quando há desorganização (falta de previsão; por se aceitarem programas impostos pelos anunciantes).
- Pela sua área de difusão: programas de âmbito nacional, regional ou local. [Tradução nossa]⁵

Neste ponto, importa ainda falar dos géneros radiofónicos. Ao nível da rádio, os géneros jornalísticos podem ser classificados em três categorias: informativos, opinativos e interpretativos (Ferrareto, 2000). No género informativo, citam-se como exemplos, os noticiários e os boletins informativos que, regra geral, possuem objetividade. O género opinativo centra-se na análise e reflexão de temas da atualidade informativa e o género interpretativo permite a leitura dos factos em profundidade e deste modo prender-se a atenção do ouvinte, muitas vezes com recurso à sonoplastia. Quanto à duração, os programas podem ser micro e macro. Conforme Luísa (2019), os microprogramas são os de curta duração e os macroprogramas são os de longa duração. Estes, normalmente consomem horas, ao passo que os micros têm apenas minutos e regra geral estão acoplados aos macroprogramas.

No que toca aos objetivos, Ferrareto (2000) distingue os programas entre informativos e de entretenimento. Entre os informativos destacam-se os seguintes: o noticiário, programas de entrevistas e de opinião, mesa-redonda e documentário. Quanto ao formato de

⁵ “Por su época o temporada: de establecimiento (cuando una emisora comienza a funcionar); habitual; de verano; de oportunidad o puent (la que une una programación com outra: de verano a la habitual, por exemplo) Por el horario: matinal, de mediodia, de tarde, de noch,... Por sus contenidos: convencional o tradicional (com programas variados), especializada o de radio-fórmula (com contenidos similares a lo largo de todas las horas) Por los géneros: informativa, musical, etcétera Por el destinatário: infantil, feminino, etcétera Por su frecuencia: diaria, de fin de semana, esporádica (por hechos excepcionales)... Por el conocimiento de los contenidos por parte de los oyentes: de convocatória (la habitual) y sorpresiva (sin publicidade de los mensajes por parte de la emisora). Por su estructura: mosaico (la habitual, com programas aislados) y de bloque (com programas de muy larga duración). Por su adecuación: armónica (si se adapta a la emisora y a la audiencia) y anárquica (si existe desorden y no previsión; se acptan programas a veces impuestos por los anunciantes). Por su área de difusión: nacional (todo el territorio de un estado), regional (una comunidad amplia), local (de un municipio), de barrio” (una parte poco extensa de un lugar) (Muñoz e Gil (1988, p. 47).

entretenimento o autor destaca os seguintes programas: humorístico, dramatização, programa de auditório e programa musical.

Filho (2003) enumera entre outros os seguintes programas; crónica, musical, mesa-redonda ou debates, documentário, radiojornal, desporto, temáticos, autobiográficos, divulgação tecnocientífica e género educativo-cultural. De acordo com o autor, no programa de entretenimento é regra haver criatividade que reveste a linguagem radiofónica formada por palavras, mas também por música, efeitos sonoros, ruídos e silêncio. O entretenimento alimenta o prazer de quem ouve, tornando-o fiel e assíduo à audiência.

Filho (2003) apresenta igualmente a seguinte classificação dos programas:

- Programas eleitorais: são espaços que contemplam a peça radiofónica de ação pública, normalmente tutelados por grupos ou organizações políticas que pretendem veicular os seus interesses ou ideologias.
- Programa Especial: são espaços onde estão contemplados o programa infantil e o de variedades.

Os programas têm dinâmicas próprias e um público-alvo específico, o que os leva a diferenciarem-se uns dos outros, tal como se pode constatar na estrutura apresentada por Muñoz e Gil (1988, p. 131).

- Programas de Variedades: são espaços radiofónicos em que para além de uma dose de formação e informação oferecem fundamentalmente à audiência conteúdos para o entretenimento;
- O Magazine: é um programa com conteúdos diversificados, com entrevistas, conversas, colóquios e comentários, tem como elemento fundamental a palavra.

E entre os programas de entretenimento, Muñoz e Gil (1988, p. 134-135) distinguem os seguintes:

- Programas de Humor: espaço cujo objetivo é fazer com que as pessoas descontraíam, geralmente é acompanhado de conteúdos com piadas;
- Programas Femininos: estes estão inteiramente voltados para o universo feminino. Apesar de nem sempre privilegiarem conteúdos relacionados com género, as suas abordagens giram em torno da mulher;
- Programa Infantil: é um programa de animação e divertimento cujo destinatário é a criança;
- Programa Juvenil: é um programa que tem como público-alvo os adolescentes, mas nada tem a ver com a juventude, uma vez que estes normalmente identificam-se mais com programas musicais. Pelas características da adolescência, são programas difíceis e raros nas emissões de rádio.

Quanto à sua especificidade, Muñoz e Gil (1988, p. 136-140) destacam os seguintes:

- Programas Religiosos: são espaços que visam essencialmente formar e informar os ouvintes em torno da doutrina e práticas das diferentes religiões. Para além disso, os programas tratam igualmente de fortalecer a fé dos crentes (ouvintes);
- Programas Políticos: são espaços que privilegiam a abordagem de temas sobre as instituições, homens, atos, atividades e ideologias políticas;
- Programas de Continuidade: são espaços de curta duração que servem para completar a programação sem que o ouvinte note a interrupção, são geralmente musicais e sem identidade;
- Programas Desportivos: são espaços cujo tema central gira em torno das atividades mundo do desporto, em todas as suas modalidades.

No grupo dos programas generalistas e especializados, Filho (2003) tem um enquadramento semelhante para este tipo de programas, mas chama-lhes “Programas Especiais”

Dentro dos generalistas incluem-se os seguintes programas:

Tabela 1. Programas generalistas

Programas	Conceitos	Autores
Programas de Variedades	São programas que englobam músicas, passatempos, humor e outros	Gallardo et al, (1996)
Entretenimento	Fazem parte deste tipo de programas os seguintes: humorístico, dramatização, programa de auditório e programa musical.	Gallardo et al, (1996)
	Programa de criatividade com palavra e música entre os principais elementos	Filho (2003)

Dentro dos especializados incluem-se os seguintes:

Tabela 2. Programas especializados

Programas	Conceitos	Autores
Programas Informativos	Noticiário, programas de entrevistas e de opinião, mesa-redonda e documentário.	Ferrareto (2000)
	Privilegiam os principais factos noticiosos e outras temáticas de interesse público	Gallardo et al, (1996)
Programas Desportivos	Tem como finalidade a divulgação de matérias que dizem respeito as várias modalidades desportivas	Gallardo et al, (1996)
	Espaços cujo tema central gira em torno das atividades do apaixonante mundo do desporto, em todas as suas modalidades.	Muñoz e Gil (1988)
Culturais	Programas com retrato dos hábitos e costumes dos povos, bem como valoriza as componentes musicais, artísticas e literárias.	Gallardo et al, (1996)
Programas de Humor	Programa cujo objetivo é fazer com que as pessoas descontraiam, geralmente é acompanhado de conteúdos com piadas;	Muñoz e Gil (1988)
Programas Religiosos:	Espaço que visa informar em torno das doutrinas e práticas das diferentes religiões, fortalecendo a fé dos crentes (ouvintes)	Muñoz e Gil (1988)
Programas Políticos	Espaços tutelados por grupos ou organizações políticas que pretendem veicular seus interesses ou ideologias.	Filho (2003)

A especialização pode ser feita não por tema, mas por idade ou género, sendo também uma forma de segmentação dos públicos.

Tabela 3. Programas/especialização por idade ou género

Programas	Conteúdos	Autor
Programas Femininos	Espaço inteiramente virado para universo feminino.	Muñoz e Gil (1988)
Programa Infantil	Programa de animação e divertimento cujo destinatário é a criança;	Muñoz e Gil (1988)
Programa Juvenil	Programa tem como público-alvo os adolescentes	Muñoz e Gil (1988)

As diferentes tipologias descritas visam atender um diferenciado segmento de públicos em termos de preferências e gostos na busca de consumo.

2.3.1 Programa Infantil

O Programa Infantil é um espaço de animação e divertimento cujo destinatário é a criança. Segundo Muñoz & Gil (1988), neste programa, a hora e o dia de emissão é fundamental, por esta razão, “são sempre transmitidos durante um horário que não atrepele as aulas, geralmente, é conveniente aos sábados e domingos, ou mesmo em períodos de férias” (p.135).

As crianças, como os adultos, desejam uma diversidade de forma e de estilo nas ofertas das estações públicas (...).

As crianças também precisam de uma programação que estimule a sua imaginação, as ajude no seu desenvolvimento social, as informe do seu lugar no mundo, as apresente ao mundo dos outros e lhes ofereça conteúdo que as faça desenvolver ideias (Berry & Joy, 1993).

O mesmo autor acrescenta que estas necessidades têm de ser colocadas no âmbito de um quadro de entendimento segundo a qual as crianças devem ter um tipo de conteúdos programáticos que vá ao encontro dos seus estádios de desenvolvimento social, psicológico e físico.

Todavia, a falta de trabalhos científicos, relativos a programação de rádio, em geral e aos programas infantis em particular, dificulta a revisão bibliográfica que aborde o tema com todo o detalhe necessário. Por este facto, foi decidido recorrer a bibliografia que estuda o meio que lhe é mais próximo e, simultaneamente, mais chama atenção às crianças: a televisão.

Baseada na Carta da Televisão para Crianças, Pereira, Pinto e Pereira (2009, p. 29) descrevem sete princípios orientadores de uma programação televisiva para este segmento.

1. As crianças devem ter programas de alta qualidade produzidos especificamente para elas. Estes programas, juntamente com o entretenimento, devem permitir que desenvolvam as suas capacidades físicas, mentais e sociais;
2. As crianças devem ouvir e expressar-se a si próprias, a sua cultura, a sua linguagem e experiências de vida, através de programas que afirmem o seu sentido de pessoas;
3. Os programas para crianças devem promover a consciência e apreciação de outras culturas em paralelo com as suas próprias experiências culturais;
4. Os programas para crianças devem ser variados em género e conteúdo, e não devem incluir cenas gratuitas de violência e sexo;
5. Os programas para crianças devem ser emitidos de forma regular, em horas em que as crianças estejam disponíveis para ouvir;

6. Devem ser disponibilizados fundos para produzir estes programas com padrões de elevada qualidade;
7. Os governos e as organizações de produção, distribuição e financiamento devem reconhecer a importância e a vulnerabilidade da rádio/TV para crianças e tomar medidas para a apoiar e proteger.

Filho (2003) entende que um programa infantil deve privilegiar três funções: Divertimento, Educação e Informação.

Um projeto para a criança, estruturado com o objetivo de enriquecimento e desenvolvimento da sua potencialidade, deverá responder afirmativamente aos três quesitos. Assim, este formato especial tem de oferecer informação sobre temas de interesse dela, muitas brincadeiras, jogos e música, além da radiofonização de situações e adaptação de histórias (Filho, 2003, p. 138).

Neste sentido, Ribeiro (2005) realizou um estudo sobre a Emissora Nacional de Portugal nos primeiros anos do Estado Novo, entre 1933 e 1945, tendo analisado os conteúdos propagandísticos, espaços informativos, culturais e de entretenimento. O autor refere a existência de programas infantis, mas não os estuda, referindo apenas que as emissões infantis eram constituídas por conteúdos que pretendiam ser recreativos e, simultaneamente, educativos, o que fomentava uma consciência cívica e de solidariedade. Num outro estudo com o mesmo fim, Santos (2005) também identifica a programação infantil no período de 1924 a 1939, mas não aprofunda a investigação. Ainda assim, os dois estudos confirmam a existência de programas infantis desde os primeiros anos da rádio, e o facto de serem, maioritariamente, eruditos e produzidos em cooperação com jornais da época (Santos, 2005).

Analisando a criança e o Marketing, no livro Estação de Rádio Infantil: “Alegria Rádio” Sebastião (2012) assinala que entender “os gostos das crianças, os seus hábitos e comportamentos, a forma como pensam, agem e escolhem as marcas, são condições fundamentais para a produção de um projeto que atenda o público infantil” (p. 16).

No entanto, brincar é uma linguagem universal facilitadora de vivências em comum, cujo significado se renova permanentemente e, por isso, constitui um meio de comunicação capaz de minimizar a diferença dos estatutos e de ultrapassar a divergência dos códigos.

O recreio torna-se por si só um espaço de excelência para as brincadeiras e o jogo da criança, é aqui que a criança dá asas à sua imaginação e se expande adquirindo conhecimentos, relacionando-se com os outros, formulando conceitos e valores que a definirão no futuro (Pissarra et al. 2004, p. 87).

Assim, os programas infantis devem responder às necessidades do público, valorizando a fantasia e a realidade. Porém, os produtos de comunicação voltados para o público infantil “não se direccionaram ao rádio – veículo que se bem explorado contribuiria em grande medida para a formação deste público” (Filho, 2003, p. 139).

Um programa para criança deve não só ter atrativos para ela como também deve ser como se de uma escola se tratasse (Luísa, 2019).

Informar as crianças sobre os diferentes aspetos do mundo delas, informá-las sobre o que acontece no seu país, na sua província, em particular, e do mundo, em geral. Mostrar às crianças que elas devem estar informadas, saber qual é o real valor da informação e elas ganharem o hábito de ouvir rádio e verem os seus problemas resolvidos, conhecerem os seus direitos e deveres na sociedade (Luísa, 2019).

A jornalista acredita que a única tipologia de programa que pode atrair as crianças é o de entretenimento, porque em paralelo com música e passatempos, a informação também é transmitida. As crianças têm características próprias, daí que as componentes de informação e entretenimento devam fazer sempre parte da dinâmica dos programas infantis (Ângelo, 2019).

Apesar dos conteúdos dos programas infantis serem dirigidos para as crianças, Luísa (2019) adverte que o ideal é que os apresentadores destes programas sejam adultos, pelo simples facto das crianças precisarem de orientação. Ângelo (2019) partilha a mesma ideia, afirmando que a criança aprende com o adulto e nunca sozinha. Tendo como base a realidade angolana, a jornalista assegura que:

Há um lema no programa, a criança não aprende sozinha, sempre com um adulto, não se pode simplesmente deixar que ela sozinha apresente o programa porque é um mundo novo, pode até já saber alguma coisa, mas ela precisa de orientação por isso é que há sempre um adulto na equipa do programa infantil (Ângelo, 2019).

Onde é que podemos enquadrar o programa infantil? Perante as tipologias apresentadas e dadas as características e objetivos que perseguem junto dos diferentes segmentos da audiência, conjugando os interesses e gostos do público-alvo em questão, no presente trabalho, parece-nos viável apontar dois programas: os de variedades, pelo facto de se tratarem de espaços que possuem um conjunto de elementos a favor de uma audiência diversificada; os programas que do ponto de vista da sua conceção tomam como prioridade os aspetos horários de emissão e o público-alvo ao qual se destinam.

Isso, por si só, pode se constituir numa boa razão para que o público nutra ou não simpatia pelo programa e, simultaneamente, a subida do gráfico da audiência, por outro lado valorizam-se programas cuja estratégia é privilegiar componentes essenciais que fazem das várias estações de rádio líderes de audiência.

À partida vê-se que são indispensáveis questões como horários e segmentação de públicos-alvo para melhor corresponder com o programa dia após dia, desde que, como já dissemos, os programas de variedades para além da formação e informação disponibilizam também conteúdos de entretenimento, uma vez que a criança é, por natureza, enérgica, alegre e com bastante mobilidade. Pretende-se despertar na audiência a criatividade e imaginação tal como descreve Cebrián (2001), (...) estruturas de programação com inovações dos mesmos, de

ritmos (...) são programações muito criativas no seu conjunto, com imaginação para que resultem em novidade ao ouvinte.

Tendo em conta as propostas de programas apresentadas pelos diferentes autores, em que tipologia se podem enquadrar às crianças? Os programas que envolvem atrativos como passatempos e jogos parecem-nos ganhar mais atenção das mesmas.

A exploração do espaço de forma livre, jogos espontâneos e imitação de adultos; atividades expressivas tendo prazer nos ritmos, dramatizações, teatralizações e imitação dos movimentos que observa; tendência para formas de atividade global de movimentos (lutas, velocidades, descobertas, aventuras), desejo das práticas pré-desportivas (Pissarra et al. 2004, p.88).

Os programas infantis radiofónicos enfrentam um grande desafio, principalmente no que diz respeito ao seu público-alvo, a criança e considerando, que sem a imagem, a rádio precisa de ter uma comunicação afetiva e mais atraente. Não obstante, essa realidade, McLuhan (1997) afirma que ao produzir imagens auditivas, a rádio cria um ambiente totalmente inclusivo e absorvente.

Numa altura em que as crianças são cada vez mais atraídas por dispositivos como Playstation, ipods, videogames, computadores, internet, tablets, smartphones e outros aplicativos móveis, as rádios e os programas precisam de se modernizar para vencer a velocidade e o poder da imagem.

Como já vimos, os programas infantis devem reunir vários elementos se quiserem captar a atenção do seu público. Devem ter um formato especial, têm que oferecer informação sobre temas do seu interesse, brincadeiras, jogos e música. Ou seja, deve haver sempre um “casamento” entre a informação e o entretenimento, mas nunca veicular apenas informação uma vez que a criança parece adequar-se com programas vertidos ao entretenimento, sem descurar a conversa e a música animada.

2.3.2 O valor da canção para a criança

A música na rádio é um elemento indispensável. Para Chiarelli e Barreto (2005), a música é importante para o desenvolvimento da inteligência, para a interação social da criança e para a harmonia pessoal, facilitando a integração e a inclusão. As autoras entendem que a música é essencial para a educação, tanto enquanto atividade, como enquanto instrumento de uso na interdisciplinaridade da educação infantil. Godoi (2011) concorda com esta ideia, alertando que a música também possibilita a interação com o mundo dos adultos que rodeiam o dia a dia das crianças, formando um repertório inicial no que diz respeito ao seu universo sonoro. O autor considera ainda que ao brincar as crianças fazem demonstrações espontâneas, quando em família ou na escola, o que possibilita a familiarização com a música. Em muitas situações do convívio social, elas vivem ou entram em contacto com a música.

Ângelo (2019) afirma que não existem programas infantis sem música pelo simples facto dela complementar aquilo que se quer transmitir às crianças. Quando o conteúdo está relacionado com a água, o correto é selecionar músicas que retratem o valor da água para o planeta, para espelhar e elucidar a criança sobre a importância da água para as pessoas e para o planeta.

A música é compreendida como linguagem e meio de conhecimento, uma vez que está intensamente presente no nosso quotidiano, através da rádio e da televisão. Por isso, desde pequenas que as crianças têm contacto com várias músicas e conseguem identificá-las (UNESCO, 2005). De acordo com a UNESCO, a música pode facilitar a sua comunicação e em alguns casos até a sua interpretação, sendo uma via para acalmar a criança (UNESCO, 2005). Desde o nascimento que os pais instintivamente se ligam aos filhos através da música: brincam, interagem, acalmam e adormecem as crianças com canções. Na perspectiva de Weigel (1988) isto acontece devido aos seguintes componentes:

- Som: vibração que se propaga e é captada pela audição, produção ou interpretação da música;
- Ritmo: efeito que se origina da duração de diferentes sons, longos ou curtos;
- Melodia: é a sucessão rítmica e bem ordenada dos sons;
- Harmonia: a combinação simultânea, melódica e harmoniosa dos sons.

Os diferentes aspetos que envolvem a música são afetivos, estéticos e cognitivos, além de promoverem a comunicação e a integração, tornam a linguagem musical uma importante forma de expressão humana e, por isso, deve fazer parte do contexto educacional, principalmente, na educação infantil (UNESCO, 2005).

Meditsh (2005) não vê a música apenas como complemento, mas como um dos elementos da linguagem radiofónica.

Vê a musicalidade intrínseca à linguagem sonora como um todo, para as suas relações harmónicas, melódicas e rítmicas. Aos animais, as crianças e as pessoas de modo geral, um tom de voz diz mais do que o significado das palavras pronunciadas. O poder excitante da música, se realiza de forma mais completa quando ela é só ouvida, sem acompanhamento visual (Meditsh, 2005, p. 103).

Alves (2005) defende que a palavra em rádio deve ser reforçada através de uma programação que a enalteça e contrarie o caminho mais fácil, que é o de deixar a música ocupar a maior parcela da programação. Já na perspectiva de Arnheim (1936), a rádio tem a possibilidade de unir os recursos expressivos da música e da literatura numa forma de expressão superior, que carrega o poder emocional e a capacidade intelectual.

A partir de Reis (2012), constata-se que, ao longo da infância, as crianças começam a interagir com a música, repetindo sons únicos, e aos poucos começam a diferenciar diversas músicas e diferentes sons. Iniciam os movimentos com o corpo, membros e cabeça; por volta dos nove meses, já mais desenvolvidos, os bebés começam a associar a música às suas próprias ações, passam a estabelecer e a criar ritmos, e começam a acompanhar as canções com o pé e com a mão. O mesmo autor entende que a partir dos cinco anos, mais ou menos, começam a

criar uma identidade musical e a sua própria sensibilidade. Gostam de ter músicas no seu repertório e sincronizar movimentos corretos em relação à dança e ao ritmo.

São incomensuráveis os efeitos que a música exerce sobre as pessoas. É através do repertório musical que a criança se inicia como membro de determinado grupo social, desenvolvendo a sua identidade cultural e o sentido das regras e valores da sociedade em que se insere (Gonçalves, 2015).

A música desempenha um papel importante para as crianças, contribuindo para o seu crescimento e desenvolvimento, uma vez que elas carregam em si letras com conteúdos que podem favorecer ou não a aquisição do conhecimento. A música cria boa disposição, alivia o stress, agrada os ouvidos e faz bem à alma.

No sentido de valorizar estes e outros benefícios a Organização das Nações Unidas para à Educação, Ciência e Cultura, apela à introdução da música no contexto da educação e principalmente na educação infantil.

A música é composta por uma série de elementos como harmonia e ritmo, e continua a ser a companheira predileta de todos os dias e momentos do homem que para além de possibilitar novas interpretações da sociedade, proporciona, igualmente, paz e conforto aos homens. Logo, existem diversos estudos que demonstram a existência de uma forte correlação entre a aprendizagem da música e o desempenho académico (Gonçalves, 2015).

2.2.3 Valor do conto para criança

O conto é o conjunto de tradições, lendas, canções e costumes populares de um país ou região (Correia, 2012).

O costume de contar histórias é uma tradição antiga nas mais diversas sociedades. Cada povo ou cultura possui os seus contos populares, que são passados oralmente de geração em geração. Nas sociedades mais antigas, o conto era natural, mas esse hábito foi-se perdendo com a modernidade. A literatura infantil surge como género e possui relação direta com o novo valor concedido à infância na sociedade, uma vez que a criança passou a ser vista de forma diferenciada, com as suas necessidades e características próprias (Vidal et al. 2008).

Segundo Bettelheim, habituar as crianças com os contos é fundamental desde que o orador tenha uma linguagem clara e simples de modo a entreter e despertar a curiosidade da criança.

Para enriquecer a sua vida, deve estimular-lhe a imaginação: ajudá-la a desenvolver o seu intelecto e a tornar claras suas emoções; estar harmonizada com as suas ansiedades e aspirações; reconhecer plenamente as suas dificuldades e, ao mesmo tempo, sugerir soluções para os problemas que a perturbam. Resumindo, deve uma só vez relacionar-se com todos os aspetos da sua personalidade, sem nunca menosprezá-la, promovendo a confiança nela mesma e no seu futuro (Bettelheim, 2002, p. 3).

Segundo Schneider e Torossian (s/a, p. 133), os contos de fadas podem ser descritos como “histórias difundidas desde a Antiguidade até a Contemporaneidade e têm comprovada influência e relevância para o público infantil”. No entender de Farago (2015), para que a aprendizagem ocorra é necessário que os contos tenham algum valor significativo que os coloque a par dos problemas e elas próprias encontrarem soluções para os seus problemas internos. Segundo o mesmo autor, para atingir as suas propensões consoladoras, os seus significados simbólicos e, acima de tudo, os seus significados interpessoais, o conto de fadas deveria ser contado em vez de lido. Se for lido, deve ser lido com um envolvimento emocional na estória em relação à criança, com empatia pelo que a estória pode significar para ela. “Contar é preferível do que ler porque permite uma maior flexibilidade” (Farago, 2015, p. 86).

A prática de contar histórias é uma arte por excelência, uma vez que forma a criança em todos os aspetos, inclusive preparando-os mesmo para o exercício da cidadania. Através das histórias, a criança tem a oportunidade de enriquecer e alimentar a sua imaginação, ampliar o seu vocabulário, permitir a sua autoidentificação, bem como aprender a aceitar e refletir sobre situações relativas às dimensões de diversas categorias da problemática humana. Para Pinto et al. (2007), tudo isto facilita “o desenvolvimento e o pensamento lógico, a memória, estimula o espírito crítico, viver momentos de humor, diversão, satisfazer a sua curiosidade, harmonizar-se com as suas ansiedades, sugerindo-lhes meios para solucionar conflitos e adquirir valores para a vida” (p. 2.964).

Segundo Mussak, Candeloro e Carmello (2011) ouvir e contar histórias estimula a imaginação, é ter a curiosidade respondida em relação a tantas perguntas, é descobrir outros lugares, outros tempos. Ouvindo histórias as crianças participam dos problemas e dificuldades dos personagens e veem que eles podem ou não ser resolvidos.

Pese embora, se ter perdido o hábito de se contar histórias em função da qualidade de dispositivos atualmente disponíveis, tais como os jogos eletrónicos e a televisão, à medida que os pais, avós e outros membros da família também se dedicam aos seus afazeres, parece-nos oportuno enfatizar as vantagens que advêm em contar histórias às crianças.

Contar histórias acaba por ser uma forma de tomarmos ou darmos a conhecer vários factos que acontecem ou aconteceram em vários pontos do globo. E quando assim é, os contos estimulam o desenvolvimento de funções cognitivas importantes para o pensamento, tais como a comparação (entre as figuras e o texto lido ou narrado), o pensamento hipotético, o raciocínio lógico, o pensamento divergente ou convergente, as relações espaciais e temporais, etc (Mussak et al. 2011).

Todos nós lembramos de uma vez termos ouvido uma fábula contada pelos pais antes de dormir, ou daquela história de família contada pelo avô na cabeceira, ou ainda daquela história de terror contada pelos primos mais velhos ao redor de uma fogueira na praia ou ainda daquela história cheia de magia contada pela professora que se fantasiava de bruxa, todas elas têm a função de estimular a nossa aprendizagem (Lins & Silva, 2017).

De acordo com os mesmos autores, o conto estimula o espírito crítico e nesse sentido contribui para a aprendizagem das crianças que são carregadas de sentimentos e saberes, decorridos ao longo do tempo, cujas fontes são os adultos, os livros, as revistas, as cassetes e os filmes (...) que despertam a consciência do ouvinte mantendo-o informado.

2.2.4 O valor do concurso ao vivo na rádio

O concurso é a competição que se disputa um prémio (Correia, 2012). Muñoz e Gil (1988) concordam e consideram um espaço que oferece prémios aos ouvintes a troco da sua participação ativa e por ser ainda um elemento que contribui e incentiva à audiência. Segundo os autores, a participação pode ser presencial, envio de carta ou telefónica e, podem ainda ser concertadas ou espontâneas. A participação é o mais direto contacto com a audiência, onde o ouvinte é chamado a contribuir com a sua opinião e sugestões” (pp. 132-133).

Apesar de não existir uma fórmula ou formato específico para concursos em programas de rádio, Ângelo (2019), referindo-se à realidade angolana, realça que os passatempos relacionados com as efemérides, adivinhas, jogos, perguntas de cultura geral, a par da criatividade, sem descurar a oferta de prémios, podem atrair as crianças.

Quer os adultos quer as crianças são, habitualmente, atraídos por este tipo de iniciativas. O concurso adquire um carácter de entretenimento em que os prémios são concedidos pelo anunciante. O ouvinte que participa converte-se também num enunciador da mensagem publicitária (Moreira, 2002).

Na visão de Marta e Joceline (2006), o jogo e a brincadeira infantil são formas das crianças manusearem experiências, criarem situações para dominar a realidade e experimentá-la. Teles (1999), coloca a brincadeira num patamar importantíssimo para a felicidade e realização da criança, no presente e no futuro. A autora defende que a criança explora o mundo brincando, constrói o seu saber, aprende a respeitar o outro, desenvolve o sentimento de grupo, ativa a imaginação e autorrealiza-se.

Uma das dinâmicas consideradas em concursos ao vivo são os passatempos/brincadeiras por se tratar de uma modalidade chave de aprender a respeitar as leis da natureza, bem como os relacionamentos entre as pessoas e os objetos (Pissarra et al. 2004).

Pikunas (1979) afirma que brincar também pode suavizar situações frustrantes e desejos não satisfeitos. Quando uma criança brinca e tem prazer nisso, a sua disposição ganha amplitude e dessa forma, há cada vez mais a sensação e o prazer de descobrir algo novo.

A brincadeira nos programas radiofónicos infantis tem um grande significado, pelo facto de atrair as crianças através de um conjunto de elementos aptos para a dinamização no convívio entre locutores e ouvintes.

Largar os estúdios e ir-se ao encontro da criança ter-se-ia muita audiência, nos bairros, dentro das comunidades, com música, animação, brincadeiras, etc, assim, conquista-se mais a criança e identificar-nos-íamos com ela e a sua causa. Mas lamenta-se, é uma pena que não se vá ao encontro dela. Se isso pudesse acontecer pelo menos, uma vez por mês, produzir-se o programa num bairro onde hajam muitas crianças, assim estaríamos a ir ao encontro de quem nós queremos que nos oiça (Ângelo, 2019).

Assim, cumprir com este pressuposto, é uma das formas de responder ao sétimo Princípio da Declaração dos Direitos da ONU (1959), segundo o qual a criança deve ter plena oportunidade para brincar e para se dedicar a atividades recreativas, que devem ser orientadas para os mesmos objetivos da educação. A sociedade e as autoridades públicas deverão esforçar-se para promover o gozo destes direitos.

Competições que ensinam as pessoas a ganhar e a perder (...) as atividades que envolvem disputa ou desafio são sucessos garantidos (...) jogos que, além de estimular o raciocínio e a concentração, ajudam a compreender regras importantes para a vida (Soares, 2007, p.1).

A rádio desde cedo soube posicionar-se, difundindo o seu sinal à periferia, sem entretanto fixar-se as massas para ser um veículo de segmentos. Mas, a rádio desde há muito que acolhe elementos de participação (telefonemas dos ouvintes, fóruns de debate, emails, cartas, etc), que hoje são objetos de redescoberta tendo em conta o potencial das tecnologias digitais de informação e comunicação que possibilitou interação entre o produtor e consumidor (Cardoso et al. 2015).

Na rádio, como em outros domínios da comunicação, a criatividade é fundamental se se quiser atrair o público (leitores, telespectador, internautas, visitantes, ouvintes, etc.) e mantê-los fiéis.

No passado, parecia fácil conquistar a audiência, mas atualmente a sociedade está repleta de tecnologias, pelo que são necessárias estratégias convincentes para tal, sob pena de se criarem condições do público se distanciar do meio.

Como afirmámos, os concursos em rádio têm um papel dinamizador, contribuindo para a adesão dos ouvintes à audiência e por sua vez o consumo do conjunto de informação produzida. Além disso, o concurso não só entretém o segmento que se identifica com o ritmo e as características do programa, como também pode fazer com que os demais estratos venham a rever-se nos programas de forma particular e, em geral à rádio.

Nos próximos capítulos abordamos os programas de rádio em Malanje/Angola, Brasil, Cabo-verde, Moçambique e Portugal, considerando em particular os programas infantis. Quanto à Rádio Nacional de Angola, em termos de conceção apresenta duas tipologias, “entretenimento e informação”, sendo que as suas rubricas apresentam conteúdos especializados, nomeadamente cultura, tecnologia, desporto e informação (Assunção, 2019),

já na Rádio Malanje o quadro não é muito diferente, ao valorizar aspetos geográficos, hábitos e costumes, gastronomia e história universal por meio da especialização (Luísa, 2019).

De acordo com Filho (2003) entende-se por entretenimento o programa de criatividade que integra a palavra e a música, fazendo parte deste tipo de programas o humor e o drama.

Estes programas não dispensam a informação, uma vez que segundo o autor privilegiam várias temáticas de interesse público.

Entre os programas de entretenimento da Rádio Nacional de Angola, destacam-se os seguintes:

Tabela 4. Classificação das rubricas de entretenimento do programa Rádio Piô (Rádio Nacional de Angola)

Nome da rubrica	Classificação do autor	Tipo de programa Autor
Escola 2019 Quando eu for grande Novas palavras, novas ideias A minha casa Cozinha com elas Mãos na terra O meu dia a dia Com jeito, jeito Porquê Pés descalços Moda Infantil Eu brincando	Entretenimento e informação	Programas de criatividade que integram palavra e a música (Filho 2003) Programas que reúnem vários conteúdos entre os quais humor, drama e música (Gallardo et al. 1996)

Quanto aos programas especializados, estes oferecem a um segmento de público conteúdos específicos sobre uma determinada área (Prieto, 2001).

Tabela 5. Classificação das rubricas especializadas do programa Rádio Piô (Rádio Nacional de Angola)

Nome da Rubrica	Classificação do autor	Tipo de programa Autor
Sopro de letras	Cultural	Programa retrata os mais diversos aspetos culturais (Gallardo et al, 1996)
Tecnokids	Tecnologias	Programas que se caracterizam por conteúdos monotemáticos e específicos sobre uma área em particular (Prieto, 2001)
Caçulinhas	Desporto	Programa tem a missão de divulgar os vários aspetos sobre as diferentes modalidades desportivas (Muñoz & Gil, 1988)

Salienta-se que os espaços “Escola 2019”, “Quando eu for grande”, “Novas Palavras Novas Ideias”, “A minha casa”, “Cozinha com elas”, “Mãos na terra”, “O meu dia a dia”, “Com jeito, jeito”, “Porquê”, “Pés descalços”, “Moda Infantil” e “Eu brincando” compõem a classe das rubricas de entretenimento e informação, ao passo que “Sopro de Letras, Tecnokids e Caçulinhas” estas conformam a lista das rubricas cujas temáticas são especializadas.

Todavia, na Rádio Malanje os programas possuem semelhanças com a Rádio Nacional de Angola. Tipologicamente apresentam-se como sendo de entretenimento e informação, mas também especializados.

Tabela 6. Classificação das rubricas de entretenimento do programa Recreio Infantil (Rádio Malanje)

Nome da rubrica	Classificação do autor	Tipo de programa Autor
Eu quero saber Falar correto Conheça a nossa terra Correio Infantil Receita e História Recordar a infância	Entretenimento e informação	Programa de criatividade que integra palavra e a música (Filho, 2003) Programas que reúnem vários conteúdos entre os quais humor, drama e música (Gallardo et al. 1996)

Quanto aos programas especializados na Rádio Malanje destacam-se:

Tabela 7. Classificação das rubricas especializadas do programa Recreio Infantil (Rádio Malanje)

Nome da Rubrica	Classificação do autor	Tipo de programa Autor
Arte Infantil Ler e Crescer	Cultural	Programa retrata os mais diversos aspetos culturais (Gallardo et al. 1996)
Saúde é vida	Especializado	Programas que se caracterizam por conteúdos monotemáticos e específicos sobre uma área em particular (Prieto, 2001)
Desporto	Desporto	Programa tem a missão de divulgar os vários aspetos sobre as diferentes modalidades desportivas (Muñoz & Gil, 1988)

As seis rubricas “Eu quero saber”, “Falar correto”, “Conheça a nossa terra”, “Correio Infantil”, “Receita e História” e “Recordar a infância” fazem parte da classe de entretenimento e informação da Rádio Malanje e da classe de temas especializado constam “Arte Infantil, Ler e Crescer, Saúde é vida e Deporto”.

Capítulo 3. Educomunicação: o papel da rádio

O neologismo Educomunicação, que julgamos tratar-se de uma simples conjugação entre educação e comunicação, na verdade não une tão-somente as duas áreas, realça também de um modo acentuado, um outro elemento, a “ação”, dando-lhe um significado particularmente importante. Educação e Comunicação são formas de conhecimento, que têm na ação o seu objeto (Soares, 2006).

Educomunicação é um conjunto de ações inerentes ao planejamento, implementação e avaliação de processos, programas e produtos destinados a criar e fortalecer ecossistemas comunicativos em espaços educativos presenciais ou virtuais, tais como escolas, centros culturais, emissoras de televisão e rádios educativas, centros de produção de materiais educativos analógicos e digitais, centros de coordenação de educação à distância ou e-learning (Soares, 2000, p. 77).

A informação transparente e bem documentada abre portas para se entender melhor a sociedade em que o indivíduo se insere. A informação de qualidade ajuda a interpretar o mundo e permite selecionar e difundir o que é importante para os cidadãos. Por isso, a literacia para os *media* também é a capacidade de exercer a cidadania (Oliveira & Caetano, 2017).

Broncano (1996) afirma que se a informação crescesse nas árvores e vivêssemos no paraíso terrestre, não precisaríamos de comunicadores e educadores, mas a informação é um produto caro e difícil de obter, pelo que se torna imprescindível encontrar um espaço de convergência entre a educação e comunicação [Tradução Nossa]⁶.

3.1 Rádio como instrumento de educação

As experiências científicas realizadas um pouco por todo mundo demonstram que a rádio começa a ser redescoberta como um importante meio de instrução por possuir um grande valor patrimonial e capacidade de difusão acelerada de conteúdos, estando a proporcionar formação, educação e entretenimento (Taparelli, 2003). Na opinião de Ortriwano (2008), essas características técnicas do meio permitem-lhe desempenhar estas funções de forma agradável e espontânea para o ouvido, dando possibilidade ao ouvinte de, ao mesmo tempo que aprende, poder participar e relaxar.

Segundo Filho (2003), a rádio oferece serviços variados no campo da informação e do conhecimento, estabelecendo vínculos mediadores com as pessoas em diferentes localidades,

⁶ “si la información creciera en los árboles y vivimos en el paraíso terrestre, no necesitaríamos comunicadores y educadores, pero la información es un producto caro y difícil de obtener, por lo que resulta imprescindible encontrar un espacio de convergencia entre la educación y la comunicación” Broncano (1996).

com as suas diferentes culturas e práticas. Tudo isto ocorre porque o meio cria imagens mentais com a linguagem e transporta o ouvinte para o lugar dos acontecimentos apenas através do som. Os animadores são chamados a transformarem-se nos olhos de quem escuta e, assim, estabelecer uma relação de identificação com o ouvinte, sendo a presença do locutor/repórter o “atestado de autenticidade do acontecimento narrado. É sobre essa relação de identificação que se constrói a credibilidade do rádio” (Paiva, 2002, p. 553).

Há muito que as escolas e as universidades deixaram de ser únicos centros da racionalidade e do progresso científico e social, bem como as únicas entidades que controlam a distribuição do saber social (Torner, 2007, p. 32).

De acordo com Borges (2002), apesar do grande número de meios audiovisuais existentes, o rádio ainda é um meio que se destaca graças à sua presença nos lares, escolas, carros e lazer, etc, cumprindo assim o seu papel de rádio companhia. Para Ortriwano (1985) a rádio continua a ser o meio de comunicação de massas com a maior taxa de penetração mundial, muitas vezes o único a levar a informação e o entretenimento a populações isoladas que não têm acesso a outros meios, contribuindo desta forma para a formação de opiniões, interesses e ideologias.

Embora grande parte da programação radiofónica seja de entretenimento, Sousa e Aroso (2003) (...) realçam as funções formativas e informativas da rádio.

A função informativa é cumprida pelo radiojornalismo. Mas a função formativa da rádio também é relevante, nomeadamente nos países com índices altos de analfabetismo e pela pobreza. Nestes países, a rádio é não só a grande fonte de notícias como também a grande fonte de conselhos da mais variada índole (desde conselhos agrícolas a conselhos de saúde). A rádio (e também a televisão), uma vez que se baseiam na oralidade, patenteiam uma capacidade notória de comunicar com um público que não necessita de uma formação específica para descodificar a mensagem (Sousa & Aroso, 2003, pp. 12-13).

Para Brecht (1927) a rádio ainda é, basicamente, um meio de distribuição de mensagens, não um meio de comunicação. A sua proposta fortalece sempre a ideia de que o funcionamento do rádio, para ser positivo, deveria ser mudado. “É preciso transformar o rádio, convertê-lo de aparelho de distribuição em aparelho de comunicação” (p, 56.).

Ainda assim, a rádio pode ser um instrumento de educação e um promotor de desenvolvimento através do som difundindo por via hertziana. Durante muito tempo considerou-se que esta particularidade era uma limitação do ponto de vista da sua eficácia como instrumento cognitivo, uma vez que o ser humano aprende, maioritariamente, pela visão.

Não obstante, Gagné et al. (1992) concluem que nenhum meio reúne todas as características e os transforma no meio ideal. “Quando se compara a eficácia dos distintos meios para o ensino, raras vezes se encontra alguma diferença [...] quase todas as funções de instrução podem ser cumpridas por quase todos os meios” (p. 208, [Tradução Nossa])⁷. Pelo que a rádio,

⁷ “It may be noted, however, that for each type of learning situation, a number of media options continue to exist. As a general rule, most instructional functions can be performed by most media” (Gagné et al. 1992).

além de apelar apenas ao sentido da audição, é um instrumento de educação válido, sendo até o mais apropriado em certas regiões do globo, podendo, em conjunto com a escola, “abrir novos caminhos para a formação do cidadão do terceiro mundo” (Tornerio, 2007, p. 142). Isso vem completar a finalidade da educomunicação, que visa facilitar a produção e a difusão da informação, promover a interatividade do processo de ensino-aprendizagem, fornecer as referências teóricas e as metodologias necessárias à análise da produção cultural para uma melhor adequação da formação com o sistema e o funcionamento dos meios de comunicação (Soares, 2000, p.63).

No que se refere aos seus efeitos, Tornerio (2007), defende que os *media* desempenham, um papel de relevo no desenvolvimento das crianças e dos jovens ao nível das esferas culturais e educacionais. O autor defende que é incontestável que os *media* ultrapassem os obstáculos e se introduzam na escola, exercendo, o papel de professor, tal como afirma Paulo Freire (1981), na Pedagogia do Oprimido: “Ninguém educa ninguém, ninguém se educa a si mesmo, os homens educam-se entre si, mediatizados pelo mundo” (p. 13). Já Gonnet (2007), por sua vez, destaca entre as vantagens da presença da rádio no ambiente escolar, “a melhoria da expressividade que inclui a dicção, projeção e tom; o desenvolvimento da capacidade comunicativa dos alunos; a investigação e exploração de documentos; o desenvolvimento de um sentimento crítico e de avaliação” (p.116).

Há que considerar que com o desenvolvimento dos meios de comunicação, a hegemonia da escola, como única fonte de transmissão do saber, foi posta em causa. Ou seja, com a popularização do livro, do jornal, da rádio e da televisão juntou-se à família e à escola um novo agente transmissor de conhecimentos e de atitudes, revestido de um novo estilo, ao qual se convencionou atribuir a designação de “escola paralela (Silva & Teixeira, 2015, p. 116).

Nos seus tempos áureos, a rádio, em função das suas características, já desempenhava, tal como hoje, um papel importante na vida das pessoas. Como assinala Portela (2011), “nos anos iniciais, as pessoas sentavam-se nos salões a ouvirem rádio, em busca de informação, educação e distração, que chegava na forma de peças dramáticas ou cómicas” (p. 35).

Para o autor, eram constantes os encontros entre vizinhos, amigos ou familiares que se dedicavam à escuta de tudo quanto era produção radiofónica, como música, radionovelas e de teatro radiofónico. Assim a rádio formou a opinião pública no domínio privado, tornando-se, progressivamente, no primeiro meio verdadeiramente de massas.

3.2 Potencialidades da rádio no ensino da criança

No decorrer da revisão bibliográfica verificamos que são vários os autores que realçam as potencialidades da rádio para a formação e educação da criança.

“Os media são construções, como uma casa, usam várias peças para construir as suas mensagens, mas em vez de tijolos usam imagens, palavras, sons, ilustrações para criar uma representação da realidade à nossa volta” (Oliveira & Caetano, 2017, p. 92).

Neste conjunto dos *media*, Haussen (1988) enquadra a rádio, como um meio que sempre foi uma opção para a criança entre os diversos recursos de comunicação. Ao elogiar a rádio em si, o autor afirma que esta é um veículo indiscutível que encerra uma potencialidade infinita a ser explorada por causa das suas características. Para o autor, o meio tem poder de despertar a imaginação sem limitação da imagem o que torna a rádio um veículo potencialmente ideal para uma programação que se dedica a trabalhar a fantasia infantil, procurando despertá-la ou apenas estimulando-a.

Como afirmámos no segundo capítulo, a UNICEF define a criança como todo o ser humano menor de 18 anos. Correia (2012), por sua vez, considera-a como um ser humano no período da infância, cujo comportamento é pouco maduro e, igualmente, pouco responsável, precisando assim de orientação. Kohan (2004) considera que a educação na infância é importante pelo facto de ela contribuir para as sociedades futuras. Assim, educar é a melhor e a mais sólida maneira de introduzir mudanças e transformações sociais. Pereira (2007) acredita que a emergência de novos temas, como os problemas ecológicos, alimentação, a comunicação noutras línguas, etc, sobretudo se apresentados de forma lúdica, permitem a aquisição de conhecimentos pelo facto de ser um dos principais objetivos dos programas infantis.

Kaplún (2008) afirma que a rádio “não é um veículo, mas sim um instrumento potencial de educação e cultura popular; e como todo instrumento, exige conhecê-lo, saber manuseá-lo, adaptá-lo às suas limitações e às suas possibilidades” (p. 83).

Haussen (1988) afirma que as crianças gostam de interagir e brincar com a TV e com a rádio. O que move a fantasia infantil, segundo o autor, é o lúdico, o brinquedo, que permite que a criança se exercite para chegar a ser um adulto integrado, em harmonia consigo mesmo. Nesse sentido, a programação infantil, tanto em televisão como em rádio, deve ter em consideração a criança como um ser integral e não apenas como um possível consumidor. O autor acrescenta ainda que o facto de a rádio encerrar em si inúmeras possibilidades, não significa que ela consiga atrair, imediatamente, a atenção dos mais pequenos apenas com a oferta de produtos dirigidos às crianças. Se isto ocorrer, o trabalho de captação do público infantil necessita do apoio das famílias para chamar a atenção da criança para a rádio.

Moreno e Rosell (2014) reforçam a mesma ideia ao considerarem a rádio como o meio propício para que a criança desperte o espírito crítico e comece a conhecer a realidade que a rodeia.

Segundo Mcleish (2001) a rádio apresenta as seguintes características:

- *A penetração*: a rádio está disponível para milhões de ouvintes sem embaraços tecnológicos e visa a transmissão e difusão da informação produzida, que abrange indivíduos, grupos e estratos sociais em todo o mundo.
- *Regionalismo*: é uma marca fundamental da rádio, pois, oferece visibilidade às informações locais.
- *Intimidade*: ao mesmo tempo que atinge milhares de pessoas, a rádio é dirigida ao indivíduo em particular.
- *Simplicidade*: a rádio não requer tanto aparato técnico como os meios visuais (câmara, luzes e outros recursos).
- *Acessibilidade*: a sua abrangência alcança geralmente qualquer lugar, até mesmo onde não existe energia elétrica.
- *O custo*: o preço do rádio é relativamente baixo, se comparado com outros meios de comunicação.

Filho (2003) refere que desde a sua génese a rádio afirma-se como um serviço de utilidade pública que muito contribui para a história da humanidade. Segundo o autor, a rádio deixa como legados princípios como ação, atuação, transformação e mobilização. Ela atua como agente de informação e formação do coletivo.

A rádio é comparada com os meios impressos, tais como revistas, jornais e folhetos. Se por um lado, estes têm a seu favor a durabilidade e a permanência em relação à mensagem da rádio, que é fugaz e efémera, por outro lado, a rádio “oferece importantes vantagens de chegar aos analfabetos [...] adaptar-se melhor que qualquer outro meio aos povos que baseiam a sua cultura na transmissão oral” (Kaplún, 2008, p. 84).

3.3 A mensagem da rádio para a criança

Fernando e Pereira (2017) consideram que a mensagem passada pelos emissores aos recetores transmite uma perceção de que existem relações de amizade. Neste sentido, os locutores devem ter em mente o perfil dos seus ouvintes e dirigirem-se a eles como se estivessem presentes através do som da voz.

Na mesma linha de pensamento, Porchat (1989) destaca que o locutor não vê o ouvinte e o ouvinte não vê o locutor. Para a autora, o locutor é o responsável pelos conteúdos que são emitidos durante o programa e a ele cabe anunciar tudo o que o programa emite, chamar pelo repórter, receber convidados em estúdios, dirigir entrevistas, fazer os anúncios de estação e do tempo. (p.98). A fala ao microfone é percebida pelo ouvinte como real e presente, proporcionando uma relação de empatia e identificação (Balsebre, 2007).

Aranguren (1975) apresenta uma outra perspetiva, uma vez que se refere às pessoas, em especial adolescentes e jovens que, nos dias de hoje se sentem isoladas quando se vem

privadas dos veículos de comunicação, o que nos leva a perceber a sua importância e o vazio que representa para os utilizadores. Todavia, é um facto que os novos meios de comunicação, sobretudo os programas mais especializados não se destinam ao grande público, uma vez que a sua linguagem, nem sempre é dominada pelas novas gerações.

“ (...) A própria linguagem baseia-se em diferentes convenções verbais ou juízos de valor implícitos, e tem uma diferente carga emocional, pelo que os pais não podem juntar-se aos filhos para acompanharem alguns programas ou para ler “histórias em quadradinhos”, por conseguinte, as gerações cujos pais tomam cuidados especiais para mantê-los afastados desses meios de comunicação sentem-se perdidos no mundo dos jovens e caem num comportamento de imitação e regressão (Aranguren, 1975, p. 107).

Considerando o público infantil, Aranguren (1975) realça que é necessário calcular “as palavras usadas, os temas escolhidos, os tipos de linguagens e vocabulários, as diferentes formas estilísticas e tipográficas de apresentação do mesmo item de notícias, a sua legibilidade ou ilegibilidade e assim por diante” (p.108). Neste sentido, o texto radiofónico deve ser construído de forma a “fornecer ao ouvinte uma compreensão imediata da mensagem” (Sousa & Aroso, 2003, p. 21).

Porchat (1989) considera que se deve acrescentar a isso o facto de qualquer pessoa, mesmo analfabeta, poder escutar rádio, e também o facto de isso poder ser feito a qualquer momento do dia. Ao analisar o potencial linguístico da rádio, a autora destaca a grande taxa de penetração, situação que exige uma mensagem nítida, simples, rica, repetitiva, forte, concisa, correta, invocativa e agradável.

No caso específico dos espaços infantis, para além da linguagem simplificada é necessário que as crianças gostem do programa. Os conteúdos devem referir-se a elas e serem transmitidos de forma clara e simples, acompanhados pelas músicas que também as podem cativar (Luísa, 2019). Quando um dos interlocutores é uma criança, deve-se ter presente que grande parte da sua linguagem e das suas vocalizações se inserem num contexto de interações com adultos motivados para compreender aquilo que ela exprime (Bitti & Zany, 1993).

O conjunto de conteúdos para o público infantil deve limitar-se ao que diz respeito ao seu mundo: um projeto infantil traduz o sentimento de quem é criança e de quem com elas interage (Sebastião, 2012).

(...) A rádio procura, acima de tudo, difundir factos no menor espaço temporal possível desde a sua ocorrência. A rádio é nesta aceção, simultânea com a realidade através da sua capacidade de incluir temas e conteúdos universais, sobretudo aqueles que estão no mundo presente dos seus ouvintes e que dizem diretamente respeito à vida dos cidadãos (Faus Belau, 1981, p. 199).

Bonix (2012) enquadra a rádio como um meio de comunicação que, no capítulo da informação, se presta à divulgação de factos imediatos e, tanto quanto possível, em direto (p. 50). Uma perspetiva que é valorizada por Meditsch (1999) ao afirmar que o meio ao funcionar vinte e quatro horas permite seguir os factos. Portanto, verifica-se que a rádio, sendo um meio de comunicação social, está associada a eventos de dimensão universal, o que na ótica de

McLuhan (1964/1993) decorre do seu papel unificador e de partilha que lhe é conferido pela acessibilidade e universalidade.

Apesar da rádio oferecer programas com conteúdos de interesse geral, fundamentalmente por causa do público heterogéneo, Soengas (2003) defende a necessidade de se explorar os segmentos como forma do meio exercer o seu papel. O modelo de rádio infantil deve oferecer uma programação temática para captar a atenção e interesse durante os primeiros anos de vida da criança, correspondendo assim a uma integração deste conceito no processo de socialização. Como refere Sebastião (2012), toda a atenção deve estar ajustada a cada necessidade de segmentos de ouvintes, criando uma estação de rádio que vai ao encontro dos desejos, interesses e motivações das crianças, dos pais e dos avós.

Tudo deve ser uma combinação de alegria e rádio, a qual visa, com a utilização de palavras simples, diretas e facilmente reconhecidas, remeter para a essência do produto - uma rádio que diverte, alegre, sendo que Alegria também é sinónimo de crianças (Sebastião, 2012, s/p).

Para Sousa e Aroso (2003), a oralização da linguagem é um critério fundamental. O locutor de rádio deve procurar ser coloquial, natural, aproximando o seu texto à linguagem de todos os dias. Kaplún (1980) apresenta mesmo algumas condições que podem ou não ditar a eficácia pedagógica da mensagem radiofónica, algo ainda mais importante quando se trata de um público infantil.

- Captar a atenção do ouvinte, sem lhe exigir um esforço de concentração excessiva;
- Estimular a imaginação do ouvinte e suscitar imagens auditivas;
- Desenvolver vários recursos expressivos e valer-se não só da palavra, mas também da música e dos sons;
- Criar uma comunicação afetiva, que não só fale ao intelecto do ouvinte como também apele à sua sensibilidade e à sua participação emotiva;
- Desenvolver a capacidade de empatia, fazendo com que o ouvinte se sinta presente no programa;
- Oferecer aos ouvintes elementos de identificação;
- Limitar-se a apresentar poucas ideias e conceitos em cada emissão, saber reitera-los e ser redundante sem cair na monotonia;
- A utilização de técnicas criativas é condição essencial da comunicação radiofónica educativa.

Ao referir-se à mensagem da rádio, Balsebre (2007) salienta que as vogais exercem poder sobre a voz, assim como as consoantes projetam as vogais e dão conteúdo. Esclarece que as vogais funcionam como sons musicais da palavra, pelo facto de darem forma e cor a voz, tal como as consoantes são essenciais.

(...) O som da palavra define-se acusticamente pelo timbre, tom e intensidade e a cor da palavra é a dimensão resultante da inter-relação destes três elementos no âmbito perceptível. O som agudo excitará no ouvinte uma imagem auditiva luminosa e clara, o grave, mais obscura. A cor da palavra conota também relações espaciais (Balsebre, 2007, p. 44 [Nossa tradução])⁸.

Mas, num programa infantil, a mensagem deve cativar as crianças, obedecendo a uma fórmula simples, com informações curtas, objetivas, sem rodeios e sem desprimor para a música (Ângelo, 2019).

3.4 Linguagem de rádio na programação infantil

A linguagem é a capacidade humana de expressão e comunicação de pensamentos ou sentimentos, orais ou escritos, e é ainda o conjunto de sinais visuais ou sonoros, através dos quais se comunica (Correia, 2012).

A linguagem de rádio baseia-se na dosagem de som e silêncio, no entanto, o som é compreendido como a principal matéria-prima da rádio, onde as mensagens sonoras funcionam como estímulos auditivos. É através delas que a rádio transmite imagens da realidade, comunica sensações, sentimentos e emoções, e difunde informação. O sistema sonoro em que se baseia a linguagem de rádio tem vários elementos. A voz, a música e os efeitos sonoros são os principais componentes do sistema. “Quando os elementos do sistema sonoro se combinam, perdem a unidade conceptual. A interação que estabelecem resulta num novo conceito, a linguagem radiofónica” (Sousa, 2006, pp. 573-574). Piaget (1951/1979) assinala que o conteúdo associado a emoção tem maior vivacidade nas atividades pré-operacionais ou não operacionais tais como o brincar simbólico, os sonhos e as fantasias. Segundo o psicólogo, com o desenvolvimento da linguagem e de outras capacidades simbólicas, os sentimentos tornam-se, gradualmente, socializados e inter individualizados. O autor destaca que a criança desenvolve emoções intuitivas de simpatia e de antipatia, tornando-se capaz de compreender como é que os outros se sentem sobre qualquer coisa e de separar isto dos seus próprios sentimentos.

Balsebre e Meditsch (2005) referem que a função comunicativa da linguagem tem aspeto duplo: “o código, repertório de possibilidades para produzir enunciados significantes e a mensagem, variações particulares sobre a base do código” (p. 327), mas a linguagem moderna fixa também um terceiro aspeto entre o código e a mensagem: o uso social e cultural.

Tal como outros elementos, a palavra é fundamental na linguagem radiofónica. Faus Belau (1981) acrescenta que a palavra falada é mais rica emocionalmente, do que a palavra escrita, uma vez que é capaz de comunicar para além das ideias, emoções e realidades (p.190). Com igual perspetiva, Balsebre (2007) considera a palavra fundamental na comunicação radiofónica, pois é um instrumento habitual de expressão direta do pensamento humano e

⁸ “el sonido de la palabra se define acústicamente por el timbre, tono e intensidad y el color de la palabra es la dimensión resultante de la interrelación de estos tres elementos en el ámbito perceptible. El sonido agudo excitará en el oyente una imagen auditiva luminosa y clara, el grave, más oscuro. El color de la palabra connota también las relaciones espaciales” (Balsebre, 2007, p. 44).

veículo da nossa socialização (p.33). Por isso, a voz é um dos instrumentos preferenciais para a veiculação de mensagens em rádio, pelo que se consegue, inclusivamente, vincar as distâncias, podendo tanto criar uma sensação de intimidade como uma sensação de distanciamento (Sousa, 2006).

Referindo-se ao contexto angolano, Ângelo (2019) afirma que a linguagem para o universo infantil na rádio deve ser mais simples e clara possível para que a criança se possa sentir atraída pelo meio.

(...) Nós procuramos informar a criança brincando, nós estamos a brincar com a criança, mas também estamos a informar a criança que Octaviano Correia é angolano foi o primeiro realizador do programa (...) Que Agostinho Neto foi o primeiro presidente do nosso país (...) Estamos a brincar que Angola tem 18 províncias, então nós procuramos trazer informação e entretenimento para a criança para ela não se cansar rápido, não se pode falar uma hora sem tocar música e sem brincadeiras (Ângelo, 2019).

Moles (1975) entende que se pode designar a natureza estrutural da mensagem sonora do rádio em três sistemas expressivos muito concretos: a palavra, a música e o ruído ou efeito sonoro. Então, a língua tem uma importância crucial como mediadora entre o pensamento e a ação, embora a relação entre a linguagem e o pensamento seja altamente complexa. Chazan e Cox (1979) são unânimes ao considerarem que muitos aspetos do funcionamento cognitivo são facilitados por capacidades linguísticas adequadas.

(...) Possuir semelhantes aptidões pode ser considerada como um pré-requisito para a execução eficiente de níveis mais elevados de raciocínio. Além de mais, a linguagem é, nas suas formas oral ou escrita, o meio principal para o ensino nas escolas e para a criança beneficiar o máximo da educação formal é essencial o domínio de certas capacidades linguísticas (Chazan & Cox, 1979, p. 263).

Se em toda a comunicação é indispensável a empatia, no rádio ela é decisiva. O comunicador radiofónico deve desenvolver ao máximo a capacidade de assumir a situação do ouvinte, perceber o mundo como ele percebe; conhecer a realidade do ouvinte “(...) falar a sua própria linguagem, fazer com que se sinta refletido na mensagem. (...) Alcançando esta comunicação empática, o ouvinte já não se sentirá como ausente, excluído da emissão, enfrentando conteúdos impostos” (Kaplun & Meditsch, 2008, p. 89).

Kaplun e Meditsch (2008) referem que o educador-comunicador, sendo criativo, irá incorporar novos géneros, novos recursos e novas soluções. “(...) a tarefa não termina, no entanto, no momento que selecionamos os temas e os conteúdos para a emissão; ali começa, (...) toda a mensagem educativa deve ser traduzida, reelaborada e colocada na linguagem radiofónica” (p. 84). Por isso apela-se à introdução de um novo paradigma que remeta para a mudança integral na forma e no conteúdo dos programas, tendo como meta a adoção de uma linguagem eclética que apela às emoções, intimista, livre e comunicativa, privilegiando a criatividade radiofónica (Ortriwano, 1985).

Assunção (2019) defende a necessidade da adoção de conteúdos nos programas que tenham um valor pedagógico, transformando deste modo a rádio numa segunda escola para as

crianças. Para este segmento deve optar-se por mensagens em que a criança perceba o que está a ser dito, porque ouvindo ela aprende; aprende a cantar, a contar, aprende a construir o mundo a sua volta. Em programas cujos conteúdos retratem animais, de acordo com o autor, o ideal é disponibilizar canções que reflitam a vida animal, incentivando cuidados e proteção; em programas cujos conteúdos têm a ver com a escola deve-se ilustrar que aprender e ensinar fazem bem.

Enquanto órgão de comunicação social, a rádio é um meio de baixo custo, de pequeno porte, cuja grelha de programas atende os vários segmentos sociais, desde os mais novos aos mais velhos, com um impacto de grande relevância sobre a vida das pessoas nos diferentes locais da sociedade, graças à sua capacidade de estabelecer laços afetivos com a audiência.

É preciso que o profissional de rádio saiba conjugar de forma criativa e equilibrada a dialética, a forma, o conteúdo, a previsibilidade, a originalidade e a informação semântica e estética, tal como defende Balsebre (2007). Para além da ficção dramática e do ritmo musical, a audiência radiofónica que ouve programas informativos pode causar uma verdadeira emoção estética, utilizando a linguagem como instrumento de comunicação e expressão.

Entretanto, são incalculáveis as iniciativas voltadas para a educação como forma de inserção dos *media*, um esforço das entidades internacionais. Conscientes da importância que representa a melhoria das relações entre educação e comunicação na sociedade, educadores, comunicadores e investigadores de 19 países e participantes no simpósio internacional reunido em Grünwald, na República Federal da Alemanha, adotaram uma declaração, cujo teor assenta no apoio aos programas integrados de educação para os *media*, a sua compreensão para formar os métodos de ensino apropriados, e o estímulo de atividades investigativas em prol da educação para os *media* (UNESCO, 1982).

Por estas razões é que uma grande parte da educação para o desenvolvimento ou do que implica uma cidadania global, está ligada a literacia para os *media* que os cidadãos necessitam desenvolver (Oliveira & Caetano, 2017).

Capítulo 4. A Programação Infantil na Lusofonia

Avrella e Zucoloto (2013) defendem que a programação infantil procura satisfazer a audiência, formando os ouvintes através dos conteúdos culturais e educativos. No espaço lusófono, a este objetivo junta-se ainda a partilha do mesmo idioma, porém, a programação infantil é diferenciada em função da realidade etnocultural de cada país e, por vezes, até de cada região.

4.1 Radio Nacional de Angola

Os arquivos históricos da Rádio Nacional de Angola revelam que o programa infantil “*Rádio Piô*” foi emitido pela primeira vez a 05 de fevereiro de 1983, numa iniciativa da antiga direção de programas da RNA, na altura sob responsabilidade da jornalista Maria Luísa Fançony. A ideia do projeto nasceu de um encontro que teve lugar em 1982 na República Democrática do Congo, que juntou diretores de programas das diferentes rádios do continente Africano, que viram nas suas grelhas a necessidade de terem um espaço dedicado às crianças dando-lhes cada vez mais voz na rádio.

O nome do programa “Piô” é o diminutivo do vocábulo “pioneiro”, termo dado a um grupo de crianças, neste caso “Organização dos Pioneiros Angolanos”. Nos seus primeiros anos, o programa era emitido em dois períodos: de manhã e em reposição à tarde (Rocha citado por Assunção, 2012).

Com valor pedagógico, o programa é integralmente, dedicado ao público infantil de todo o país, que se apropria do telefone, redes sociais, emails e cartas como forma de interação. A periodicidade é diária, exceto aos fins-de-semana. No passado, o espaço tinha apenas trinta minutos e ao longo da semana abordava um conjunto de assuntos com realce para direitos e deveres da criança, a sua integração na família e na sociedade, saúde, educação, cultura, desporto, história angolana, universal, geografia de Angola, proteção e preservação do ambiente, e ainda vários géneros de curiosidades. O programa inclui igualmente referências a eventos nacionais e além-fronteiras que digam respeito à criança através de reportagens, bem como a abordagem profunda de efemérides que refletem a respeito da criança e os seus interesses. Até 2001 o programa era gravado, mas a partir deste ano, sob a direção do jornalista Amílcar Xavier na área de programação, o programa passou a ser apresentado em direto para o público infantil de todo o país, com cobertura de eventos, presença de outras rádios provinciais e realização de espetáculos.

Visto como um dos “viveiros” do jornalismo em Angola, o programa é considerado uma verdadeira escola dentro da Rádio Nacional de Angola, tendo a maior parte da nova geração de

profissionais da comunicação social angolana e da Rádio Nacional em particular, passado no espaço Rádio Piô. Nomes como Jorge Antunes, Patrícia Pacheco, Zé Saraiva, Moscov Garcia, Ana Celeste, Milú Monteiro, Simão Bequengue, António Campos, Carlos Bequengue, Amélia Borja, Cristina Caetano, Miguel Pacheco, Sebastião Lino, Sílvio, Gildo Kumbindamba, Bela Pacheco, Leda Macuéria, Sílvia Samara, Vânia Varela, Heitor Lourenço, Lígia Mendes, Giza Baltazar, Gilberto das Neves, Goreth Capilo, Bernardeth Horta, Flávio Madeira, Sónico de Madalena, Marina Chambole, Waldick Baptista e tantos outros, que até hoje continuam a dar o melhor de si nos diferentes domínios do jornalismo e em outras áreas do país (Ângelo, 2019).

Conforme Assunção (2019) o programa “Rádio Piô” já esteve representado em vários eventos internacionais como a “Cúpula da Criança nos Media”, que teve lugar na África do Sul, Camarões e Suécia, organizado pelo Fundo das Nações Unidas para a Infância (UNICEF), em parceria com os seus homólogos nestes países. No âmbito destes encontros, em 2004, por ocasião do Dia Mundial da Criança na Rádio e Televisão, o programa venceu o prémio na categoria de Melhor Programa Infantil da África Subsariana.

O programa já teve como primeiro realizador o escritor e jornalista Octaviano Correia, depois Carlos Bequengue e Simão Bequengue, Suzete Araújo, Fernando Nogueira e Bela Pacheco e presentemente o programa é realizado por Rui Assunção.

Atualmente, após mais uma remodelação dos vários programas do canal principal da RNA em 2018, o espaço foi integrado dentro de um outro programa denominado “Casa da Rádio”, essencialmente dedicado às famílias angolanas, e é emitido de segunda a sexta-feira das 9 às 12 horas. O programa tem o formato «*sketch*», com apenas cinco minutos em cada hora com três rubricas diárias:

Segunda-Feira: “*Escola 2019*”, espaço dirigido às crianças que frequentam o primeiro e segundo ciclos de ensino; “*Quando eu for grande*”, dá valor às profissões e explica o seu enquadramento na sociedade; “*Novas Palavras, Novas Ideias*”, que tem como objetivo despertar nas crianças o interesse em conhecer as palavras, os seus significados, origens e divisão silábicas;

Terça-feira: “*A minha casa*”, retrata os desejos e todas aquelas atividades que as crianças realizam em casa; “*Cozinha Com Elas*”, ensina receitas e dá conselhos para evitar possíveis riscos na cozinha; “*Sopro de Letras*”, onde as crianças são instruídas a ouvir histórias de escritores angolanos, títulos das obras e os seus autores.

Quarta-feira: “*Mãos na Terra*”, espaço criado com a intenção de estimular nas crianças o hábito do cultivo e a conhecerem os benefícios de algumas plantas, frutos e vitaminas; “*O Meu Dia a Dia*” que entre outros assuntos aborda as principais atividades desenvolvidas pelas crianças ao longo do dia; “*Com jeito, a jeito*”, aqui as crianças através da sua criatividade ensinam a reciclar ou a fazer novas peças.

Quinta-feira: “*Porquê*”, um espaço cuja ideia é despertar a curiosidade das crianças por intermédio das perguntas; “*Tecnokids*”, dedicado à promoção e ao ensino das novas tecnologias com a participação direta das próprias crianças; “*Pés Descalços*”, rubrica onde os meninos debatem temáticas sobre várias índoles.

Sexta-feira: *“Moda infantil”*, dedicado às novas tendências da moda e aos gostos da criança no que toca a vestuário e outros acessórios; *“Eu brincando”*, está consubstanciada a ensinar, brincar e aprender; privilegia a abordagem sobre os diferentes passatempos; *“Caçulinhas em Forma”*, que semanalmente retrata uma modalidade desportiva de modo a despertar na criança o interesse pelo desporto e o conhecimento da sua história.

Para além dos dias de semana, o programa Rádio Piô, preenche, igualmente, o espaço de antena da Rádio Nacional de Angola aos domingos, com uma hora de emissão, no espaço entre as 14 e as 15 horas, com temas diversificados sobre o universo infantil.

O programa, com 36 anos de existência, está aproximadamente na sua sexta geração. Já teve uma equipa vasta, mas, atualmente, conta com oito elementos: Rui Assunção (realizador), Suzana Ângelo e Jéssica Correia (assistentes e locutoras principais), Beatriz Francisco, Josuelia António, Eliane Miguel, Angélica Fernando, Ivete Brás, Feliciano Fernando e Filipe Francisco.

Hierarquicamente a redação do programa infantil “Rádio Piô” é dirigida pelo chefe de redação e é auxiliada pelo conselho de realizadores. A redação conta ainda com quatro elementos, que são os secretários de redação cultural e social que dão todo o suporte necessário à equipa. De acordo com Assunção (2019), o programa conta com o apoio direto dos realizadores dos programas infantis das 18 províncias de Angola, num espírito nacional, cuja linha editorial assenta nos pressupostos académicos, sociais, culturais, históricos e temas infanto-juvenis.

De salientar que ao chefe de redação compete coordenar e supervisionar todo o trabalho produzido na redação. Esta figura existe como forma de organizar a redação, permitindo assim a existência de uma linha de trabalho sistemática onde sejam executados os temas de interesse e os valores noticiosos presentes na linha editorial do órgão. Tal como outros programas, o “Rádio Piô”, recorre a especialistas e académicos.

4.1.1 Radio Provincial de Malanje

“Recreio Infantil... uma roda de amigos onde todos brincamos... é pássaro não é avião”. É este o indicativo do programa infantil da Rádio Malanje que há mais de duas décadas é emitido para o público infantil da província e arredores.

Não existem dados específicos sobre quando foi emitida a primeira edição do programa “Recreio Infantil” da antiga Rádio Clube de Malanje, hoje conhecida pelo slogan “*A Sintonia da Palanca Negra Gigante*”, muito menos a antiga designação, tudo isto por não existirem registos históricos.

O espaço não era emitido diariamente, tendo sido produzido esporadicamente, quando houvesse informação importante a veicular para crianças e adolescentes. Este cenário acontecia muito por causa do momento político que o país vivia.

Apesar de não dispor de uma estrutura própria, naquela época o programa já era um dos principais atrativos desta faixa etária, onde, para além da música como elemento de diversão e descontração, tinha ainda como missão principal transmitir conteúdos com valor pedagógico, educação moral e cívica, aspetos éticos, culturais e patrióticos, atividades extras escolares. Eram ainda emitidos conselhos sobre o respeito aos mais velhos e a proteção dos animais e plantas.

Visando o futuro das crianças, o programa sensibilizava-as para o estudo e a importância da assiduidade na escola. Quanto ao seu crescimento e desenvolvimento intelectual, bem como o domínio da cultura geral, as crianças eram aconselhadas a lerem frequentemente, cabendo aos pais o papel de incentivo dos hábitos de leitura.

No capítulo da cultura, e com vista à sua promoção, as crianças eram incentivadas, com o programa, a interpretar canções e a declamar poesias como forma de despertar o seu lado artístico. Muitas vezes o programa convocava as crianças para campanhas de limpeza, visitas às instituições e atividades recreativas e culturais.

Até então, por altura de 1979/1980 o espaço consolidou-se para mais tarde vir a tornar-se de facto num programa, de periodicidade diária cuja coordenação já era da direção da Rádio Malanje, tendo deixado de pertencer à Organização dos Pioneiros Angolanos. No mesmo período, o antigo Ministério da Informação (atualmente Ministério da Comunicação Social) impôs-se, permitindo à rádio mais autonomia, facilitando assim o ingresso de outros cidadãos interessados em trabalhar na emissora. Com isso, o espaço infantil foi reforçado com uma estrutura de facto, já sob as exigências da Rádio Nacional de Angola e a inserção de conteúdos mais direcionados para a criança. Essa realidade confere um outro nível à estação, conquistando assim a simpatia do público infantil. Dava-se o início de uma nova era na história do programa infantil.

Anos mais tarde, na década de 80, o programa ganhou outro ritmo. Com 30 minutos de duração e periodicidade diária, era emitido de segunda a sexta-feira, tendo como realizador Pedro Soares. Seguiu-se António de Jesus Correia, que assumiu durante 4 anos a realização do programa, isto entre 1988 e 1992, num período em que José Jamona, Hermenegilda Vassone, Libânia, Costa e tantos outros, eram os locutores.

Nesta época, o programa não podia ser apresentado em direto por causa do momento político que o país vivia e dado o controlo que o Estado exercia, pelo que a equipa era obrigada a gravar os 30 minutos do programa para a sua posterior emissão durante as manhãs, com reposição às 14 horas (Correia, 2019).

O programa privilegiava conteúdos que incentivavam os meninos aos estudos e a não faltarem à escola, como forma de garantir o seu futuro, e já possuía um carácter multidisciplinar, onde entre outras matérias de currículo pedagógico, se abordava a vida e obra de figuras angolanas, africanas e heróis, cujo propósito era a divulgação das suas causas e objetivos de luta (Jamona, 2019). Segundo Jamona, que na época era locutor do programa, a

equipa produzia o programa com recurso aos conteúdos da “Revista Maria” e do “Almanaque”, um folheto da igreja católica. Os conteúdos eram essencialmente de curiosidades, histórias, dedicatórias e uma viagem pelo mundo com informações diversificadas.

Na década de 90 a situação político-militar complica-se e o país volta novamente ao conflito armado. Segundo Jamona (2019), a situação agudiza-se e uma boa parte dos trabalhadores da emissora vê-se obrigado a abandonar a província e ir para Luanda, afetando a programação e com isso o programa infantil. Anos depois, no final da década de 90, a situação em Angola melhora e mesmo com poucos profissionais, o programa infantil é retomado com a realização de António Sony, quadro da área de sonorização, que com um grupo de crianças voluntárias decidem abraçar o desafio de trabalhar em prol do universo infantil.

Com o passar do tempo, a equipa do programa recebeu mais elementos interessados (crianças e adolescentes) uma vez que muitos acabavam por desistir por dificuldades de conciliação entre a escola e a rádio. Passaram pelo programa nomes como Sónia Acácio, Gita Santos, Armanda Jorge, Victor Hugo Mendes, Geny Taborda, Odília Luís, Domingas da Graça, Domingas Caetano, Filomena António, Carmita António, Rita Solange, Custódio Fernando, Perpetua Martins, Ema Massunga, Maria Massunga, Adilson Costa, Marcolina Bastos, Megnela da Cruz, Maria Bumba entre outros.

Por se tratar de um programa de e para crianças, o “Recreio Infantil” sempre contou com apoio e carinho dos funcionários adultos. Primeiro, pelo facto de ser uma faixa etária sensível, e depois porque era visto como uma joia por ser o viveiro da estação emissora, cujo papel assentava essencialmente em dotar os futuros jornalistas de ferramentas sobre o ABC da profissão.

Atualmente, o espaço é de periodicidade diária, exceto ao domingo. Caracteriza-se por ser um programa que apresenta duas tipologias: entretenimento e informação, com interação a partir das redes sociais, telefone, e-mails e cartas. É emitido nas manhãs de segunda a sexta-feira, entre as 9h30 e as 10 horas, com reposição às 14h30, até às 15 horas. Ao sábado tem a duração de uma hora, o que corresponde a seis horas por semana de voz e tempo de antena dedicado às crianças.

De segunda a sexta, o espaço possui 30 minutos de duração e é composto por 10 rubricas, duas por cada edição.

Segunda-feira: “*Eu Quero Saber*” é uma rubrica com carácter multidisciplinar, com um retrato sobre a fauna e a flora nas suas múltiplas vertentes, cujo objetivo principal é dotar os ouvintes de noções básicas sobre o modo de vida animal e das plantas, bem como sensibilizá-los para os cuidados a ter com os mesmos. Uma outra abordagem está virada para a geografia mundial, cuja finalidade é mostrar às crianças que o mundo é extenso e existem diferenças entre os povos, culturas, hábitos e costumes, gastronomia, idiomas, etc. Habitualmente, são convidados do programa, professores, especialistas de diferentes áreas, membros de associações que zelam pela proteção e integridade dos animais, etc; “*Desporto*”, rubrica que prioriza a abordagem das diferentes modalidades desportivas, incidindo em vários aspetos de

modo a incentivar a prática desportiva entre as crianças como forma de lhes garantir a saúde e bem-estar. Uma das dinâmicas é convidar atletas federados e com os quais se conversa sobre as suas carreiras e desta forma permitir que os ouvintes conheçam as principais figuras do desporto do país e da província em particular. Para além disso, as conversas são alargadas com os ouvintes (crianças) para se saber das suas paixões e clubes prediletos.

Terça-feira: “*Saúde é Vida*” é uma rubrica sobre causas, consequências e métodos de prevenção de diferentes doenças, principalmente as mais frequentes nas crianças. A ideia principal é mobilizar e sensibilizar o referido público, as famílias e a sociedade de um modo geral para terem alguns cuidados e para evitarem doenças. O programa dá igualmente uma atenção especial aos cuidados a ter com a primeira infância e outros cuidados a que as mulheres em período de gestação estão sujeitas. Por regra, são convidados médicos, enfermeiros e outros funcionários dos mais distintos departamentos de saúde pública; “*Falar Correto*” é um espaço de Língua Portuguesa com a finalidade de corrigir os erros mais frequentes, ou seja, é eleita uma palavra que grande parte das crianças diz de forma incorreta, e com a presença de um professor de Língua Portuguesa nos estúdios é feita a devida correção ajudando-as desta forma a melhorarem paulatinamente os seus problemas de gramática e não só.

Quarta-feira: “*Conheça a Nossa Terra*”, é uma rubrica sobre a realidade socioeconómica e cultural dos bairros, comunas, municípios, cidade e o país de forma geral. O programa procura mostrar a geografia de Angola às crianças e tem como objetivo principal dotar o público de noções sobre as características de cada uma das zonas, os seus hábitos e costumes, língua local, danças, música, gastronomia, etc. “*Arte Infantil*” é uma rubrica dedicada às crianças talentosas e criativas em áreas como cultura e artes, cujos sucessos atingidos são dignos de realce e distinção.

Quinta-feira: “*Correio Infantil*” é uma rubrica cuja dinâmica principal é unir os ouvintes (crianças) dos quatro cantos da província através de dedicatórias. As crianças enquanto seguidoras do espaço escrevem cartas e enviam os seus e-mails felicitando aniversariantes, as suas famílias, amigos, colegas ou desejando melhoras aos doentes; “*Ler e Crescer*” é uma rubrica que tem como fim único cultivar o hábito de leitura entre as crianças, realçando as vantagens do contacto frequente com livros como forma de enriquecer a cultura geral. O espaço promove igualmente obras literárias de escritores que privilegiam a literatura infantil.

Sexta-feira: “*Receita e História*” é uma rubrica sobre gastronomia angolana, a sua história e modos de confeção. O espaço visa essencialmente dar a conhecer os principais pratos típicos do país, das demais regiões de Angola e em que cerimónias devem ser degustados, bem como as suas proveniências; “*Recordar a Infância*” é uma rubrica onde os adultos são chamados a recordar a sua infância através de entrevistas, partilhando as suas curiosidades, aventuras, gostos, passatempos e outras experiências pessoais sobre o passado, de modo a influenciar às crianças, para que estas os ouçam e os vejam como exemplos de vida.

A população de Malanje, com origem muito diversa, está dividida em dois grupos linguísticos: Kimbundu e Songo. A língua regional mais falada na província de Malanje é Kimbundu e em função desta realidade, o programa infantil começou a utilizá-las e posteriormente tinham a sua tradução em português como forma de manter informados os diferentes estratos infantis da região. Atualmente, a língua regional Kimbundu não faz parte do programa, estando apenas o Songo sob a responsabilidade do locutor infantil Nicolau Bumba.

Neste caso, já passaram pelo Recreio Infantil ao nível das referidas línguas os locutores como Adão Ngola, Francisco Jacob, Zito da Fonseca, Nelson Mbumba e Santos Manuel. Uma dinâmica que o programa tem experimentado, e acabou por funcionar e ser rotina no programa infantil, é o contacto com outras rádios provinciais no envio de peças com conteúdos diversificados sobre a infância e outras curiosidades. De realçar que a mesma dinâmica também acontece nos estúdios centrais da Rádio Nacional de Angola, em Luanda, uma metodologia de trabalho que é aplicada com base numa agenda pré estabelecida.

Importa destacar que no período da manhã o programa é produzido ao vivo, sendo gravado para a reposição no período da tarde. Muitas vezes o programa é produzido no exterior, nomeadamente junto das escolas, lares infantis de acolhimento, parques infantis, jardins, portaria da estação emissora, etc, principalmente em dias que refletem uma efeméride alusiva a criança. Em datas como o 1 de junho, Dia Mundial da Criança, 16 de junho, dia consagrado à criança africana e 1 de dezembro, Dia do Pioneiro Angolano, a equipa do programa infantil é estimulada a produzir programas no exterior, como forma de dar valor as datas, proporcionando momentos de convívio e recreação entre as crianças.

Deste modo, são promovidos debates a favor das crianças, como forma de promover os seus direitos e interesses, tal como está disposto nos artigos 12º, 13º e 14º da Convenção dos Direitos da Criança.

(...) A criança tem o direito de exprimir livremente a sua opinião sobre questões que lhe digam respeito e de ver essa opinião tomada em consideração”⁹ “A criança tem o direito de exprimir os seus pontos de vista, obter informações, dar a conhecer ideias e informações, sem considerações de fronteiras”¹⁰ “O Estado respeita o direito da criança à liberdade de pensamento, consciência e religião, no respeito pelo papel de orientação dos pais”¹¹ (CDC, 1990, pp. 10-11).

O “Recreio Infantil” tem igualmente a missão de efetuar cobertura de todos os eventos que realcem direta ou indiretamente a vida da criança e que acontecem nos vários pontos da província, nomeadamente: fóruns infantis; desfile de carnaval infantil e de moda; jardim do livro infantil; natal da criança; o dia a dia das creches e das escolas; Centros Educacionais Infantis e centros de acolhimento; ações de benevolência dirigidas a grupos vulneráveis infantis, etc.

⁹ Artigo 12º Convenção dos Direitos da Criança: Opinião da Criança

¹⁰ Artigo 13º Convenção dos Direitos da Criança: Liberdade de expressão

¹¹ Artigo 14º Convenção dos Direitos da Criança: Liberdade de pensamento

Ao sábado, o programa é emitido das 14h às 15 horas, e tem como principal tipologia o entretenimento, não descurando a componente informativa. O espaço é dinâmico e solto, com vários atrativos, principalmente na vertente educativa e recreativa onde, por via de regra, é eleito um tema em que os ouvintes dão a sua opinião através de reportagens. Ao telefone, os ouvintes dos diferentes pontos da província ou mesmo do país, podem participar, exprimindo as suas ideias sobre o tema abordado. Para um melhor esclarecimento e compreensão do assunto é convidado para estar em estúdio um adulto ou um especialista para de forma aprofundada abordar a temática.

O programa faz questão de promover canções de artistas infantis e de outros autores adultos, cujas mensagens retratam o quotidiano da criança; promover a criatividade infantil na cultura e nas artes; promovem concursos, comportamentos e atitudes e outras ações particulares ou coletivas que mereçam distinções dos demais (Sony, 2019).

No que toca à responsabilidade do programa, da parte da direção da emissora é-lhe exigida “a cobertura de todos os eventos infantis, designadamente: desporto, palestras, atividades recreativas e culturais, conferências, campanhas de vacinação, atividades escolares, celebração de efemérides, ações sobre plantação de árvores, etc” (Luísa, 2019).

Atualmente, a equipa do “Recreio Infantil” é composta por um total de 15 elementos, entre os quais, crianças, adolescentes, jovens e adultos, sendo que estão organizados segundo a idade e a experiência que cada um reúne em diversas áreas, nomeadamente ao nível da locução, redação, reportagem e realização. Integram a equipa os seguintes elementos: António Sony, Maria Mbumba, Ester Agostinho, Nicolau Mbumba, Maria Enriques, Fernando Bumba, Tatiana Cambolo, Job da Silva, Jéssica Patrícia, Cleunice Agostinho, Analtina Bernardo e tantos outros.

Para o êxito do programa, a equipa adotou uma estratégia de trabalhos que começa com uma reunião entre os integrantes, sob a coordenação do realizador, cuja finalidade é a projeção e proposta de assuntos que podem vir ou não a ser abordados em função do seu impacto e do seu valor.

4.2. Brasil

O Brasil é um país com tradições históricas ao nível da produção de programas radiofónicos infantis. A primeira rádio oficial, a “Rádio Sociedade do Rio de Janeiro”, produziu, em 1926, “*O Quarto de Hora Infantil*”, destinado às crianças (Ribeiro, 2015). O programa era de apenas 15 minutos entre as 17h45 e as 18h, de segunda a sábado, e surgia dentro de uma programação vespertina, que contava com o “Jornal da Tarde” e um suplemento musical antes dos 15 minutos infantis. Após 15 minutos dedicados às crianças, eram emitidas informações sobre a previsão do tempo, economia e outras notícias de grande impacto.

O programa tinha um apresentador diferente a cada dia da semana. Era composto por entretenimento e informação, incluía conhecimentos gerais, contavam-se histórias, haviam concursos, poemas e as próprias crianças tocavam músicas (Cruz, 2004). Além disso, a intenção do programa era tanto divertir e entreter quanto concorrer para auxiliar na educação infantil (Ribeiro, 2015).

Com o passar dos anos foram surgindo no Brasil várias estações de rádio cuja programação incluía programas infantis. Neste trabalho interessam os exemplos mais recentes para que as realidades dos vários países lusófonos possam ser comparáveis.

No caso do Brasil foi escolhido o programa “Rádio Maluca”, um programa de auditório, transmitido simultaneamente para cinco emissoras ao vivo: MEC AM Rio e Nacional do Rio, de Brasília, da Amazônia e do Alto Solimões. Com o slogan o “programa que você vê pelo rádio”, foi emitido no Brasil durante 11 anos, entre 2004 e 2015, durante uma hora, aos sábados das 11 às 12 horas.

O programa “Rádio Maluca” foi pensado inicialmente para contar histórias, mas acabou por ganhar um perfil de entretenimento tendo em conta as exigências do público. O programa de auditório era apresentado pelo cantor e escritor José Carlos de Souza, conhecido entre as crianças como Zé Zuca, falecido a 29 de maio de 2015 (Fernandes, 2016). Entre os principais momentos do programa destacava-se a participação dos espetadores e dos ouvintes ao vivo em que o júri elegia a melhor participação, mas também poesias, música ao vivo, histórias, dramas e leituras. O programa incluía um momento denominado “Repórter Mirim”, marcado pela criação de uma pequena reportagem ligada ao tema do programa, onde a criança apresentava ao vivo o resultado do trabalho. De acordo com Fernandes (2014), este espaço não cumpriu a função de oficina de produção de conteúdo radiofónico, mas serviu como espaço para que a criança pudesse desenvolver temáticas com argumentos textuais. Arrigoni (2014) refere que o programa era visto como um ponto de encontro das famílias, reunindo crianças e adultos na plateia.

Com muitos elementos que vão desde as canções ao vivo, dramatização, leituras e a interação com a plateia em palco, o programa “Rádio Maluca” caracteriza-se por ser inclusivo.

É um programa que você vê pelo rádio, tem um cenário repleto de imagens, onde se brinca e tem-se a oportunidade de ver as coisas que estão a acontecer ao longo do programa pelos orifícios do seu rádio. Exercita-se a imaginação da criança e além da diversão é educativo pelos conteúdos que podem ser aproveitados pelos educadores, pelos pais e as próprias crianças¹².

¹² Conversa em vídeo disponível <http://www.ebc.com.br/infantil/para-pais/2014/08/programa-infantil-de-radio-completa-10-anosem> acedido aos 22.05.2019

Visto com alegria por muitas famílias, tanto para as que presenciavam tanto para as que ouviam a partir de casa, o “Rádio Maluca” deixou de ser emitido em 2015.

4.3 Portugal

Em Portugal são escassos os estudos sobre programação infantil na rádio. Historicamente, a programação infantil em Portugal ao nível do rádio começa com a emissão da primeira meia hora infantil, espaço protagonizado pela Rádio Lusitânia, CTIDE, em 1930, composta por quadros da tentação do Menino Jesus, da centopeia rabeia, da lengalenga, de quadras soltas e de um recitativo, que ilustra a transferência da narrativa da escrita para as sonoridades da rádio, mas com uma grande semelhança em termos de linguagem mediática (Santos, 2005).

As parcerias das rádios com os jornais infantis começaram em 1933, altura em que surge, no “Rádio Clube Português” um programa chamado “*O Senhor Doutor*”, que era emitido ao final da tarde de domingo, ocupando as emissões através de histórias, anedotas, versos e assuntos curiosos do ponto de vista educativo (Santos, 2005). A “Rádio Graça” transmitiu o primeiro “*Tic Tac*” neste mesmo ano, um programa cuja designação era uma publicação escrita convertida do formato imprensa para a rádio a pedido da audiência, emitida aos domingos com temáticas que privilegiavam histórias, anedotas e aventuras.

Em 1935, dois anos mais tarde, começa a ser emitido o programa “*Papagaio*”, obedecendo à linha editorial dos demais programas infantis da época, tendo sido marcado com histórias e conselhos (Silva, 2010). Conforme Ribeiro (2005), de todos esses programas, o mais significativo da época foi o “*Meia-Hora de Recreio*”, uma produção da equipa do jornal “*O Papagaio*” com emissões viradas para a recreação e educação em simultâneo, de modo a despertar a consciência cívica e de solidariedade.

Apesar de não haver oferta na difusão hertziana em Portugal no que toca a programas infantis, o país nos últimos tempos tem-se destacado num outro formato, o digital, com apostas na web, quer em *podcast* ou produção normal.

A “Rádio Miúdos” é o mais recente exemplo, um projeto que já existe há 3 anos. Trata-se de uma estação emissora online, feita por miúdos e para miúdos, cuja emissão é 24 horas por dia, tendo já ouvintes em 176 países para além do espaço lusófono¹³.

Com uma emissão em direto de segunda a sexta-feira, a estação é assegurada por 30 crianças e jovens dos 7 aos 17 anos. Apesar da diversão, os conteúdos são produzidos com muita responsabilidade. De acordo com Matilde (2018)¹⁴, às vezes se fazem piadas para não parecer

¹³ ¹³ Conversa disponível na CMTV <https://youtu.be/T35Tf5I9GTU> acessado aos 26.05.2019

¹⁴ Conversa disponível na CMTV <https://youtu.be/T35Tf5I9GTU> acessado aos 26.05.2019

sérios na emissão e durante os vários programas emitidos pesquisa-se muito para se oferecer uma informação que satisfaça os ouvintes, principalmente sobre as questões do dia a dia (Patrícia, 2018)¹⁵.

O programa é seguido por internautas um pouco por todo o mundo, por isso é que Correia (2018)¹⁶ considera a Rádio Miúdos uma grande experiência na dinamização da rádio em Portugal, ao formar jornalistas e técnicos. Para Milagres (2018)¹⁷, a “Rádio Miúdos” tem proporcionado aprendizado às crianças, uma vez que elas têm oportunidades para dizerem o que sentem e pensam.

A estação tem um perfil de variedades, sendo que os programas são dominados pelo entretenimento e a informação especializada na medida em que para além da música, a emissão é preenchida por entrevistas, passatempos e conversas, por ser uma rádio que procura dar voz às crianças com discussão de temas que interessam ao universo infantil.

Dar às crianças uma rádio à sua medida, com conteúdos, música, linguagem e informação adaptados às suas idades e onde possam ter voz. Pôr os miúdos a brincar com a própria língua desafiando-os através da palavra e da audição e não tanto pela imagem. Combater o “desamparo da língua” com que muitos emigrantes se deparam quando passam a residir no estrangeiro. Preencher uma lacuna no panorama da língua portuguesa, ser um ponto de encontro e uma ferramenta para que as crianças emigrantes, espalhadas pelo mundo, possam praticar a língua e ter contacto com a cultura mantendo a ligação a Portugal (Milagres & Pedro, 2015).

A emissão de 24 horas diárias é composta por vários programas, destacando-se os domingos, com um total de 9 programas, alguns dos quais têm reposição no período noturno, contendo temas e dinâmicas diversas: O “*Agora Escolho Eu*” é o primeiro programa do dia a ser emitido a partir da uma da manhã e a “*Caixa de Perguntas*” em reposição às 22h00 surge como o último da emissão do dia.

Optamos por não descrever toda a grelha de programação por falta de clareza. Eis alguns programas que importa, ainda assim, destacar:

06h00: “*Os Cientistas Explicam*”, programa semanal de um hora apenas, cujo propósito é dar resposta às várias inquietações, ou seja, em cada semana dá-se a resposta a uma pergunta, que é cuidadosamente desvendada por cientistas portugueses que fazem ciência nos quatro cantos do mundo, tratando-se de um programa especializado;

07h00: “*Só Para Curiosos*”, programa com a duração de uma hora, dá a possibilidade às crianças de descobrirem as curiosidades sobre o património e tudo que nos rodeia, de modo a dotá-los de conhecimentos sobre o universo. Define-se como um programa de variedades;

¹⁵ ¹⁵ Conversa disponível na CMTV <https://youtu.be/T35Tf5I9GTU> acedido aos 26.05.2019

¹⁶ Conversa disponível na CMTV <https://youtu.be/T35Tf5I9GTU> acedido aos 26.05.2019

¹⁷ Conversa disponível na CMTV <https://youtu.be/T35Tf5I9GTU> acedido aos 26.05.2019

08h00: “*Quem Conta um Conto*”, programa com duração de duas horas, com animação e música, que tem no centro das atenções os contos, dando a possibilidade das crianças estarem informadas sobre os vários relatos históricos sobre Portugal e a região da lusofonia. Caracteriza-se por ser um programa especializado;

10h00: “*O Som dos Livros*”, programa de apenas 45 minutos que é da responsabilidade da rede de bibliotecas de Tondela, em parceria com a Emissora das Beiras e a Rádio Miúdos dedicado aos alunos do primeiro ciclo, visando despertar os hábitos de leitura e dar-lhes a conhecer a realidade histórica e literária de Portugal. Apresenta-se como um programa especializado;

10h45: “*Aqui há Histórias*”, com apenas 15 minutos, a rubrica reúne ouvintes para refletirem em torno das histórias de diferentes autores portugueses. Dado o impacto das histórias, o espaço tem reposição no período noturno e em função da sua especificidade configura-se como um programa especializado;

11h00: “*Letra Pequena*”, programa de 2 horas e 45 minutos de animação, com palavra e música, em que se fala sobre livros para crianças e jovens e que tem como finalidade sugerir as melhores obras de leitura. Justifica-se por ser um programa especializado;

14h00: “*Caixa de Perguntas*”, com duração de 2 horas, o programa apresenta-se como sendo de variedades, permitindo uma abordagem geral, onde as crianças perguntam tudo sobre a vida e as dúvidas são respondidas por uma psicóloga.

A Rádio Miúdos tem resumidamente uma programação segmentada com conteúdos temáticos que abrangem o interesse coletivo e individual da audiência.

4.4 Moçambique

Em Moçambique, no que toca a rádio, uma das maiores apostas passa pela criação de conteúdos educativos orientados para a camada infanto-juvenil como forma de promover os seus direitos e deveres (Barata, 2016). O autor refere que a estação pública “Rádio Moçambique” produz uma série de programas em português e línguas moçambicanas para crianças, adolescentes e jovens. São programas feitos com o objetivo de formar, educar, informar e divertir os mais novos. Apesar do atual quadro, Barata (2016) destaca a urgência em prestar mais atenção às crianças, criando-se temas que possam interessá-las, tendo em conta que muitas vezes as crianças são marginalizadas na oferta mediática.

O “Programa da Criança”, por exemplo, é um programa infantil da “Rádio Moçambique” que é emitido de segunda a sexta-feira no espaço entre as 9h30 e as 10 horas, aos sábados das 9h10 às 11h, e aos domingos das 10h30 às 11 horas. É reposto às quartas em línguas locais da zona sul do país, em Ronga e Changana, constituindo uma grande companhia para crianças e adolescentes da região. O programa inclui várias rubricas, como a “Sem Segredos”, onde se

procuram “desvendar todos os segredos” e “falar de tudo sem tabus nem preconceitos”. Os principais temas abordados nesta rubrica são a saúde sexual e reprodutiva, o HIV/SIDA e outros assuntos sociais (N’wamba, 2008).

Entretanto, em Moçambique, a “Rádio Parapato”, em Nampula, reserva os fins de semana (sábados e domingos) para dedicar parte da sua emissão às crianças, com discussão à volta das questões que afetam os direitos das mesmas. Na emissão, elas falam sobre o abuso físico e sexual de crianças, gravidez indesejada, casamentos precoces, malária e outros problemas de saúde que as afetam. Embora tenha sido projetado para as crianças e por crianças, os adultos também ouvem o programa, que surgiu como uma forma de proporcionar aos meninos um meio de exercer o seu direito de participação.

O programa de rádio que é produzido, principalmente, por crianças e para crianças, conta com o apoio da UNICEF no que diz respeito ao material básico para as operações de rádio, materiais de referência aos direitos da criança e outras questões relacionadas a formação sobre produção de rádio.

Tudo isso deve-se à promoção do direito das crianças, de compromissos significativos em questões que afetam a sua vida, onde os meninos das escolas primárias são capazes de expressar os seus sentimentos e opiniões sobre questões do dia a dia que lhes digam respeito (UNICEF, 2015). Segundo a organização, o projeto, visto como uma das atrações para crianças e respetivas famílias, é considerado a “voz das crianças moçambicanas” nos *media* locais.

De acordo com Huijbregts (2013) na realidade de Nampula (Moçambique), a Rádio Parapato identifica-se como sendo essencialmente informativa, jogando um papel mobilizador, ativo e educativo em questões de saúde.

Aos sábados, o programa dá atenção às temáticas relativas à saúde reprodutiva. Já aos domingos, uma parte do programa é reservado à animação musical e conselhos, sendo que o mesmo tem um cariz informativo e educativo, olhando para a sensibilidade dos temas, que dão valor à prevenção dos casamentos precoces bem como à violência baseada no género.

As consequências são graves tendo em conta que os casamentos forçados resultam da combinação dos costumes, problemas sociais e económicos (Huijbregts, 2013).

4.5 Cabo-Verde

Na Radiotelevisão de Cabo-verde, estação pública, o programa infantil chama-se “Olá Meninos” sendo realizado para as crianças e feito com crianças. O programa explora o pedagógico, o lúdico, a boa disposição e o mundo imaginário com histórias, anedotas, adivinhas e conselhos úteis para os pais. A música infantil acompanha este espaço de diversão para as crianças. É do tipo generalista, com periodicidade semanal, sendo que é emitido das 8h às 9h todos os sábados.

Com um percurso histórico em Cabo-verde, o programa de apenas uma hora persegue dois valores principais, “educação e a socialização das crianças”, o que levou a produção a desenvolver temáticas em cada edição de acordo com estes valores.

Neste particular destaca-se:

Educação: são emitidas matérias de cultura geral que visam o enriquecimento do conhecimento das crianças com abordagens de vários aspetos que dominam o currículo escolar, isto como forma de prepará-los para o futuro, tudo gira em torno da história do país, ciência, os números e a cultura, objetivos alcançados muitas vezes por meio dos convidados em estúdio. Segundo Santos (2017)¹⁸, um dos locutores do programa, isso, se contribui para a elevação da cultura geral das crianças. Desde o seu início até aos dias de hoje, o “Olá Meninos” tem contribuído para promover as regras de convivência e a própria educação das crianças (Guta, 2019). Segundo a autora, com o programa cultivam-se hábitos de ajuda mútua através do respeito ao próximo e às coisas alheias, como uma das normas de convivência social.

Socialização: o objetivo é a inclusão social, uma vez que se aconselha e ensina-se abraçar os meninos de outras nacionalidades criando desta forma o espírito de amor, solidariedade e afeto (Guta, 2019).

A alegria e disposição são notáveis na equipa de produção, uma vez que no programa são transmitidas mensagens que fortalecem a união e a amizade. (Elsantos, 2017).

Essencialmente educativo, o “Olá Meninos” é um programa onde todas às crianças têm voz.

“Olá Meninos” é um Programa para às Crianças feito com crianças de tipo generalista e que mistura a vertente pedagógica e a lúdica, promove a boa disposição e povoa o mundo imaginário com histórias, anedotas, adivinhas, e ainda conselhos úteis a ela e aos pais. A boa música infantil acompanha este espaço de diversão para as crianças (Guta, 2019).

O programa de autoria da Rádio Cabo Verde (RCV), tem adultos na área de produção ao passo que locutores e repórteres são crianças e adolescentes dos 8 aos 16 anos.

Analisando a oferta no espaço lusófono, conclui-se que os programas diferenciam-se tanto no horário de emissão como na duração e na periodicidade.

O programa infantil da Rádio Nacional de Angola “Rádio Piô” tem uma duração diária de 15 minutos, sendo emitido de segunda a sexta-feira e ao domingo (60 minutos), num total de 2h15 minutos por semana. Já em Malanje são 30 minutos de manhã e 30 minutos de reposição

¹⁸ Disponível em Tcv <https://pt-cv.redes-sociais.com/todos-videos/960-lourenco-ferreira-gomes/video/12929-ola-meninos-e-um-dos-programas-de-radio-mais-antigo-feito-apenas-por-criancas> acedido aos 27.05.2019

a tarde, acrescentando-se igualmente 60 minutos ao sábado, resulta num total de 6 horas dedicadas à criança;

No Brasil, o programa “Rádio Maluca”, apesar de já não ser emitido, dedicava, durante a semana, 60 minutos às crianças, sendo até hoje um grande exemplo cujo formato inspira várias estações;

Em Moçambique são 30 minutos diários, de segunda a sexta-feira, mais 90 minutos ao sábado e 30 minutos ao domingo. Contando com a reposição de 30 minutos às quartas, no total são 5 horas de emissão dedicadas às crianças;

Em Cabo Verde o programa infantil da radiotelevisão pública é emitido apenas aos sábados, tendo as crianças 60 minutos de emissão semanal.

Em Portugal, a nossa análise vai centrar-se em torno de “*Quem Conta Um Conto*” identificando-se como um programa especializado de 2 horas, emitido de manhã e repostado no período noturno perfazem um total de 4 horas reservadas às crianças, o mesmo acontece em relação ao “*Letra Pequena*”, que em função da temática e da sua génese se apresenta igualmente como sendo especializado, com duas emissões diárias, ou seja, uma de manhã e outra que é repostada no período noturno. Considerando o conjunto de programas da radio online “Rádio Miúdos”, podemos afirmar serem reservadas para as crianças uma média de 24 horas por dia.

Desta forma, conclui-se que, ao contrário da oferta hertziana, a plataforma digital em Portugal valoriza o público infantil ao ponto de conceder-lhe uma emissão de 24 horas de temáticas diversas proporcionando um ambiente de mais diversão e de mais aprendizagem às crianças.

Parte II - Trabalho Empírico

Capítulo 5. Metodologia

Segundo Freixo (2018) a metodologia é o conjunto de métodos e de técnicas que guiam a elaboração do processo de investigação científica. Neste trabalho foi usada inicialmente a pesquisa documental, que “consiste na exploração das fontes documentais, em primeira mão tais como documentos oficiais, reportagem de jornais, cartas, filmes, fotografias, gravações, etc e a seguir estão os relatórios de pesquisa, relatórios de empresas e tabelas de estatísticas” (Gil, 1989, p. 73).

Este trabalho de pesquisa foi complementado com trabalho etnográfico que, segundo Sousa e Batista (2006), é o método pelo qual o investigador estuda um grupo culturalmente intacto, durante um período prolongado de tempo, recolhendo informações, sobretudo através de observações e registo pormenorizado de dados (p.64). A etnografia compõe, hoje, um campo de estudos e questões teórico-metodológicas, em diferentes disciplinas científicas, mantendo algumas características básicas pelas quais é, muitas vezes, definida como observação participante (Chizzotti, 2006, p. 70). Nesse sentido, durante os trabalhos de campo foram acompanhadas as atividades desenvolvidas em diferentes áreas da estação Rádio Malanje, nomeadamente a área técnica, a sonorização, redação e a cabine de emissão, por serem os setores mais significativos para compreender os padrões de conduta e os processos sociais a interpretar (Chizzotti, 2016). As observações decorreram nos dias 27, 29 de dezembro de 2018 e a 8 de janeiro de 2019 em Luanda, ao passo que na estação emissora de Malanje a mesma tarefa decorreu nos dias 12, 13 e 19 de janeiro de 2019, no decorrer das quais foram efetuadas anotações contextualizadas com o objetivo de fazer uma descrição interpretativa sobre a organização da rádio. O texto etnográfico deve procurar fazer uma descrição densa, detalhada e extensiva de comportamentos situados, para construir uma apresentação holística do fenómeno estudado e do seu contexto, descrevendo comportamentos em ambiente natural, extraíndo as estruturas reveladoras de significado de fenómeno (Geertz, 1989).

Por fim, a investigação recorreu ainda à entrevista semiestruturada como forma de colheita e obtenção de dados, nomeadamente para ajudarem na análise feita à grelhas de programas infantis da Rádio Malanje. “A entrevista semiestruturada segue de forma aleatória, um conjunto de questões provenientes de um quadro teórico combinando perguntas abertas e fechadas de forma a aprofundar a evolução da população em estudo” (Reis, 2018, p. 94).

Contudo, a entrevista semiestruturada é sobretudo utilizada, quando o investigador pretende compreender o significado de um acontecimento ou de um fenómeno experienciado pelos participantes. Nesta variante, o investigador esboça uma lista de temas a abordar, constrói questões com integridade com esses temas e apresenta-os ao participante numa ordem que considera pertinente (Fortin, 2009), tal como ocorreu neste trabalho.

As entrevistas foram realizadas em duas fases e em duas cidades no período compreendido entre 23 de dezembro de 2018 e 19 de janeiro de 2019. A primeira fase decorreu entre o final de dezembro e 8 de janeiro, período em que o investigador efetuou entrevistas na capital em Luanda, onde se localizam os estúdios centrais da RNA. Foram entrevistados dois membros do programa “Rádio Piô” da Rádio Nacional de Angola: Rui Assunção, realizador, e Suzana Ângelo, assistente de realização e locutora. A segunda fase decorreu entre 10 e 17 de janeiro na Rádio Malanje. As entrevistas foram feitas a chefe de Produção, Isabel Luísa, o realizador do programa “Recreio Infantil”, António Sony, as locutoras Maria Mbumba, Nicolau Bumba, Jéssica Patrícia e os repórteres, Job da Silva e Tatiana Cambolo.

As entrevistas foram realizadas a um total de 11 pessoas, dos quais nove foram feitas presencialmente, sendo 7 em Malanje, com a chefe de produção, o realizador, três locutoras e dois repórteres; 2 em Luanda com o realizador e a assistente, ao passo que à distância, foram feitas duas entrevistas com António de Jesus Correia, antigo realizador do “Recreio Infantil” e José Jamona, antigo locutor do programa.

Realça-se que das onze entrevistas realizadas, sete serviram de pré-teste na medida que permitiram o aprofundamento da compreensão e reforço do referencial teórico sobre a programação infantil. Tal como refere Reis (2018), o pré-teste consiste num estudo a uma parte da população alvo para avaliar se o mesmo foi elaborado de forma clara, se responde às questões e objetivos da investigação, desde que para tal os inquiridos tenham características semelhantes às da amostra (Sousa & Baptista, 2006).

Deste grupo, apenas quatro entrevistas, foram transcritas na íntegra e mereceram a devida análise. Para análise da oferta da programação infantil, foram levados em conta a realidade de alguns países lusófonos, como Brasil, Cabo-verde, Moçambique e Portugal.

5.1 Objeto de Estudo

Sob o slogan “A Sintonia da Palanca Negra Gigante”, a Rádio Malanje é uma estação de Rádio Provincial dependente da Rádio Nacional de Angola- EP, aprovada pelo Decreto Presidencial nº 206/10, de 23 de setembro, sob o lema “Rádio Nacional de Angola, Unimos o País”.

A Rádio Malanje integra o grupo da Radiodifusão Nacional de Angola. No âmbito das suas obrigações políticas e sociais tem cumprido com as suas responsabilidades no que concerne à cobertura e divulgação de matérias que contribuem para as boas práticas de convivência social e unidade entre as pessoas.

Sendo o principal veículo de informação na província, a “Rádio Malanje” tem uma emissão de 24 horas diárias, garantindo deste modo um serviço de radiodifusão transversal que assenta na formação, informação e no entretenimento da população.

Com uma cobertura de 85% da província, a rádio é constituída por várias áreas e a programação é organizada em três blocos, manhã, tarde e noite.

A equipa de produção do “Recreio Infantil” conta com um universo de 12 elementos, sendo 1 realizador, 7 locutores, 3 repórteres e a chefe de produção que em muitos casos coordena a equipa. Em termos numéricos, a população é composta por 11 elementos, entres os quais, 4 jornalistas com o grau académico de licenciados, 5 do segundo ciclo de ensino secundário e 2 do primeiro ciclo de ensino. A nossa amostra é de 4 elementos.

Tal como outras emissoras, a “Rádio Malanje” integra ao grupo das distintas rádios espalhadas pelo país, representando a estratégia de cobertura da Rádio Nacional de Angola, num total de dezoito.

5.1.1 Estrutura Orgânica

Neste ponto é apresentada a estrutura da “Rádio Malanje”, os recursos humanos, as estratégias e as tarefas acometidas a cada uma das áreas. A funcionar num edifício no centro da cidade, localizado concretamente na Avenida Comandante Dangereux, o edifício da Rádio Malanje é composto pelas seguintes áreas fundamentais.

Três pisos onde se localizam um auditório, uma redação, três cabines de emissão e técnica, sendo que uma é auto-operada, uma para efeitos de debates e uma para a emissão normal diária. Tem ainda uma cabine técnica para sonorização, três gabinetes, sendo um do diretor, enquanto responsável máximo da empresa, um para o chefe técnico e um para a chefe de produção. A “Rádio Malanje” dispõe ainda de uma sala de reuniões, quatro casas de banho, uma sala de espera, uma área afeta aos recursos humanos e um restaurante, considerada área social da rádio.

Em termos de recursos humanos, a Rádio Malanje tem 39 trabalhadores efetivos, entre os quais, jornalistas, técnicos e pessoal administrativo.

A Rádio Malanje é ouvida na frequência 100.7 FM (Frequência Modulada).

O seu organigrama é composto da seguinte forma:

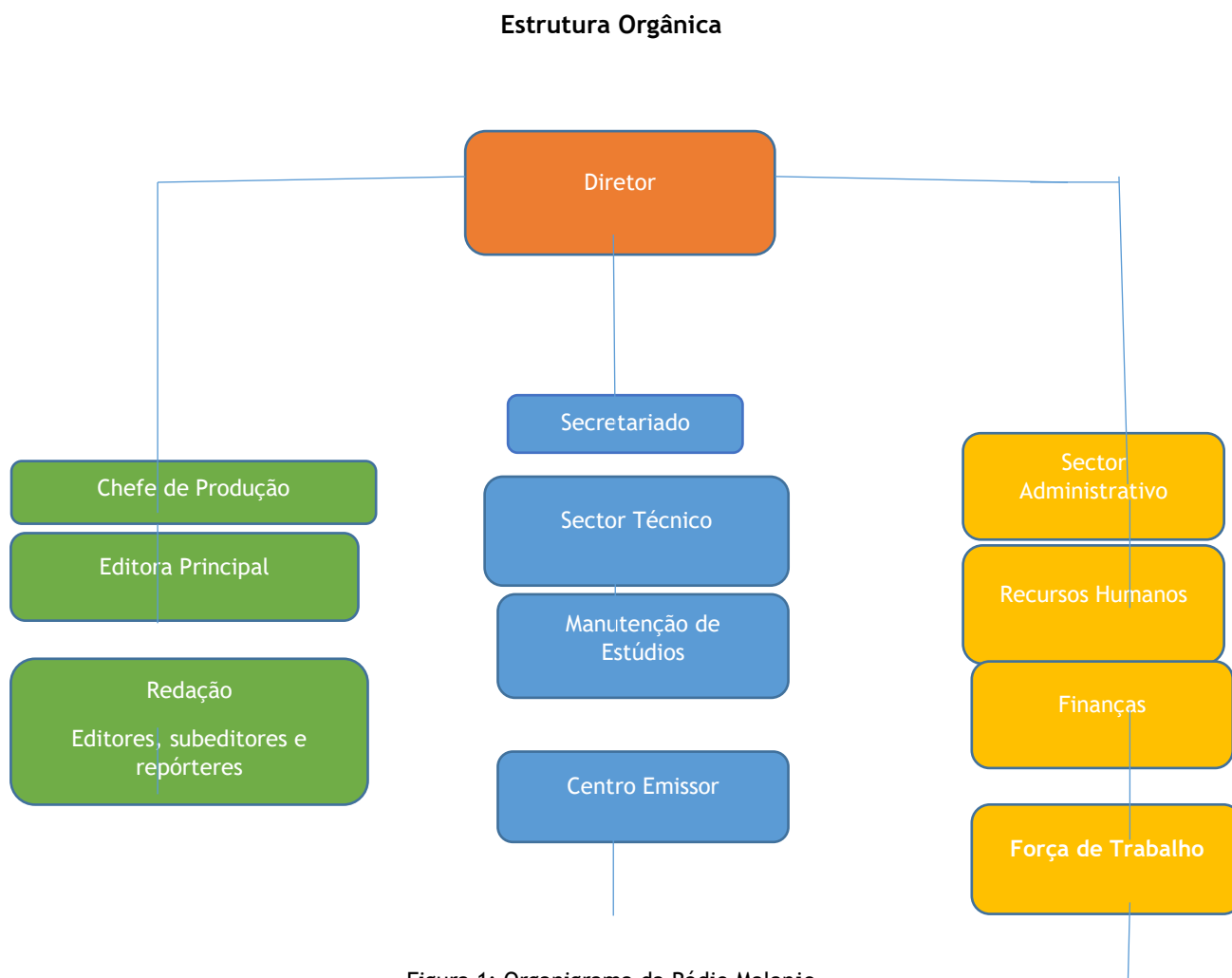


Figura 1: Organigrama da Rádio Malanje

Direção (Diretor, Chefe de produção), editora principal, redação (editores, subeditores, realizadores, repórteres), sector técnico, manutenção de estúdios, centro emissor, secretariado, sector de recursos humanos e finanças.

Ao Diretor, enquanto responsável máximo da empresa, cabe representar a Rádio Nacional de Angola na província e assumir as responsabilidades legais decorrentes do cargo. Entre outras tarefas, compete ainda ao diretor definir a orientação e a linha editorial do órgão, zelar pela gestão e administração da empresa, que dada a dinâmica da instituição e força das suas funções, trabalha com a chefe de produção, passando orientações estratégicas visando a produção e, desta forma, corresponder às expectativas da audiência.

Cabe à chefe de produção manter o padrão qualitativo da produção da estação por meio da avaliação, fiscalização e supervisão do grau de cumprimento das tarefas distribuídas ao conjunto de jornalistas e técnicos da rádio. Traçar estratégias de trabalho que visam a

satisfação da audiência e o controlo dos demais profissionais da empresa, orientar, superintender e determinar os conteúdos da programação constituem também tarefas da chefe de produção, considerada a segunda figura da empresa logo a seguir ao diretor.

À editora principal compete zelar pela redação, uma das áreas chaves da estação. Enquanto responsável pela área de maior movimento de jornalistas e, simultaneamente, de produção, a editora principal é a figura que coordena e supervisiona todo o trabalho produzido na redação, encabeça a organização dos noticiários e, responsabiliza-se, sozinha ou em colaboração com a chefe de produção e editores, pela garantia dos espaços noticiosos, informativos e a seleção do conjunto de conteúdos emitidos nos espaços citados. A editora principal é considerada o elo de aproximação com as fontes.

Os editores hierarquizam e tratam do alinhamento de tudo quanto é produzido para posterior emissão, interagindo diretamente com os repórteres com vista a dar um melhor tratamento aos temas das notícias. Para os coadjuvar, dependendo do nível de produção do dia, existem os subeditores.

Aos repórteres ou redatores são atribuídos trabalhos dos quais se deverão inteirar através da consulta da agenda. A partir deste momento, o jornalista deve providenciar para a sua execução o mais rapidamente possível, cumprindo com as leis da empresa.

Ao sector técnico compete a criação de um conjunto de condições de ordem técnica para que possa haver emissão. É também tarefa deste sector zelar por tudo quanto envolve a componente técnica, designadamente, o funcionamento do centro emissor, equipamentos de reportagens e entrevistas, bem como atuar na melhoria da qualidade do sinal.

A manutenção dos estúdios e do centro emissor são áreas afins ao sector técnico. A primeira encarrega-se de cuidar das instalações, mormente das cabines de locução, cabines de operação, sonorização, etc, tanto ao nível da operacionalidade de tudo o que seja essencial para produção. A segunda, centro emissor é a principal área da rádio, constituindo o seu coração pois, dele depende a emissão.

Quanto ao secretariado, este administra as tarefas, agendas diárias do Diretor, sendo o elo de aproximação com os demais funcionários;

Aos Recursos Humanos cabe o controlo e gestão do conjunto da mão de obra da empresa, desde a direção às distintas áreas. Constituem tarefas dos Recursos Humanos fazer cumprir as leis e regulamentos bem como a divisão e colocação dos trabalhadores por área.

As Finanças, área que controla a atividade financeira da empresa, ao passo que a Força de Trabalho é a área que tem como missão acompanhar o empenho dos funcionários em pleno exercício de trabalho, dos trabalhadores em gozo de licença disciplinar e dos que estejam em situação de aposentadoria.

A estação tem uma emissão de 24 horas diárias, com a produção de uma variedade de programas, sendo que a partir da meia-noite liga-se em cadeia com a Rádio Nacional de Angola até, praticamente, às 4 horas da manhã, altura em que a estação restabelece os seus trabalhos.

5.1.2 Programação

A programação da Rádio Malanje obedece a um esquema de blocos horários com uma configuração para os dias da semana e outra para os fins-de-semana.

- Das 4h00 às 5h, “A Voz do Soldado” Programa de responsabilidade das Forças Armadas Angolanas cuja missão é tornar público o dia a dia das tropas, atos patrióticos, mobilização e sensibilização dos jovens no que toca o seu ingresso nas fileiras, etc. O espaço é emitido às quartas e sábados;
- Das 4h00 às 5h00, “Tranquilidade Pública”, que tem como missão tornar público as ações desencadeadas pela Polícia Nacional, mas também mobiliza os cidadãos a evitar o cometimento de crimes. O espaço é emitido às quintas e domingos.
- Das 5h00 às 6h00 “*Kimbundu*”;
- Das 6h00 às 7h00 “*Songo*”;
- Às 7h00 “*Jornal das 7*”, Serviço de notícias a partir dos Estúdios Centrais da Rádio Nacional de Angola;
- Das 7h30 às 9h00, “*Malanje Informativa*”, que é um espaço de entrevistas e análise dos principais assuntos da atualidade, para além dos espaços noticiosos e informações sobre a província, dá igualmente primazia aos assuntos do país e do resto do mundo, etc.
- Das 9h00 às 12h00, “*A Nossa Vida*”, um espaço dedicado às famílias, com abordagem de temas que visam essencialmente a união das pessoas, incentivo ao trabalho, mobilização sobre a consciência jurídica, respeito, resgate dos valores, matérias sobre saúde, educação, etc.
- Das 9h30 às 10h00 “*Recreio Infantil*”, reservado para os menores, regra geral marcado por passatempos como adivinhas, contos, jogos, etc, para além da aprendizagem dos números, alfabeto, histórias da província e do país, em geral, o espaço prioriza conselhos sobre como atravessar a estrada, respeito aos mais velhos, importância da higiene e do estudo para a vida, etc.
- Às 10h00 “*Agenda Pública*”, espaço de utilidade pública reservado a convocatórias, comunicados, anúncios de urgências, etc.
- Às 11h30 “*Grande Jogada*”, espaço reservado para a atualidade desportiva;
- Às 11h55 “*Agenda Pública*”; espaço de utilidade pública reservado a convocatórias, comunicados, anúncios de urgências, etc.
- Às 12h00 “*Jornal local*”, espaço dedicado a atualidade dos quatro pontos da província.
- Às 13h00 “*Jornal da Tarde*” transmissão do principal serviço noticioso em cadeia com os Estúdios Centrais da Rádio Nacional de Angola;

- Às 13h30 “*Suavidade*”, dedicado a música para relaxe e descontração à hora do almoço;
- Às 14h00 “*Recreio Infantil*” em reposição;
- Das 14h30 às 15 “*Sons de Angola*”, uma das formas que a área de programas encontrou para valorizar músicos e interpretes angolanos;
- Às 15h00 “*Tarde Jovem*”, tem a missão de abordar temáticas relacionadas com a juventude, ocupa a tarde até às dezassete horas;
- Das 17h00 às 17h30 “*Notícias em Kimbundu*”;
- Das 17h30 às 18h00 “*Notícias em Songo*”;
- Das 18h00 “*Magazine Informativo*”;
- Às 19h00 “*Agenda Pública*”;
- Às 19h05 “*Balaio das Canções*”, dedicado ao prestígio da música da antiguidade;
- Às 20h00 “*Jornal da Noite*”, transmissão do principal serviço noticioso em cadeia com os Estúdios Centrais da Rádio Nacional de Angola;
- Às 20h30 “*Desportivo*”, ligação em Cadeia com a Rádio Cinco, canal de informação especializada sobre o desporto da Rádio Nacional de Angola;
- Às 21h00 “*Agenda Nacional*”, espaço de utilidade pública reservado a convocatórias, comunicados, anúncios de urgências, etc, a partir dos Estúdios Centrais da Rádio Nacional de Angola;
- Às 21h05 “*Encontro com a Noite*”, serão reservado às famílias, com animação musical e abordagem de temas soltos de âmbito social;
- Às 22h45 “*Síntese Informativa*”, espaço de resumo noticioso sobre os principais factos que marcaram a província, o país e o mundo;
- Das 23h00 à 00h.00 “*Igreja Universal do Reino de Deus*”;
- À 00h:00 Ligação com os Estúdios Centrais da Rádio Nacional até sensivelmente às três da manhã, altura em que ocorre o desdobramento para à emissão local;

A emissão aos fins de semana é diferente da emissão diária. Aos sábados a programação está organizada da seguinte forma:

- Às 04h00 “*A Voz do Soldado*” Programa de responsabilidade das Forças Armadas Angolanas cuja missão é tornar público o dia a dia das tropas, atos patrióticos, mobilização e sensibilização dos jovens no que toca o seu ingresso nas fileiras, etc;
- Às 05h00 “*Kimbundu*”;
- Às 6h00 “*Magazine Agrícola*”;
- Às 7h00 “*Jornal das sete*””, Serviço de notícias a partir dos Estúdios Centrais da Rádio Nacional de Angola;
- Às 7h30 “*Raiz*”, até às nove horas- programa de índole cultural, cujo objetivo é fundamentalmente a abordagem da identidade, hábitos e costumes dos povos angolanos;
- Às 9h00 “*Às 10 e 10*” programa produzido a partir dos Estúdios Centrais da Rádio Nacional de Angola;

- Às 12h00 “*Jornal Provincial*”, atualidade informativa local, seguido do Serviço de Utilidade Pública e posteriormente o “*Grande Jogada*”, espaço local de informação desportiva;
- Às 13h00 “*Jornal de sábado*”, transmissão do principal serviço noticioso em cadeia com os Estúdios Centrais da Rádio Nacional de Angola;
- Às 14h00 “*Recreio Infantil*”;
- Às 15h00 “*Clube da Saudade*”, dedicado especialmente aos mais velhos, recordando aquilo que foi o seu passado;
- Às 18h00 “*Folclore Angolano*”, programa faz questão de analisar aspetos como o significado das histórias populares de Angola, a forma como são transmitidas as lendas, tradições e costumes;
- Às 19h00 “*Jornal em Síntese*”;
- Às 19h10 “*Balaio das Canções*”;
- Às 20h00 “*Jornal da Noite*”, transmissão do principal serviço noticioso em cadeia com os Estúdios Centrais da Rádio Nacional de Angola;
- Às 20h30 “*Desportivo*”, em Cadeia com a Rádio Cinco, canal de informação especializada sobre o desporto da Rádio Nacional de Angola;
- Às 21h00 “*sábado Musical*”, espaço voltado para promoção e produção musical, bem como reflexões à volta do estado da música angolana no âmbito geral;

Aos Domingos, a emissão da Rádio Malanje começa a partir das 04h00.

- Às 04h00 “*Tranquilidade Pública*”, que tem como missão tornar público as ações desencadeadas pela Polícia Nacional, mas também mobiliza os cidadãos a evitar o cometimento de crimes. O espaço é emitido às quintas e domingos. “Reposição”
- Às 05h00 “*Songo*”
- Às 06h00 “*A Voz do Evangelho*”, programa de responsabilidade do Conselho das Igrejas Cristãs que tem como finalidade pregar as boas novas;
- Às 7h00 “*Jornal das Sete*”, Serviço de notícias a partir dos Estúdios Centrais da Rádio Nacional de Angola;
- Às 7h30 “*Conversas Africanas*”, programa que se encarrega de analisar os principais assuntos que marcam o continente;
- Às 9h00 “*domingo na Rádio*”, programa de entretenimento marcado com dinâmicas diversificadas e que privilegia a abordagem de assuntos do dia a dia das famílias e outros temas sociais e uma atenção especial à componente cultural;
- Às 12h00 “*Revista de Imprensa*”, espaço noticioso com abordagens de assuntos que marcaram a semana informativa;
- Às 12h00 “*Folclore Angolano*”, reposição;
- Às 13h00 “*Jornal da Tarde*”, transmissão do principal serviço noticioso em cadeia com os Estúdios Centrais da Rádio Nacional de Angola;

- Às 13h30 “*Desportivo*”, ligação com a Rádio Cinco, canal de informação especializada sobre o desporto da Rádio Nacional de Angola;
- Às 14h00 Radionovela “*Etu Mudyetu*”, espaço de responsabilidade dos diferentes grupos teatrais existentes na província, cujo objetivo é a valorização da arte de representar, habitualmente marcado com exibição de peças que abordem os vários aspetos do quotidiano dos angolanos e malanjinios em particular;
- Às 15h00 “*Tarde Desportiva*”, em ligação com a Rádio Cinco, canal de informação especializada de desporto da Rádio Nacional de Angola;
- Às 18h00 “*Figuras e Vidas*”, programa reservado para entrevistas de perfil a várias personalidades da província, quer sejam músicos, empresários, governantes, atores e outras figuras notáveis;
- Às 19h00 “*Show na Rádio*” programa voltado para a emissão de espetáculos musicais gravados ao vivo;
- Às 20h00 “*Jornal da noite*” transmissão do principal serviço noticioso em cadeia com os Estúdios Centrais da Rádio Nacional de Angola;
- Às 20h30 “*Desportivo*” ligação com a Rádio Cinco, canal de informação especializada sobre o desporto da Rádio Nacional de Angola;
- Às 21h00 “*Viva Com Amor*”, programa dedicado aos casais apaixonados. A música romântica e a dedicatória são as atrações do programa;
- Meia-noite ligação com os Estúdios Centrais da Rádio Nacional de Angola;

5.2 Variáveis

Com o propósito de delimitar o objeto de estudo, a pesquisa considerou as seguintes variáveis: horário, periodicidade, faixa etária do público, tipologia de rubricas e programa.

O “horário” e a “periodicidade” justificam-se por se tratarem de duas variáveis de grande importância na medida em que podem ser decisivos para o sucesso do programa. A programação radiofónica é organizada em grelhas divididas em períodos, horários, dias da semana e épocas do ano, pois, estão definidas em função dos níveis de audiência e do seu perfil. Por esta razão, há uma programação diferenciada ao longo do dia, assim como há uma programação para os sábados e domingos (Reis, 2011).

A “faixa etária” não seria importante se tomássemos como referência a posição do Fundo das Nações Unidas para a Infância, que define a criança como todo o ser humano menor de 18 anos. Porém, no presente trabalho o público-alvo é o grupo etário de crianças que frequentam o ensino primário, que compreende a iniciação até à 6ª classe (5 aos 11 anos) e primeiro ciclo, que compreende as 7ª, 8ª e 9ª classes (12 aos 14 anos).

A “tipologia de rubricas” é fundamental porque são elas a dar aos programas infantis a dinâmica fundamental para reter o público jovem. Para além disso permitem efetuar uma segmentação etária e ligar algumas delas às matérias lecionadas nas escolas sem comprometer todo o programa. Interessa perceber que ligação têm ao currículo de ensino angolano, mais concretamente do ensino primário e do primeiro ciclo, designadamente: Língua Portuguesa, Matemática, Geografia, História, Biologia, Educação Visual Plástica, Educação Moral Cívica, etc.

A variável “programa” é a macroestrutura geral que engloba o conjunto de rubricas, música, passatempos, etc. Neste caso procura-se verificar se os programas, no seu conjunto, funcionam como alternativa ou como complemento à escola formal, isto é, se podem ser vistos como instrumentos de educomunicação.

5.3 Pergunta de investigação e hipóteses

Durante muitos anos a rádio sempre fez parte do dia a dia do homem e o público infantil não é exceção, mas com o aparecimento da televisão e de outras tecnologias ao dispor da sociedade, assiste-se a algum afastamento do público com o meio radiofónico. Não obstante, é certo que a rádio ainda é um meio presente no quotidiano das crianças e de muitas famílias, sendo encarada como uma via para a aprendizagem e para o conhecimento.

Para que isso ocorra é necessário que acompanhe as novas tendências de consumo baseadas em modelos universais capazes de atrair um conjunto de novos públicos. Para o efeito, a presente pesquisa está centrada no seguinte problema:

Em que medida o programa “Recreio Infantil”, da Rádio Malanje, segue o modelo de programação infantil da lusofonia?

A partir desta pergunta, foram formuladas as seguintes hipóteses de investigação:

H1- O horário de emissão do programa “Recreio Infantil” não está adaptado à disponibilidade do público quando comparado com a realidade lusófona;

H2- Tendo em conta que as crianças frequentam à escola de segunda a sexta-feira nos períodos da manhã e da tarde, as duas emissões diárias do programa não revelam a audiência do público alvo.

H3- O programa destina-se a uma faixa etária distribuída por vários graus de ensino;

H4- Para agradar o público-alvo, as rubricas devem possuir um maior peso de entretenimento;

H5- Em termos gerais, os programas devem ser mais dinâmicos com um genérico facilmente identificável, apresentado por vários animadores e com emissões ao vivo gravadas em vários locais da província;

H6- A programação infantil pode funcionar como complemento ao currículo escolar.

Capítulo 6. Resultados e Discussão

Neste capítulo apresentamos a discussão, análise e a interpretação dos resultados, tendo por base os objetivos e as questões da investigação, organizadas em vários domínios que emergiram da análise do discurso dos participantes. Tendo como base as variáveis anteriormente referidas, neste trabalho será agora analisado detalhadamente o programa “Recreio Infantil” (Rádio Malanje), enquadrando-o com uma análise dos restantes programas existentes em alguns países lusófonos.

6.1 Análise do programa Recreio Infantil

O “Recreio Infantil” é um programa que existe há mais de 20 anos na grelha da Rádio Malanje, cujo propósito principal é responder às expectativas das crianças com uma variedade de conteúdos (música, passatempos, anedotas e histórias).

Tabela 8. Análise do programa “Recreio Infantil”

Nome da Rubrica	Horário	Periodicidade	Faixa etária	Tipologia
Eu Quero Saber	9h30/10h00	2 Vezes	05 aos 14 anos	Entretenimento e Informação
Desporto	9h30/10h00	2 Vezes	05 aos 14 anos	Especializado/Desporto
Saúde é Vida	9h30/10h00	2 Vezes	05 aos 14 anos	Especializado/Saúde
Falar Correto	9h30/10h00	2 Vezes	05 aos 14 anos	Entretenimento e Informação
Conheça a Nossa Terra	9h30/10h00	2 Vezes	05 aos 14 anos	Entretenimento e Informação
Arte Infantil	9h30/10h00	2 Vezes	05 aos 14 anos	Especializado
Correio Infantil	9h30/10h00	2 Vezes	05 aos 14 anos	Entretenimento e Informação
Ler e Crescer	9h30/10h00	2 Vezes	05 aos 14 anos	Especialidade/Cultural
Receita e História	9h30/10h00	2 Vezes	05 aos 14 anos	Informação e entretenimento
Recordar a Infância	9h30/10h00	2 Vezes	05 aos 14 anos	Entretenimento e Informação

Horário

Nesta variável registamos diferenças significativas. O programa “Recreio Infantil” é emitido no período das 9h30 às 10h:00 com reposição no período das 14h30 às 15h (2^a à 6^a) e sábado das 14h às 15h; o “Rádio Piô” é emitido das 9h30 às 9h35, 10h30 às 10h35 e as 11h30 às 11h35 (2^a à 6^a) e aos domingos das 14h às 15h; “Rádio Maluca” (Brasil) é emitido das 11h às 12h; “Quem Conta Um Conto” (Rádio Miúdos-Portugal) com o formato digital é emitido aos domingos das 8h às 10h e as quintas-feiras, às 4h, 12h30 e às 19h30; o “Programa da Criança” (Rádio Moçambique) é emitido das 9h30 às 10h (2^a a 6^a), aos sábados das 9h10 às 11h e aos domingos

das 10h30 às 11h; ao passo que o “Olá Meninos” (Radiotelevisão de Cabo-verde) surge na emissão das 8h às 9h aos sábados.

No grupo das 6 realidades lusófonas, apenas o “Programa da Criança” e o “Rádio Piô” possuem o mesmo horário de emissão que o “Recreio Infantil”. As diferenças são significativas para o horário do fim de semana, tal como o “Rádio Miúdos”, “Rádio Maluca” e “Olá Meninos”.

Na prática, os programas emitidos em dias úteis da semana não consideram o público alvo, o que, corrobora a hipótese 1 de que **“O horário de emissão do programa Recreio Infantil não está adaptado à disponibilidade do público quando comparado a realidade da lusofonia”** uma vez que as crianças se encontram nestes horários nas escolas.

Periodicidade

O “Recreio Infantil” tem uma periodicidade bidária (manhã e tarde, em reposição), e uma edição ao sábado, igualmente à tarde, o que significa que o programa é emitido dez vezes (2ª a 6ª) e uma vez ao sábado perfazendo onze edições durante a semana. O “Rádio Piô”, tem uma periodicidade diária, que corresponde a três vezes por dia de (2ª a 6ª) e uma edição aos domingos, num total de 16 edições por semana. Na “Rádio Maluca” (Brasil), registamos uma periodicidade semanal. “Quem Conta Um conto” (Rádio Miúdos-Portugal), também é semanal, ou seja, tem uma edição aos domingos e outra à quarta-feira de manhã e 2 reposições, totalizando 4 edições por semana. Já o “Programa da Criança” (Rádio Moçambique) é de periodicidade diária (2ª a 6ª), emitido também aos sábados e domingos com uma reposição à quarta-feira, correspondendo a 8 edições ao longo da semana. E quanto ao programa “Olá Meninos” (Radiotelevisão de Cabo-verde) registamos que o programa é de periodicidade semanal, com uma única edição ao sábado.

Considerando o conjunto de programas analisados, o “Rádio Piô” é aquele que apresenta mais números de edições por semana, são dezasseis, seguido pelo “Recreio Infantil” com onze edições. No entanto, os números de edições do “Recreio Infantil”, não corresponde às expectativas da audiência em função da sua emissão acontecer de segunda a sexta em horário escolar.

De acordo com a hipótese 2 **“Tendo em conta que as crianças frequentam à escola de segunda a sexta-feira nos períodos da manhã e da tarde, as duas emissões diárias do programa não revelam a audiência do público alvo”**. Após a sua formulação e análise confirma-se a hipótese. Muito embora se alegue que as crianças que se encontram a estudar no período da manhã podem acompanhar o programa à tarde e vice-versa, não há garantias que elas sigam a emissão, uma vez que muitas delas deslocam-se à escola num período e no outro frequentam as explicações de apoio os seus estudos, por um lado, não se pode ignorar o tempo que a televisão, a internet e os jogos eletrónicos ocupam na vida das crianças.

Faixa etária

Embora o programa “Recreio Infantil” seja direcionado a um público com menos de 16 anos, o programa tem como estratégia dirigir a sua mensagem aos pais e encarregados de educação, mas para o presente estudo temos como público alvo as crianças dos 5 aos 14 anos; o “Rádio Piô” tem a sua mensagem centrada nos menores com idades entre os 5 e os 14 anos; o “Programa da Criança” (Rádio Moçambique) é dirigido para um público com idades entre os 5 aos 14 anos; apesar de reunir muitos adultos, o “Rádio Maluca” no Brasil direciona a sua mensagem aos menores com idades entre 5 e 14 anos. O “Rádio Miúdos” (Portugal) destina-se a todas as crianças, ao passo que o “Olá Meninos” (Radiotelevisão de Cabo-verde), dada a especificidade do programa e o conteúdo temático, destina-se sobretudo às crianças dos 5 aos 14 anos de idade.

Os diferentes programas analisados, demonstram semelhanças no que diz respeito ao público alvo, pelo que a mensagem é direcionada à criança. De referir que no caso específico do “Recreio Infantil” apurou-se que os assuntos agendados destinam-se a um público bastante extenso impossibilitando que o verdadeiro público-alvo descodifique a mensagem. Confirma-se assim a hipótese 3, de acordo com a qual **“O programa destina-se a uma faixa etária distribuída por vários graus de ensino”** é o nível de complexidade dos assuntos para criança que nos permite corroborar a hipótese.

Tipologia de rubricas

O programa “Recreio Infantil” é diferente dos outros. É dominado pela informação e entretenimento, bem como pela especialização ao nível da cultura, desporto e saúde. O “Rádio Piô” diferencia-se pelo entretenimento e informação, especializando-se nos domínios da cultura, tecnologia e desporto. O “Rádio Maluca” (Brasil) distingue-se por ser um programa de auditório, e tal como os outros, existem semelhanças ao nível do entretenimento e informação, bem como pela especialização no domínio da cultura. O programa “Quem Conta Um Conto” (Portugal) destaca-se pela especialização na cultura, o entretenimento e a informação. O “Programa da Criança” (Moçambique) caracteriza-se pela informação e o programa “Olá Meninos” (Cabo-verde) apresenta sobretudo conteúdos variados com a especialização ao nível da cultura.

Neste grupo de seis programas, existem diferenças que separam as realidades tanto em conteúdo temático quanto em ritmo. O “Rádio Piô” distingue-se pela informação e entretenimento tal como os demais e apenas o “Rádio Maluca” é exclusivo por se diferenciar num programa de auditório. Quanto ao “Recreio Infantil”, é dominado pela informação. De acordo com a hipótese 4 que considera que **“para agradar o público alvo as rubricas devem possuir um maior peso de entretenimento”**, entendemos que há uma confirmação da hipótese porque o entretenimento é de facto dominante nos programas analisados.

Programa

No “Rádio Piô” o espaço possui o mesmo indicativo que serve de abertura e encerramento, um separador, habitualmente utilizado como fundo do programa que divide os vários momentos, cuja condução normalmente varia (locutor/locutora), a depender da característica de cada um e do ritmo que se pretende no programa. A “Rádio Maluca” (Brasil) é diferente dos outros por ser do tipo auditório em que o genérico é vasto, possui um indicativo para abrir e encerrar o programa, uma música de base tocada ao vivo por uma banda, conduzido por um locutor e vários momentos em que 2 ou 3 membros da equipa intervêm durante o programa com leitura de histórias ou poesias ensaiadas, e ainda um outro momento em que a plateia participa, diretamente, com a interpretação de canções ao vivo e interação direta.

O programa “Quem Conta Um Conto” (Portugal) possui dois indicativos, um de abertura e um outro de encerramento, existe um separador e regra geral a condução é da responsabilidade de mulheres. O “Programa da Criança” (Moçambique) tal como outros, possui indicativo, existem vários locutores divididos em cada momento do programa, é intercalado com música no princípio e depois a maior parte do programa é dominado pela intervenção das crianças e outros participantes adultos até ao fim do programa.

“Olá Meninos” (Cabo-verde) possui igualmente indicativo de abertura e de fecho, tem um intervalo de músicas e a condução é de 4 vozes femininas, cujas responsabilidades giram em torno da saudação, anúncio da equipa, dos temas selecionados e do horário, etc. O “Recreio Infantil”, assim como os demais programas, possui um indicativo tanto para a abertura quanto para o fecho, saudação logo no início, música, anúncio dos conteúdos agendados, música, conselhos gerais e depois, são abordados os assuntos até ao encerramento.

De forma geral os programas possuem uma estrutura própria, diferenciando-se na designação, no ritmo, na forma como são apresentados e na questão da criatividade. Neste caso, existem semelhanças. Quanto ao “Recreio Infantil”, a sua dinâmica resume-se num apresentador e nos participantes que no decorrer do programa intervêm, com leitura ou anúncios (dedicatórias, conselhos, horário ou estação, entrevistado, saudação ou despedida), algo que deve ser remodelado, nomeadamente com a introdução de mais apresentadores para conferir outro ritmo ao programa. Podemos considerar que a hipótese 5, segundo a qual “ **Em termos gerais os programas devem ser mais dinâmicos: com um genérico facilmente identificado, apresentado por vários animadores e com emissões ao vivo gravados em vários locais**” se confirma.

A programação infantil detém uma gama de conteúdos com destaque para os passatempos, concursos, canções, histórias, jogos e conselhos. Um conjunto de mensagens que visam, essencialmente, facilitar o enriquecimento cultural do público infantil, algo que os programas em análise têm como principal finalidade, o que contribui para o desenvolvimento mental da criança.

Diante desta perspetiva, comparando o programa “Recreio Infantil” com os testados, podem significar uma janela de oportunidade aberta à escola em função da diversidade e abrangência dos conteúdos que em regra são selecionados e emitidos para às crianças durante a programação infantil, o que nos leva a confirmar a hipótese 6 de que **“A programação infantil pode funcionar como complemento ao currículo escolar”**

6.2 Análise das entrevistas

As entrevistas realizadas à equipa do programa “Recreio Infantil” (Rádio Malanje) procuraram descodificar alguns dos resultados da investigação.

Em relação à tipologia de programas, quando questionados sobre **“as razões que levam a Rádio Malanje a não apostar na estratégia de outros países da lusofonia que emitem nos programas infantis conteúdos dominados pelo entretenimento e rubricas especializadas”**, Isabel Luísa responde que “a aposta recai na informação e no entretenimento”. A chefe de produção nota que “a forma de entreter é um pouco diferenciada em função do tema em questão”, mas pensa que existe entretenimento e informação. Segundo Isabel Luísa, “provavelmente precisamos entreter mais em todos os temas, ainda que, seja um assunto sério porque as crianças aprendem mais brincando”. Para Jéssica Patrícia (Locutora), as rubricas são diferentes e não passam apenas pela informação, pois existem passatempos em todas às edições do programa. Para Maria Mbumba (Locutora), a informação justifica-se pelo facto “de os meninos precisarem de aprender mais” e daí falarem sobre “vários assuntos que alguns não sabem ou esqueceram e precisam de lembrar”. A aposta na informação deve-se à curta duração do programa, e é nesse contexto que António Sony (realizador) apela que seja cedido um espaço relativamente maior”.

Quando questionados sobre por que razão **“a Rádio Malanje não tem espaços ao vivo, tal como ocorre noutros programas da Lusofonia”**, Isabel Luísa responde tratar-se de uma dinâmica que era vista ao nível do programa da Rádio Nacional de Angola, mas deixou de o ser há sensivelmente 6 anos, momento em que a economia do país sofreu uma baixa”. A chefe de produção reforçou ainda que estes “programas carecem de uma logística, por mais pequena que seja, como água para dar às crianças e brinquedos que até podem ser compartilhados com vendas de serviços como a publicidade, e como os empresários foram afetados pela crise financeira, esse apoio desapareceu”. Isabel Luísa acrescentou ainda que é necessário “repensar essa possibilidade em Malanje. Estes programas podem ser feitos quinzenal ou mensalmente. É uma questão que bem idealizada poderá ter sucesso.” Maria Mbumba concorda com esta ideia, realçando igualmente o problema da “logística que se gasta para a implementação deste projeto” e que são necessárias “mais pessoas disponíveis para patrocínio e uma equipa maior”.

A mensagem da rádio é capaz de influenciar quem a ouve. No capítulo da educomunicação, questionou-se se **“O programa “Recreio Infantil” funciona como um complemento à educação formal na escola? Ou seja, se acompanha as matérias lecionadas nas aulas?”**

António Sony (Realizador do programa “Recreio Infantil”), respondeu dizendo que já foram inseridos assuntos como “o abecedário, conjugação de verbos, a numeração, a geografia, a história, ciências da natureza” entre outros assuntos, que à partida são pertinentes para o público. Para Jéssica Patrícia (Locutora do “Recreio Infantil”), o programa tem um plano semanal que espelha os assuntos programados em função da rubrica. Isabel Luísa acrescenta que alguns conteúdos ensinados nas escolas também são emitidos no programa. Isabel Luísa destacou “os que estão mais ligados para a disciplina de história, biologia e de educação moral e cívica”. Segundo Isabel Luísa, no programa são ainda abordados temas como doenças sexualmente transmissíveis, os órgãos do corpo humano, a história de vários países, entre outros assuntos, em que são convidados também professores para a abordagem dos temas. O programa não acompanha à risca os conteúdos escolares, mas alguns temas da escola são também refletidos no programa. Mas há momentos muito importantes da ligação entre a rádio e a escola. Maria Mbumba destaca que “normalmente isso acontece mais no período das provas, com a preocupação em dar alguns conselhos para as crianças fazerem bem os exames e transitarem de classe.”

Ainda sobre o papel da rádio na educação, questionaram-se os entrevistados sobre as vantagens de **“adequar os conteúdos temáticos do programa radiofónico ao currículo escolar”**

António Sony considera que “é uma forma de contribuir para a formação das crianças por um lado e por outro, seria uma estratégia de enriquecer os programas com conteúdos, proporcionando vários momentos de aprendizagem”. Isabel Luísa tem dúvidas porque nesse caso estariam “a fazer do programa uma sala de aula em que o apresentador tinha de ser um professor”. Isabel Luísa nota ainda que “alguns temas podem e devem estar adequados ao currículo escolar um pouco mais do que são atualmente, mas neste caso tinha de ser revista a forma como esses conteúdos são apresentados”. Para Isabel Luísa, “o programa é para as crianças até aos 16 anos, com ou sem escolaridade, alguns com maior capacidade de interpretação e outros nem por isso. Provavelmente, o mesmo conteúdo deva ser apresentado de uma forma interessante que prenda a atenção de todo o público”. Maria Mbumba destaca que o programa serve também para ajudar “os pais e professores a ensinar as crianças brincando, tornando menos complicado os conteúdos do plano curricular”. Apesar de oportuno, Jéssica Patrícia acredita que esta ligação entre os programas curriculares e os conteúdos do programa “possa significar também uma perda de audiência por parte daquelas crianças que não gostam de estudar”.

Questionados sobre os **“mecanismos que a Rádio Malanje tem para medir a audiência nos horários em que são transmitidos os programas infantis”**, António Sony responde que o fazem pela quantidade de telefonemas recebidos nos programas emitidos em direto no período da

manhã e aos sábados, mas também pela quantidade de cartas e os retornos verbais que são feitos à equipa e à rádio.

Na análise efetuada nos programas infantis emitidos nos países lusófonos constatou-se que **“são transmitidos das 10 às 11 horas, mas em Malanje/Angola o programa é emitido mais cedo. Por que razão optaram por este horário?”**

Para Jéssica Patrícia, o horário é uma questão que depende da empresa. Salienta que a emissão do programa a nível nacional a partir dos estúdios centrais da Rádio Nacional de Angola é as 10 horas, a ideia é fazer com que as crianças tenham mais opções, acompanhar os dois programas para aprenderem mais. Maria Mbumba justifica que a Rádio Malanje tem compromissos nestes horários, daí terem optado nesta hora. Já António Sony explica que o atual horário talvez seja o que vá de encontro a criança.

Em Angola optou-se pelos horários das 9h30 às 10h e das 14h30 às 15h porque as crianças que estudam no período da tarde já estão acordadas e podem sem pressão ouvir o programa que é emitido às 9h30, uma vez que as aulas no período da tarde têm início às 13h. O mesmo acontece com as crianças que estudam no período da manhã, pois conseguem ouvir o programa que é emitido às 14h porque as aulas neste período terminam às 12h. Com isso, remata Isabel Luísa **“é possível ter-se audiência garantida nos dois períodos, até porque se trata de um mesmo programa que é repostado no período da tarde garantindo assim que as crianças tenham um único conteúdo no mesmo dia”**.

Ainda dentro da variável horários, constatou-se que **noutros países lusófonos, os programas infantis são repetidos no período das 17 às 18 horas para as crianças que têm aulas de manhã ou estão ocupadas em outras atividades. Por que razão não ocorre o mesmo na Rádio Malanje?**

António Sony respondeu que na **“Rádio Malanje”** todas as crianças estão contempladas na emissão, pois quem estuda no período da tarde ouve o programa de manhã e os que estudam de manhã ouvem o programa no período da tarde. Já Jéssica Patrícia justifica que o horário das 14h30 afigura-se **“o melhor para as crianças que têm aulas no período da manhã pois a essa hora as crianças já fizeram os deveres de casa e estão disponíveis para ouvirem”**. Isabel Luísa acrescentou que a diferença nos horários da Rádio Malanje se justifica porque neste horário é transmitido um espaço de noticiários em línguas nacionais. Adicionou ainda que **“a emissão é maioritariamente em língua portuguesa, mas em Malanje não se fala apenas o Português, existindo igualmente o Songo e o Kimbundo faladas em algumas regiões da província que não falam o Português e é necessário que estes também se revejam na grelha de programas.”** Maria Mbumba acrescenta que **“o horário das 17h00 em diante não facilita porque é o momento das crianças ajudarem os pais a preparar o jantar e poderiam não prestar atenção ao programa.”**

Conclusões

A programação infantil na rádio tem como finalidade entreter e educar as crianças fora do espaço escolar através da emissão de conteúdos diversificados. Pelas suas características, a rádio não tem o mesmo poder que a televisão, pela falta de imagem, mas com criatividade e investimento é possível unir formatos, enriquecer conteúdos e alcançar alguns resultados no capítulo pedagógico. Para isso, a rádio pode complementar a sua emissão normal com as dinâmicas do mundo moderno, como é o caso do conjunto de tecnologias que hoje invadem o universo infantil (*tablets, smartphones, etc*). Juntando a presença na Internet às emissões hertzianas, a rádio pode mesmo atrair novos públicos.

Como referem os profissionais entrevistados neste trabalho, a rádio pode ser uma importante ferramenta no ensino, uma vez que ajuda os alunos no enriquecimento da sua cultura e pode contribuir para bons resultados escolares. Neste sentido, constatámos que é necessário pensar em diferentes formas de integrar determinados conteúdos escolares nos programas radiofónicos, ainda que de forma paulatina. Apesar de esta já ser uma realidade em algumas rádios, o desejo dos produtores dos programas infantis é de que tal possa ajudar os alunos na compreensão dos, muitas vezes complexos, conteúdos escolares.

Entre as principais conclusões do trabalho destacamos o facto de o programa “Recreio Infantil” estar demasiado centrado na informação. Consideramos, até por comparação com os programas dos países lusófonos analisados, que é necessário introduzir mais entretenimento na programação, como forma de atrair mais público. Ainda em relação ao entretenimento, os resultados obtidos demonstram que é pertinente relançar os programas de auditórios com produção ao vivo, uma vez que esta seria uma forma de atrair mais público infantil. Percebe-se, no entanto, através das repostas dos entrevistados, que a execução deste tipo de programas é limitada, uma vez que a mesma implicaria maior capacidade técnica e financeira, mas também mais recursos humanos. Sugerimos ainda assim que no futuro se privilegiem estes programas de auditório, uma vez que apesar da sua complexidade, eles desempenham um papel considerável na medida em que podem ajudar na socialização da criança, proporcionando vários atributos que podem ser úteis na vida adulta, nomeadamente, a capacidade de interação, os hábitos de leitura, diálogo e predisposição para aprendizagem.

No estudo verificou-se ainda que os profissionais são unânimes quanto ao facto de o programa infantil se dever dirigir sobretudo à criança e, nesse sentido, emitir conteúdos temáticos destinados a esta, nomeadamente com uso de mensagens e linguagem adequadas à sua idade.

No seguimento da pergunta de investigação que norteou este trabalho, e em que procurámos saber em que medida o programa “Recreio Infantil”, da Rádio Malanje, segue o modelo de programação infantil da lusofonia, concluímos que existem diferenças que importa assinalar entre os programas dos diferentes países.

De acordo com a investigação feita, a programação infantil na lusofonia tem um modelo que é baseado sobretudo no entretenimento, com a introdução de conteúdos de animação e

emissões concentradas nos sábados e domingos no período da manhã. Moçambique surge, neste contexto, como uma exceção, uma vez que o programa infantil é emitido não apenas aos fins-de-semana, mas também de segunda a sexta-feira nas manhãs da rádio.

A Rádio Malanje, por sua vez, emite o programa “Recreio Infantil” no período da tarde apenas aos sábados e em dias úteis em dois períodos (manhã e tarde), tendo como modelo a informação e diferentes conteúdos centrados em vários aspetos de cultura geral.

Em função dos resultados recolhidos e da análise efetuada, concluímos que os fins de semanas, feriados e períodos de férias devem ser vistos como ocasiões ideais para a emissão dos programas infantis pelo facto de não haverem atividades escolares, o que possibilita uma maior audiência e desta forma a possibilidade de melhorar a apreensão dos conteúdos por parte das crianças. Propõem-se assim que a Rádio Malanje adote o modelo de programação infantil identificado nos países lusófonos, com a introdução de mais conteúdos de entretenimento e emissões em horários mais adequados para as crianças.

Importa nesta fase referir que a investigação se deparou com várias limitações. Uma delas, e talvez a mais importante, está ligada com a obtenção de bibliografia, uma vez que existem poucos trabalhos sobre programação infantil no contexto da rádio. Esta falta de referências bibliográficas obrigou à adaptação de alguns textos sobre a programação infantil na televisão. Esta situação impossibilitou, igualmente, o levantamento bibliográfico relativo à realidade da programação infantil em alguns países da lusofonia.

Sugestões e Propostas

À luz do presente estudo recomenda-se a continuidade do projeto, numa vertente de vulgarização da importância de programas desta natureza para o bem da sociedade e como forma de despertar não só os pais, os governos, mas também as próprias crianças no sentido de todos trabalharem na valorização e investimento do meio tendo em conta o seu impacto social.

Do outro modo, uma boa prestação de serviço público de radiodifusão depende também da sua disponibilidade tecnológica e da sua capacidade de inovar, sendo que para tal é urgente a rádio acompanhar a dinâmica social para corresponder aos interesses da criança, principalmente no que toca a diversificação de oferta e formatos como *podcast* para permitir que a criança acompanhe o programa sempre que quiser.

Tendo em conta que a criança é um ser em fase de crescimento, no processo inicial da sua educação e formação a qual dependerá o futuro da sociedade, a Rádio Nacional de Angola deve criar condições para dinamizar o programa infantil rebuscando o antigo formato de programa de auditório cujo perfil permite a participação de espetadores e ouvintes ao vivo, com vários conteúdos como a música, histórias, adivinhas e outras formas de entretenimento. Visando uma maior audiência, qualidade e efeitos sobre as crianças, sugerimos que haja uma parceria entre os Ministérios da Educação e Ministério da Comunicação Social para encontrarem formas de trabalhar no sentido de se adaptarem nos programas infantis alguns conteúdos do currículo escolar do ensino primário ao primeiro ciclo de ensino, para que a criança possa conviver por um lado com a matéria na escola e, por outro, na rádio, cujos efeitos podem vir a ser positivos principalmente ao nível da elevação de cultura geral, tornando menos complexos os conteúdos escolares tendo em vista as taxas de aproveitamento escolar. De igual modo é oportuno, trabalhar com o Ministério da Comunicação Social no sentido de se promover a literacia para os *media* junto das famílias e encontrar-se formas de ter um maior proveito possível da rádio e dos respetivos programas.

É necessário, ao nível da rádio, chamar-se a atenção para que os programas sejam projetados com olhos postos na audiência e, para tal, os conteúdos devem estar certos de que interessarão as crianças; que as músicas tenham conteúdos favoráveis e que a linguagem é clara e está à altura do público alvo. Chama-se a atenção, por outro lado, para o facto dos programas deverem ser produzidos e apresentados por adultos, devendo a criança estar presente para aprender ou intervir com pequenos anúncios.

Não se tratando apenas de uma dissertação, uma vez que as conclusões e os resultados terão uma aplicação prática, na medida em que se trata de um estudo para o bem da academia e da sociedade de modo geral, e que servirá o conjunto de órgãos de Comunicação Social angolano e concomitantemente as crianças. Do mesmo modo, a intenção passa por disseminar as principais ideias às áreas de programas da Rádio Nacional de Angola em específico e às respetivas rádios provinciais da qual a Rádio Nacional de Angola (RNA) é responsável. À partida

sugere-se a Rádio Nacional de Angola enquanto estrutura principal no sentido de privilegiar programas infantis em horários nobres e adequados à realidade da criança, envolvendo o que elas mais gostam, na medida em que os programas sejam ricos e inspiradores com passatempos e concursos ao vivo que estimulem a aprendizagem, como forma de atrair as crianças.

Sugere-se que se invista num horário para programas infantis, sem, no entanto, chocar com o período de aulas, privilegiando um horário em que a criança esteja em casa. Nos dias úteis, o período da tarde no horário 17h parece favorável a transmissão do programa infantil. De acordo com as experiências de alguns países lusófonos, garante maior audiência, e em casa pode ser uma companhia alternativa e ideal àqueles ouvintes que não se revêm na programação televisiva.

Somos da opinião que a RNA deve apostar na formação dos repórteres e locutores infantis para uma melhor inserção no programa fazendo-os ganhar noção das suas responsabilidades.

Como forma de contribuir para a qualidade do programa infantil, é nossa intenção trabalhar com a Rádio Nacional de Angola no sentido de haver interação e tornar públicos os resultados do presente estudo, onde também vão ser partilhadas outras noções mais gerais sobre a rádio à luz das experiências colhidas na Europa. Pretendemos desenvolver a referida estratégia junto das demais emissoras espalhadas pelo país.

Sugere-se à Rádio Nacional de Angola a implementação de programas de auditório (programas ao vivo com plateia) com foco nas crianças, preferencialmente aos fins de semana e feriados, como forma de agrupá-las não só para as divertir, mas sobretudo para aferir talentos e habilidades.

Por conseguinte, fica expressa a necessidade de se intensificar a produção de programas infantis no período de férias, feriados e fins de semana, garantindo mais espaço para as crianças na rádio.

Bibliografia

- Alves, R. (2005). Radiojornalismo e a Linguagem Coloquial. In Meditsch, E. (2005). *Teorias do rádio-textos e contextos*. Florianópolis: Insular, Vol I.
- Ângelo, S. (2019). Assistente de Realização programa Infantil Radio Piô. *Radio Nacional de Angola/Entrevista*. Angola: Luanda.
- Aranguren, J. (1975). Comunicação Humana. *Uma Sociologia da Informação*. São Paulo: Zahar Editores.
- Arnheim, R. (1936). O elogio do invisível pelo mestre da imagem: Rudolf Arnheim e o poder estético do rádio. In Meditsch, E. (2005). *Teorias do rádio-textos e contextos*. Florianópolis : Insular, Vol I.
- Arrigone, M. (2014). *Programa Infantil de Rádio*. (Consultado na internet a 22 de maio de 2019) [url] <http://www.ebc.com.br/infantil/para-pais/2014/08/programa-infantil-de-radio-completa-10-anos>
- Assunção, R. (2012). Produção Radiofônica. *Programa Infantil Piô Piô da Rádio Nacional de Angola*. Angola. Luanda: Faculdade de Letras. Universidade Agostinho Neto.
- _____ (2019). Realizador do programa Infantil Radio Piô. *Radio Nacional de Angola/Entrevista*. Angola. Luanda.
- Avrella, B. & Zuculoto, V. (2013). Rádio-Leituras. In *A programação jornalística local: o caso da Rádio Luz e Alegria AM1. Vol I*. (Consultado na Internet a 30 abril de 2019) [url] <http://radioleituras.wordpress.com/>
- Balsebre, A. (2007). *El Lenguaje Radiofónico*. (5ªEd). Madrid: Cátedra.
- _____ (2005). A linguagem radiofônica. (Trad) In Meditsch, E. *Teorias do rádio - textos e contextos*. Florianópolis: Insular, Vol. I.
- Barata, R. (2016). *Rádio Moçambique Compromisso Com Programas Infantis*. Africa. Maputo
- Barreto, L. K. (2005). Música Sacra e adoração. In *A Importância da Musicalização na Educação Infantil e no Ensino Fundamental*. (Consultado na Internet a 6 de Fevereiro de 2019) [url] <https://musicaeadoracao.com.br/25473/a-importancia-da-musicalizacao-na-educacao-infantil-e-no-ensino-fundamental/>
- Berry, G. & Joy, K. (1993). Public Television Programing and the Changing Cultural Lansdcape. Newbury Park, CA-London-New: Delhi. In *A Televisão e as crianças: um ano de programação na RTPA 1, RTP 2, SIC e TVI*. (p. 26). Entidade Reguladora Para a Comunicação Social.
- Bettelheim, B. (2002). *A Psicanálise dos Contos de Fadas*. Lisboa: Beltrand Editora .
- Bitti, P., & Zany, B. (1993). *A Comunicação como Processo Social*. Lisboa: Editorial Estampa.
- Bonixe, L. (2012). *A Informação Radiofônica. Rotinas e Valores-Notícias da Reprodução da Realidade na Rádio Portuguesa*. Coleção: Media e Jornalismo. Braga. Editor: Livros Horizontes.
- Borges, R. (2002). *Rádio: a Arte de Falar e Ouvir*. São Paulo: Paulinas.
- Brecht, B. (1927-1932). Teoria do Rádio. In Meditsch, E. Zuculoto, V. (2005.). *Teorias do Rádio-textos e contextos*. Florianópolis: Insular, Vol. I.

- Broncano, F. (1996). *Infomación, Comunicación y sistemas educativos in Tejedor e García Varcancel, perspectivas de las nuevas tecnologías en educación*. Madrid: Narcea.
- Cardoso, G., Mago, C. & Soares, T. (2015). Modelos de Negócio e Comunicação Social: “Telcos”, *Legacy Media, Novos Media e Start-ups Jornalísticas em Navegação Digital - Estudo prospetivo (2015-2020)*. Portugal: Entidade Reguladora Para Comunicação Social.
- Carvalho, P. (2002). *Audiência de Media em Luanda*. Angola. Luanda: Nzila.
- Cebrián, M. H. (2001). *Información Radiofónica: Mediación técnica tratamiento y programación*. Madrid: es catedrático de Periodismo en la Facultad de Ciencias de la Información de la Universidad Complutense de Madrid.
- _____(2004). Inovação Radiofónica: A criatividade no contexto do rádio atual em antologia. In *Meditsch, E & Zuculoto, V. (2008)Teorias do rádio-textos e contextos*. Florianópolis: Insular, Volume II.
- Chazan, M. & Cox, T. (1979). *Programas de Linguagem para crianças desfavorecidas*. Lisboa. Moraes.
- Chiarelli, L., & Barreto, S. (2005). A Importância da Musicalização na Educação Infantil e no Ensino Fundamental. in *A música como meio de desenvolver a inteligência e a integração do ser*. (Consultado na Internet a 6 de Janeiro de 2019) [url] <http://www.iacat.com/revista/recreate/recreate03.htm>
- Chizzotti, A. (2016). *Pesquisa Qualitativa em Ciências Humanas e Sociais*. Rio de Janeiro. Petrópolis : Editora Vozes.
- Cordeiro, P. (2003). Experiências de rádio produzidas para e por jovens: *O panorama português das rádios universitárias*. Uiversidade Nova de Lisboa. (Cnsltado na internet a 1 de junho de 2019) [url] <http://www.bocc.ubi.pt/pag/cordeiro-paula-experiencias-de-radio.pdf>
- Correia, A. (2019). *Antigo Realizador do programa Recreio Infantil Rádio Malanje/Entrevista*. Angola: Malanje.
- Correia, P. (2012). *Dicionário Escolar 3º Ciclo*. Lisboa: Textos.
- Costella, A. (2001). *Comunicação - Do grito ao satélite*. (4ª Ed). Campos do Jordão. Editora: Mantiqueira.
- Cruz, O. (2004). Quarto de Hora Infantil. In *Rádio Sociedade*. (Consultado na Inyernet a 22 de maio de 2019) [url] <http://www.fiocruz.br/radiosociedade/cgi/cgilua.exe/sys/start.htm?infoid=27&sid=34>
- Dala, E. (2013). Rádio tem dimensão social. In *Jornal de Angola*. (Consultado na Internet a 9 de novembro de 2018) [url] http://jornaldeangola.sapo.ao/politica/radio_tem_dimensao_social
- Elsantos, M. (2017). Olá Meninos é Um dos Programas de Rádio Mais Antigos Feito Apenas Por Crianças. In *Entrevista Tv Cabo-Verde*. (Consultado na Internet a 27 de maio de 2019) [url] <https://pt-cv.redes-sociais.com/todos-videos/960-lourenco-ferreira-gomes/video/12929-ola-meninos-e-um-dos-programas-de-radio-mais-antigo-feito-apenas-por-criancas>
- Farago, I. (2015). *Contos de Fadas: origem e contribuições para o desenvolvimento da criança*. São Paulo: Centro Universitário Unifafibe.
- Faus Belau, A. (1981). *La Radio Introduccion a un medio desconocido*. Madrid: Latina Universitaria.

- Fernandes, R. (2014). *Rádio Brincadeira: Os jogos e Performances do Corpo nos Programas Infantis*. São Paulo. Pontifícia Universidade Católica.
- _____ (2016). *Brincando Com Sons: Os Programas Infantis de Rádio Como Experiência da Cultura do Ouvir*. São Paulo. Universidade Municipal de São Caetano do Sul.
- Fernando, C. & Pereira, M. (2017). *Rádio Local*. São Paulo. Brasil.
- Ferrareto, L. (2000). *O Rádio: O veículo, a história e a técnica*. (3ª Ed). Porto Alegre: Sagra Luzzatto.
- Filho, B. (2003). *Gêneros radiofônicos: Os formatos e os programas de áudio*. São Paulo. Paulinas
- Fortin, M. F. (2009). *Fundamentos e Etapas do Processo de Investigação*. Loures: Lusodidacta.
- Freire, P. (1970/1987). *A Pedagogia do Oprimido*. (17ª Ed). São Paulo: Paz e Terra.
- Freixo, M. (2018). *Metodologia Científica. Fundamentos, Métodos e Técnicas* (5ª Ed). Lisboa: Edições Piaget.
- Gagné, R., Briggs, L. & Waggoner, W. (1992). *Principles Of Instructional Design*. (4ªEd). Florida State University: Library of Congress Cataloging-in-Publication Data.
- Gallardo, M., Puig, j. & Asensio, J. (1996). *La Radio*. Barcelona : Rosaljai S.L.
- Geertz, C. (1989). *A Interpretação das Culturas*. Rio de Janeiro: Editora Guanabara Koogan.
- Gil, A. (1989). *Métodos e Técnicas de Pesquisa Social*. São Paulo: Editora Atlas.
- Godoi, L. (2011). *A Importância da música na educação infantil*. Brasil. Universidade Estadual de Londrina.
- Gonçalves, S. (2015). *A importância da Música no desenvolvimento das crianças*. In Up to Kids (Consultado na Internet a 12 de dezembro de 2018) [url] <https://uptokids.pt/educacao/a-importancia-da-musica-no-desenvolvimento-das-crianca/>
- Gonnet, J. (2007). *Educação para os Media: As controvérsias fecundas*. Porto: Porto Editora.
- Guta, M. (2019). *A Menina Que Saiu do Rádio*. In *Santiago Magazine*. (Consultado a 1 de Junho de 2019) [url] <https://www.santiagomagazine.cv/index.php/mais/elas/2802-a-menina-que-saiu-do-radio>
- Hausen, D. (1988). *Rádio e Criança, Um estudo sobre a ausência de programação infantil nas emissoras de Porto Alegre*. São Paulo. Escola de Comunicação e Artes da Universidade de São Paulo.
- Huijbregts, M. (2013). *UNICEF Junto Pelas Crianças*. In *Rádio DW*. (Consultado na Internet a 3 de abril) [url] <https://www.youtube.com/watch?v=GZ6bjhSb4sQ&list=PL61B606DBE46EDC42&index=2>
- Jamona, J. (2019). *Antigo locutor do programa Recreio infantil da Rádio Malanje/Entrevista*. Angola: Malanje.
- Jeandot, N. (1997). *Explorando o universo da música*. São Paulo. Scipione.
- Kaplún, M. (1980). *Producción de programas de radio, El guión - la realización*. Equador. Ediciones Ciespal. Colección Intiyán. Editorial Quipus

- _____ (2008). A natureza do meio: limitações e possibilidades do Rádio. In Meditsch, E. & Zuculoto, V. (2008). *Teorias do rádio-textos e contextos*. Florianópolis: Insular, Vol.II.
- Kohan, W. O. (2004). *Infância da educação: O conceito devir-criança*. (1ª Ed). Rio de Janeiro. DP&A.
- Lopes, V. S. (1982). *Iniciação ao Jornalismo Audio Visual*. Lisboa: Quid Juris.
- Luisa, I. (2019). *Chefe de Produção da Rádio Malanje/Entrevista*. Angola: Malanje.
- Lins, B. & Silva, O. (2017). Educação e Media. In *Gazeta do Povo*. (Consultado na Internet a 2 maio de 2019) [url] <https://www.gazetadopovo.com.br/blogs/educacao-e-midia/porque-contar-historias-criancas/>
- Marta, B. & Joceline, G. (2006). *Jogos Educativos*. Brasil: Instituto de Ciências Exatas e Tecnológicas. Centro Universitário Feevale.
- Massunga, M. (2014). *A Audiência da Rádio Malanje*. Luanda, Angola: Monografia de licenciatura, Universidade Agostinho Neto.
- Mateus, I. (2001). Os Media em Angola. (Consultado na Internet a 3 de novembro de 2018) [url] <http://www1.ci.uc.pt/iej/alunos/2001/angola/osmedia.html>
- Mazunga, S. (2013). *África pôde e pode : o papel da rádio e da televisão na revalorização do homem africano*. Luanda-sul, Angola: Mayamba Editora.
- Mbumba, M. (2019). *Programa Infantil da Rádio Malanje*. Locutora. Entrevista/Angola: Malanje.
- McLeish, R. (2001). *Produção de Rádio: Um Guia Abrangente da Produção Radiofónica*. São Paulo: Summus.
- McLuhan, M. (1964/1993). *Understanding Media: The Extensions of Man*. Tradução Portuguesa: Os meios de Comunicação de Massas. São Paulo: Cultrix.
- _____ (1997). Rádio: O Tambor Tribal. In Del Bianco, N. & Meditsch, E. (2005). *Teorias do rádio- textos e contextos* (pp. 153-162). Florianópolis: Insular, Vol I.
- Meditsch, E. (1995). *Sete meias-verdades e um lamentável engano que prejudicam o entendimento da linguagem do radiojornalismo na era eletrônica*. Universidade Federal de Santa Catarina. (Consultado na Internet a 12 de março de 2019) [url] <http://www.bocc.ubi.pt/pag/meditsch-eduardo-meias-verdades.pdf>
- _____ (1999). *A rádio na era da informação*. Coimbra. Minerva.
- _____ (2005). *Teorias do rádio-textos e contextos*. Florianópolis: Insular. Vol. I
- Milagres, V. & Pedro, J. (2015). Rádio Miúdos. In *A Primeira Rádio para Crianças em Português*. (Consultado na Internet a 12 de maio de 2019) [url] <https://www.radiomiudos.pt/index.php?cont=12&page=1>
- Moles, A. (1975). *La Comunicacion Y Los Media*. Bilbao: Mensajero .
- Monteiro, P. (s/a). Apontamentos para a história da Radiodifusão de Angola. In *Rádio Clube de Angola*. (Consultado na Internet a 27 de janeiro de 2019) [url] <http://www.geocities.ws/dpmonteiro/radioangolahistoria.htm>
- Moreira, S. V. (2002). *Rádio em Transição. Tecnologias e Leis nos Estados Unidos e no Brasil*. Rio de Janeiro: Mil Palavras.
- Moreno, M. & Rosell, R. (2014). Alfabetización mediática. La radio en la Educación Infantil y Primaria. In Eleá, I. (2014), *Agentes e Vozes: Um Panorama da Mídia Educação no Brasil*,

- Portugal e Espanha*. Editor: Ulla Carlsson. (Consultado na Internet a 2 de junho de 2019)
[url] <http://www.nordicom.gu.se/en/publikationer/agentes-e-vozes>
- Muñoz, J. & Gil, C. (1988). *La Radio Teoría y Práctica*. Madrid: Imprenta Fareso, S. A.
- N'wamba, J. (2008). Rádio Moçambique. *In Programa da Criança*. (Consultado na Internet a 23 de maio de 2019) [url] <https://programadacrianca.blogspot.com/2008/>
- Oliveira, S. & Caetano, R. (2017). *Literacia para os Media e Cidadania Global: Caixa de Ferramentas*. Lisboa: Acima da Media.
- ONU. (1959.). Declaração dos Direitos da Criança. *In Proclamada pela Resolução da Assembleia Geral das Nações Unidas n.º 1386, XIV*. (Consultado na Internet a 5 de maio de 2019)
[url] https://www.dge.mec.pt/sites/default/files/ECidadania/Docs_referencia/declaracao_universal_direitos_crianca.pdf
- Ortriwano, G. S. (1985). *A informação no Rádio: os grupos de poder e a determinação dos conteúdos*. São Paulo. Summus Editorial.
- _____ (2008). De Brecht aos (des)caminhos do radiojornalismo. *In Medisch, E. & Zuculoto, V. (2008). Teorias do rádio-textos e contextos*. (pp. 57-68). Florianópolis: Insular, Vol. II.
- Paiva, V. (2002). *A Mensagem Radiofónica; O acontecimento (re) significado*. Brasília: Paralelo.
- Pedro, C. (2017). Proposta de Base de Dados Terminológica e Áudio Multilíngue para os Jornalistas Redactores da Rádio Nacional de Angola: *o caso dos estrangeirismos*. *Universidade Nova de Lisboa: Dissertação de mestrado*.
- Pereira, S. (2007). Por detrás do Ecrã. *Televisão para Crianças em Portugal*. Porto: Porto Editora.
- Pereira, S., Pinto, M. & Pereira, E. (2009). *A Televisão e as Crianças. Um ano de programação na RTP1, RTP2, SIC e TVI. Portugal*. Universidade do Minho: Entidade Reguladora para a Comunicação Social.
- Piaget, J. (1951/1979). *Psicologia e Educação*. Coleção. Tradução. Portugal: Moraes Editores.
- Pikunas, J. (1979). *Desenvolvimento Humano: uma ciência emergente*. São Paulo: McGraw-Hill.
- Pinto, A., Godoi, D. & Silva, E. (2007). A arte de contar histórias na educação infantil. *XI Encontro Latino Americano de Iniciação Científica e VII Encontro Latino Americano*. Universidade do Vale do Paraíba. São Paulo.
- Pissarra, M., Afonso, A., & Sacramento, C. (2004). *Atividades Lúdicas e Diferenciação de Género. Convergências e Divergências Identitárias do Professor*. Castelo Branco: Escola Superior de Educação de Castelo Branco.
- Pissarra, S., Landeiro, T. & Barrena, V. (2004). *Atividades Lúdicas. Interculturalidade e Género no Recreio Infantil*. Revista do Departamento de Educação Física e Artística. Castelo Branco.
- Porchat, M. E. (1989). *Manual de Radiojornalismo Jovem Pan*. São Paulo: Editora Ática S.A.
- Portela, P. (2011). *A ecologia pluralista da comunicação - conectividade, mobilidade, ubiquidade*. São Paulo: Paulus.
- Prieto, I. (2001). *Programación radiofónica y espacios informativos*. Venezuela: Ediluz.

- Reis, L. (2018). *Investigação Científica e Trabalhos Académicos*. Guia Prático. Lisboa: Edições Sílabo.
- Reis, I. (2011). A reconfiguração da temporalidade da rádio na era da Internet: *Comunicação e Sociedade*, vol. 20. Porto: Universidade do Porto.
- Reis, R. (2012). Revista Eletrônica da Faculdade Metodista Granbery. In *A música e o desenvolvimento infantil: o papel da escola e do educador*. (Consultado na Internet a 3 de fevereiro de 2019). [url] <http://re.granbery.edu.br/artigos/NDY3.pdf>
- Ribeiro, A. (2015). *A Criança em Situação de Escuta -Uma Aproximação à Audiência Infantil de Rádio*. Rio de Janeiro. Pontificia Universidade Católica.
- Ribeiro, N. (2005). *A Emissora Nacional nos Primeiros Anos do Estado Novo: 1933-1945*. Lisboa: Quimera.
- Rodrigues, A. (1999). *As Técnicas da Comunicação e da Informação*. Lisboa: Presença.
- _____ (2006). *Jornalismo nas Ondas do Rádio: Estudo de caso: Análise crítica do programa "O Ministério Público e a Cidadania"*. Brasil: Universidade Federal do Maranhão.
- Romancini, R. & Horta, p. (s/a). *Media educação*. In *Rádio e História*. (Consultado na Internet a 15 de março) [url] http://webeduc.mec.gov.br/midiaseducacao/material/radio/radio_intermediario/pdfs/radiohistoria.pdf
- Santos, M. (2017). Olá Meninos é Um dos Programas de Rádio Mais Antigos Feito Apenas Por Crianças. In *Entrevista/TCV*. (Consultado na Internet a 27 de maio de 2019). [url] <https://pt-cv.redes-sociais.com/todos-videos/960-lourenco-ferreira-gomes/video/12929-ola-meninos-e-um-dos-programas-de-radio-mais-antigo-feito-apenas-por-criancas>
- Santos, R. (2002). *Indústrias Culturais*. In *Imprensa, Rádio, Televisão, Internet, Cinema, música e livros*. (Consultado na internet a 17 de março) [url] <https://industrias-culturais.hypotheses.org/27269>
- _____ (2005). *As Vozes da Rádio 1924-1939*. Lisboa: Editorial caminho.
- Schneider, R. & Torossian, S. (s/a). *Contos de Fadas: Da sua origem à Clínica Contemporânea*. In *Psicologia em Revista*. Belo Horizonte. São Paulo. (Consultado na Internet a 5 de junho de 2019) [url] <http://periodicos.pucminas.br/index.php/psicologiaemrevista/article/view/P.1678-9563.2009v15n2p132/873>
- Sebastião, P. (2012). *Estação de Rádio Infantil: Alegria Rádio*. Lisboa: Instituto Universitário de Lisboa.
- Silva, Â. (2010). *A programação infantil nas rádios portuguesas: dos primeiros ensaios ao desafio*. Universidade da Beira Interior. Covilhã. Dissertação de mestrado.
- Silva, B. & Teixeira, M. (2015). *A Educomunicação do Rádio*. In *Torres, Tecnologias Digitais para a Produção de Conhecimento no Ciberespaço*. Curitiba : Senar.
- Soares, C. (2007). *Competições que ensinam a turma a ganhar e a perder*. In *Nova Escola*. (Consultado na Internet a 22 de março de 2019). [url] <https://novaescola.org.br/conteudo/1261/competicoes-que-ensinam-a-turma-a-ganhar-e-a-perder?download=true>

- Soares, I. (2000). Educomunicação: as perspectivas do reconhecimento de um novo campo de intervenção social. *O caso dos Estados Unidos*. São Paulo. Brasil: Eccos Revista Científica.
- _____ (2006). *Poder e responsabilidade*. (Consultado na Internet a 26 de maio de 2019). [url] <http://www.portalgens.com.br>
- Soengas, X. (2003). Informativos Radiofónicos. *Signo e Imagem*. Madrid: Catedra.
- Sousa, J. P. (2006). *Elementos de Teoria e Pesquisa da comunicação e dos media*. (2ª Ed) Porto: Redição revista ampliada. Letras Contemporaneas.
- _____ (2008). *Uma História Breve do Jornalismo no Ocidente*. Porto: Universidade Fernando Pessoa.
- Sousa, J. & Aroso, I. (2003). Técnicas Jornalísticas nos Meios Electrónicos: *Princípios de radiojornalismo, telejornalismo e jornalismo online*. Porto: Universidade Fernando Pessoa .
- Sousa, M. & Baptista, C. (2006). *Investigação, Dissertações, Teses e Relatórios*. Lisboa: Pactor.
- Taparelli, C. (2003). *A Evolução Tecnológica*. Brasil: Universidade Paulista.
- Teles, M. (1999). *Socorro e Proibido Brincar*. Rio de Janeiro: Vozes.
- Tornero, J. (2007). Comunicação e Educação na Sociedade da Informação. *Novas Linguagens e Consciência Crítica*. Porto: Porto Editora.
- UNESCO (1982). *Declaração de Grunwald sobre educação para os media*. (Consultado na Internet a 22 de maio de 2019) [url] <http://www.gmcs.pt/ficheiros/pt/declaracao-de-grunwald-sobre-educacao-para-os-media.pdf>
- _____ (2005). A Criança descobrindo, interpretando e agindo sobre o mundo. *Fundo do Milênio para a Primeira Infância*. Cadernos Pedagógicos.
- UNICEF (1989). *A Convenção sobre os Direitos da Criança - Unicef*. Assembleia Geral nas Nações Unidas.
- _____ (2015). Rádio infantil. *Uma experiência em retrospectiva*. In *Moçambique*. (Consultado na Internet). [url] <http://bissauresiste.blogspot.com/2015/06/radio-infantil-uma-experiencia-em.html>
- Vidal, R., Souza, G. & Costa, T. (2008). *O Uso das histórias infantis como recurso lúdico e terapêutico no atendimento psicológico à crianças com deficiência física*. In temas sobre desenvolvimento. (p. 111) São Paulo. (Consultado na Internet a 2 de maio de 2019) [url] <https://www.semanticscholar.org/author/Ruth-Cardoso-Vidal/147986145>.
- Weigel, A. (1988). *Brincando de Música: Experiências com sons, ritmos, música e movimentos na Pré-Escola*. Porto Alegre: Kuarup.

Webgrafia

http://cdh.uem.mz/images/pdfs/Carta_Africana_dos_Direitos_e_Bem-Estar_da_Crianca.pdf
consulta a 16 de abril de 2019;

<http://ojs.letras.up.pt/index.php/prisma.com/article/view/2115/1948> Consulta: 03 de maio de 2019

<http://www.gmcs.pt/ficheiros/pt/declaracao-de-grunwald-sobre-educacao-para-os-media.pdf>

http://www.tribunalconstitucional.ao/Conteudos/Artigos/lista_artigos.aspx?idc=150&idsc=160&idl=1 Consulta: 16 de abril de 2019

<https://novaescola.org.br/conteudo/1261/competicoes-que-ensinam-a-turma-a-ganhar-e-a-perder?download=true> Consulta: 03 de maio de 2019

<https://uptokids.pt/educacao/a-importancia-da-musica-no-desenvolvimento-das-crianca/>
Consulta: 02 de maio de 2019

<https://www.frasesparaface.com.br/ser-crianca-e-ter-a-capacidade-de-ser-feliz-com/>
Consulta: 18 de abril de 2019

<https://www.gazetadopovo.com.br/blogs/educacao-e-midia/por-que-contar-historias-criancas/> Consulta: 02 de maio de 2019

<https://www.portaleducacao.com.br/conteudo/artigos/educacao/por-que-contar-historias/24522> Consulta: 02 de maio de 2019

<https://www.unicef.org/angola/sites/unicef.org.angola/files/2018-05/11%20COMPROMISSOS%20V%C2%BA%20FORUM%20DA%20CRIAN%C3%87A%202.pdf>
Consulta 29 de julho de 2019

Os anexos estão disponíveis na versão CD

